



# PUC RIO

LAURA ANDREA MORAES DE BRITO

O CONCEITO FREUDIANO DE AFETO:  
UM ESTUDO CRÍTICO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1983.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea  
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil  
<http://www.puc-rio.br>

N.Cham. 150 B862 TESE UC

Titulo O conceito freudiano de afeto



EX.2 PUCB

0030605

BC - PUC

DOAÇÃO

LAURA ANDREA MORAES DE BRITO

UC19003-1

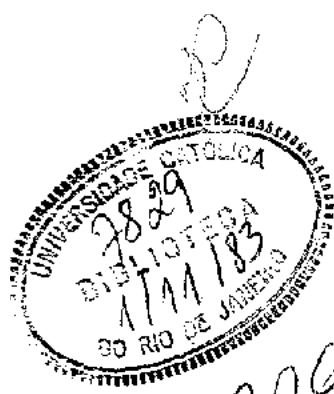
O CONCEITO FREUDIANO DE AFETO:  
UM ESTUDO CRÍTICO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Dr. Carlos Paes de Barros

Departamento de Psicologia  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1983



30605

150  
8862  
TESE UC  
UC-19005-1

Ao Dr. Carlos Paes de Barros,  
com açúcar, com afeto.

## Meus agradecimentos

- ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro;
- a Luiz Ricardo, Marcelo, Marci, Olga, Paulo e Sonia: no grupo, a origem;
- a Eduardo, pela lembrança do depois;
- a Heloisa, constante presença amiga;
- aos amigos, que me suportaram ao longo da realização deste trabalho;
- à família: Marcy, Therezinha e Nino.

## RESUMO

A partir da constatação da ausência de sistematização satisfatória da teoria psicanalítica dos afetos e da verificação da multiplicidade de sentidos em que o termo vem sendo empregado, temos como objetivo, neste trabalho, o exame dos conceitos de afeto na obra de Freud. Considerando o uso inconsistente e ambíguo verificado nesta mesma obra, pretendemos discriminar e articular nove conceitos que nos pareceram mais relevantes, a saber: quantidade de afeto, quota de afeto, afeto-nuclear,\* afeto-descarga,\* afeto-pallium,\* afeto-percepção,\* estrutura afetiva, estado afetivo e "afeto" (tal como aparece no "Projeto para uma Psicologia Científica"). Como alguns destes conceitos referem-se a fenômenos quantitativos e outros a fenômenos qualitativos, foi necessário um exame do manejo que Freud faz de quantidade e de qualidade. Também tornou-se imprescindível uma análise do aparelho psíquico já que, em algumas acepções, afeto corresponde a um evento que ocorre fora do aparelho psíquico e, em outras, refere-se a um evento de natureza psíquica. Com o estabelecimento dos diferentes conceitos de afeto, foi possível abordar as relações de tais conceitos com determinados tópicos da metapsicologia freudiana com os quais os primeiros encontram-se particularmente envolvidos; além disso, também examinamos os estados afetivos básicos (prazer, desprazer e angústia). Tomando como base a fundamentação teórica previamente efetuada

---

\* Estas expressões não aparecem na obra de Freud, correspondendo a conceitos introduzidos neste trabalho.

e a consideração de que, nos eventos psíquicos, há sempre o en-  
volvimento de aspectos cognitivos, afetivos, volitivos e moto-  
res, concluimos argumentando em favor da admissão da existência  
de estruturas afetivas (tanto pré-conscientes como inconscien-  
tes) e, por conseguinte, da possibilidade de ocorrência de esta-  
dos afetivos inconscientes.



## ABSTRACT

Considering the absence of a satisfactory systematization of the psychoanalytic theory of affects and the verification of a variety of meanings in which the word is being employed, we have proposed in this essay the study of the concepts of affect in Freud's work. In view of its inconsistent and ambiguous usage, we intend to discriminate and articulate nine concepts that seemed to be more relevant to us: quantity of affect, quota of affect, nuclear-affect, \* discharge-affect, \* pallium-affect, \* perception-affect, \* affective structure, affective state and "affect" (as it appeared in the "Project for a Scientific Psychology"). As some of these concepts refer to quantitative, and others to qualitative phenomena, it was necessary to investigate the concepts of quantity and quality in Freud's usage. It also became imperative an analysis of the psychic apparatus since in some meanings, affect corresponds to an event that occurs outside the psychic apparatus and in others to an event of psychic nature. With the introduction of various concepts of affect, it has been possible to study the relationship between such concepts and some topics of freudian metapsychology with which the former are particularly involved; besides, we have also investigated the basic affective states (pleasure, unpleasure and anxiety). Basing ourselves in the theoretical fundamentals previously established and in the consideration that

---

\* These expressions do not appear in Freud's work but are concepts that are being introduced by the autor.

in psychic events that is always the participation of cognitive, affective, volitive and motor aspects, we finish with an argumentation in favor of the admission of the existence - along with cognitive structures - of affective structures (both preconscious and unconscious) and, therefore, the possibility of occurrence of unconscious affective states.

## SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO .....	1
2 - A OPOSIÇÃO QUANTIDADE/QUALIDADE NA OBRA FREUDIANA .....	4
2.1. O problema da quantidade .....	4
2.1.1. As fontes energéticas .....	5
2.1.2. Quantidade de energia: fator intensivo X fator extensivo .....	7
2.1.3. Facilitação e memória. Inibição .....	14
2.2. O problema da qualidade .....	16
2.2.1. Qualidades sensoriais .....	17
2.2.2. Qualidades afetivas .....	18
2.2.3. Qualidades verbais .....	18
2.2.4. Agentes secundarizantes .....	27
3 - O APARELHO PSÍQUICO .....	31
4 - A CONCEITUAÇÃO DE AFETO .....	45
4.1. Quantidade de afeto e quota de afeto .....	45
4.2. Afeto-nuclear (afeto-variação de tensão em Psi Nuclear).....	49
4.3. Afeto-descarga .....	49
4.4. Afeto-pallium (afeto-variação de tensão em Psi Pallium) .....	50
4.5. Afeto-percepção .....	51
4.6. Estrutura afetiva .....	51
4.7. Estado afetivo .....	52
4.8. Afeto no "Projeto para uma Psicologia Científica" .....	54

5 - AFETO E METAPSICOLOGIA .....	55
5.1. Preliminares .....	55
5.2. Teoria da ab-reação .....	57
5.3. Teoria da defesa .....	59
5.4. Afeto no "Projeto para uma Psicologia Científica" .....	61
5.5. Afeto e sonhos .....	68
5.6. Afeto e repressão .....	76
6 - ESTADOS AFETIVOS .....	88
6.1. Prazer e desprazer .....	89
6.2. Angústia .....	99
6.2.1. Angústia econômica e sinal de angústia .....	99
6.2.2. Teoria da angústia econômica .....	103
6.2.3. Teorias, aparentemente contraditórias, que re- lacionam angústia e repressão .....	106
6.2.4. Resolvendo a contradição .....	113
7 - CONCLUSÃO .....	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	135

## 1 - INTRODUÇÃO

O tema do presente trabalho surgiu do interesse despertado por estudos anteriores sobre a metapsicologia freudiana. Ao depararmos com as questões sobre afeto inconsciente, fomos levados à pesquisa de outras fontes onde, surpresos, verificamos o quão obscuro é o próprio conceito de afeto na teoria psicanalítica. Apesar da clássica contribuição de Rapaport (86) e do extenso trabalho de Green (79), parece-nos que ainda não estão suficientemente esclarecidos os problemas que orbitam em torno do conceito, tornando-se necessários novos estudos do assunto.

O interesse permaneceu. Entretanto, foi com a proposta do presente trabalho que nossa investigação encontrou a possibilidade de ser ampliada. A partir da revisão da obra de Freud e da competente orientação de Barros, tornou-se possível a identificação daquilo que consideramos como os principais problemas para a compreensão do conceito de afeto. Por um lado, verificamos que não houve uma sistematização do conceito. Não há um único trabalho que lide exclusivamente com o afeto, apesar de o conceito ter atravessado toda a extensa obra freudiana. Deste modo, o conhecimento que se tem sobre afeto é basicamente inferido das formulações do autor sobre o princípio do prazer/desprazer; dos estudos sobre melancolia e mania, amor e ódio, medo e culpa; da concepção de conflito e de mecanismos de defesa contra a angústia e as psiconeuroses daí resultantes, particularmente na neurose obsessiva com predominância do afeto obsessivo.

Por outro lado, o termo afeto não comporta um sentido único na obra freudiana, sendo utilizado em sentidos muitas vezes

diferentes, embora o próprio Freud não perceba tais ocorrências.

O autor fala sobre afeto estrangulado nos "Estudos sobre a Histeria" (10) e sobre afeto penoso em "As Neuropsicoses de Defesa" (25). A nosso ver, ainda que o mesmo termo — afeto — seja utilizado, seu significado não é idêntico nas duas expressões. Na verdade, o que se verifica é que Freud utiliza a palavra afeto para compor nove conceitos, conforme será visto no capítulo 4.

Deste modo, o presente trabalho tem como objetivos específicos clarificar e articular entre si os conceitos relacionados ao termo afeto, além de efetuar uma re-leitura da obra freudiana a partir da conceituação proposta, a fim de tentar obter uma maior sistematização teórica.

Para tanto, necessitamos, inicialmente, fornecer um referencial teórico que possa situar o leitor na problemática envolvida com a conceituação de afeto. Isto é realizado no segundo capítulo, onde discutimos a abordagem quantitativa e qualitativa que Freud efetua sobre os processos psíquicos. Também é apresentado no terceiro capítulo, que examina o aparelho psíquico, utilizando basicamente a topografia do "Projeto", de 1895 (27).

O quarto capítulo é todo dedicado à conceituação de afeto, tarefa primordial dentro da perspectiva do trabalho.

O quinto capítulo aborda as relações desses conceitos com outros tópicos da metapsicologia freudiana, com os quais os primeiros estão particularmente envolvidos: ab-reação e defesa, sonhos, entre outros.

O sexto capítulo pretende compreender os estados afetivos básicos, a saber, os de prazer, desprazer e angústia.

O sétimo capítulo, finalmente, pretende fornecer um embasamento teórico a um conceito que será utilizado no decorrer de todo o nosso trabalho: o conceito de estrutura afetiva, ou seja, de um resíduo mnêmico para o afeto. Interessa-nos, em particular, o problema da estrutura afetiva inconsciente.

Tentamos, sempre que possível, manter a terminologia empregada na Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud. Preferimos, entretanto, utilizar o termo pulsão para traduzir o alemão Trieb, em lugar do instinto, proposto pela Standard, por considerarmos que, na língua portuguesa, o termo pelo qual optamos encontra-se consideravelmente menos contaminado, remetendo mais diretamente ao conceito freudiano. Nova opção foi feita em relação à tradução do termo Angst: preferimos a utilização uniforme do termo angústia, embora ansiedade seja a palavra empregada pela Standard Brasileira para traduzir o termo alemão, sendo reservado angústia apenas para Neurose de Angústia e Histeria de Angústia. Por outro lado, a terminologia proposta por Freud no "Projeto" foi frequentemente preferida às demais, utilizando-nos também da contribuição de Barros à compreensão da obra freudiana.

## 2 - A OPOSIÇÃO QUANTIDADE/QUALIDADE NA OBRA FREUDIANA

A concepção freudiana do psiquismo humano está marcada, desde seus primórdios, por uma dupla abordagem dos processos psicológicos. Por um lado, observa-se toda a preocupação do autor, em seguindo o paradigma científico natural de sua época, abordar os processos quantitativos que colocam em funcionamento o aparelho psíquico. Por outro lado, preocupa-se também em dar conta daqueles processos que se opõem à quantidade e que tem por característica a possibilidade de serem percebidos por um sistema apropriado — os processos qualitativos. Porque, como será discutido em seguida, a concepção freudiana de afeto também está marcada por esta dupla abordagem, consideramos indispensável um estudo mais aprofundado do que Freud entende por quantidade e por qualidade.

### 2.1. O problema da quantidade

A idéia da existência de uma energia psíquica é antiga, em Freud. Mesmo em 1888, no prefácio ao livro de Bernheim (5) e no verbete para a enciclopédia de Villaret (4) já há a preocupação com excitabilidade nervosa, embora aqui este termo seja descritivo de uma qualidade fisiológica. Mas Freud continua perseguindo um conceito quantitativo para aquilo com que lidou qualitativamente; afinal, havia sido aluno de Brücke, na Universidade de Viena e estava bastante influenciado por sua orientação física lista. Isto começa a se delinear nos "Esboços para a 'Comunicação Preliminar' de 1893" (8), um rascunho preparado juntamente com Breuer, em 1892. Entretanto, é no "Projeto para uma Psicoló



gia Científica" (27) que sua concepção sobre quantidade é formulada de maneira mais precisa.

### 2.1.1. As fontes energéticas

Impedido pelo princípio de conservação de energia, de Helmholtz, de postular um aparelho psíquico que gerasse energia suficiente para seu próprio uso, Freud é obrigado a procurar em outras fontes a energia necessária para o funcionamento deste aparelho. A partir daí, vai lidar com duas modalidades de uma mesma energia: uma, a "excitação neuronal como quantidade em estado fluente" (27, p. 396), que atinge o organismo a partir do meio externo (fonte exôgena) e a segunda, uma quantidade de excitação capaz de ser acumulada (catexia, *Besetzung*), que tem origem endôgena. A energia em fluxo livre está sujeita a uma pressão no sentido da descarga, a qual é determinada pelo Princípio de Inércia Neurônica. Já a catexia seria também uma quantidade de excitação fluente que, modificada pela estrutura do sistema que energiza, perde a capacidade de fluência, adquirindo a possibilidade de ser armazenada. Essa estrutura supõe barreiras de contato, as quais exercem resistências opostas à descarga. Como o sistema precisa de energia acumulada para atender às exigências vitais do organismo, não pode mais tolerar a descarga total de quantidade, imposta pelo Princípio de Inércia; assim, também este princípio se modifica e se empenha agora em manter a catexia

\* Para melhor compreensão dos Sistemas Neurônicos propostos por Freud em 1895, ver no capítulo 3 a discussão sobre aparelho psíquico.

"no mais baixo nível possível e de se resguardar contra qualquer aumento da mesma — ou seja, mantê-la constante" (p. 398). Tem-se aqui o enunciado do Princípio de Constancia.\*

Esta distinção entre modalidades de energia deve-se não somente à fonte energética, como também ao fato de que cada uma delas estimula um Sistema Neurônico específico. Não se pode esquecer que todo o "Projeto" é sustentado por duas hipóteses fundamentais. A primeira é a hipótese de uma quantidade, nos moldes em que se vem discutindo. A segunda é a de que esta quantidade caracteriza a atividade de determinadas partículas materiais, que seriam os neurônios.\*\* Assim, haveria duas classes de neurônios

os permeáveis ou Phi ( $\Phi$ ) que, por não apresentarem barreiras de contato, permitem o livre trânsito das quantidades de excitação e os impermeáveis ou Psi ( $\Psi$ ) que, por apresentarem barreiras de contato, oferecem resistência à passagem das quantidades de excitação. Tais neurônios organizam-se em Sistemas Neurônicos, com atividades e funções específicas. O Sistema Neurônico Phi é constituído de neurônios permeáveis. O Sistema Neurônico Psi, ou seja, aquele que é formado de neurônios impermeáveis, é concebido como estando diferenciado em dois níveis: Sistema Neurônico Psi Nuclear, que corresponderia especificamente à área do Sistema Nervoso que tem como concomitantes dependentes os fenômenos motores, reflexos, sensitivos, etc., estudados pela neurologia e Sistema Neurônico Psi Pallium, que corresponderia a outra área do

\* Sobre o Princípio de Constancia, ver item 2.1.2. do presente trabalho.

\*\* Para o estudo crítico do fisicalismo do "Projeto", sugere-se a leitura de Barros, 2, p. 65ff.

Sistema Nervoso que tem como concomitantes dependentes os fenômenos psíquicos. O Sistema Neurônico Psi Pallium está também diferenciado em Psi Pallium propriamente dito e Psi Pallium-inibido-pelo-ego.

Embora a concepção de fonte exógena não seja de todo abandonada em sua obra, Freud cada vez mais privilegia as fontes endógenas como geradoras de energia. É assim que, em 1915 (51) as fontes estão caracterizadas como possuindo uma natureza endógena, sendo definidas como entidades fisiológicas responsáveis por um processo somático que atinge o psiquismo, estimulando-o. É exatamente essa energia, gerada nas fontes que, quando entra no Sistema Nervoso, é armazenada sob a forma de catexia. Freud, contudo, não considera que o estudo das fontes seja concernente à Psicologia pois, embora o fato de nascer de fontes somáticas seja decisivo para uma pulsão, ela só se dá a conhecer por sua meta (Ziel).

2.1.2. Quantidade de energia: fator intensivo X fator extensivo.

Até agora, o termo quantidade vem sendo utilizado de forma um tanto indiscriminada. Entretanto, ao se percorrer a obra de Freud, verifica-se que o autor, ao lidar com a energia psíquica, utiliza uma enorme diversidade de termos, tais como Soma de Excitação, Quantidade de Excitação, Fator Quantitativo, Quantidade de Catexia, entre outros, o que conduz ao questionamento da correspondência entre tais termos.

Conforme foi anteriormente indicado, é nos "Esboços para a

'Comunicação Preliminar' de 1893" (8) que Freud começa a delinear a formulação quantitativa sobre a excitabilidade nervosa. Aqui, o Princípio de Constância da Soma de Excitação é formalmente enunciado: "O sistema nervoso procura manter constante, nas suas relações funcionais, algo que podemos descrever como soma de excitação" (p. 216, grifo do autor); para atingir esta finalidade disporia de mecanismos de deslocamento e descarga. Posteriormente, no segundo trabalho sobre neurose de angústia (30), de 1895, Soma de Excitação é definida como um Fator Quantitativo que corresponde à relação entre a carga total do sistema nervoso e a capacidade de resistência deste último. (p. 159). O conceito vai sendo progressivamente retomado. Em 1912, aparece em "Tipos de Desencadeamento de Neurose" (46) como a relação entre quantidade de libido e habilidade do ego para lidar com ela. Em "Alguns Mecanismos Neuróticos no Ciúme, na Paranóia e no Homossexualismo" (62), de 1922, o Fator Quantitativo é apresentado como função da relação entre quantidade de catexia e estrutura: "Parece-me que aqui temos uma descoberta importante, ou seja, que o fator qualitativo, a presença de certas formações neuróticas, possui menos significação prática que o fator quantitativo, o grau de atenção, ou mais corretamente, a catexia que essas estruturas podem atrair para si próprias" (p. 276). Volta ainda especificamente ao assunto em "Análise Terminável e Interminável" (74), de 1937, aí relacionando força da pulsão e força do ego. De qualquer maneira, verifica-se que, quer se trate de carga do sistema nervoso, quantidade de catexia, etc., o Fator Quantitativo está sempre colocado como função da relação entre uma quantidade de energia Q e uma estrutura C, seja esta sistema nervoso ou ego, podendo ser representado pela equação

$$I = \frac{Q}{C}$$

Deste modo, parece-nos inequívoco que uma coisa é falar sobre um Fator Quantitativo (ou Soma de Excitação, ou Tensão Libidinal, ou Nível de Catexias ou Intensidade Psíquica), referindo-se a um potencial energético e outra é falar sobre uma Quantidade de Energia (ou Quantidade de Excitação, ou Quantidade de Libido, ou Quantidade de Catexias ou Quantidades Endógenas), referindo-se a uma carga, a uma grandeza energética. Como a equação pode também ser escrita sob a forma

$$Q = I \times C$$

diríamos que o conceito de energia (a quantidade Q), em Freud, é a expressão de dois parâmetros conjugados: um fator intensivo (I) e um fator extensivo (C), referente a conceitos estruturais, à capacidade.

Agora é possível uma melhor compreensão do Princípio de Constancia da Soma de Excitação, anteriormente enunciado. Ele indica que haveria no sistema nervoso (C) uma certa quantidade de energia (Q) que lhe proporcionaria uma certa intensidade (I) fisiologicamente constante (ou melhor, um mínimo de intensidade adequada à exigência de trabalho normal do sistema nervoso). Havendo a entrada de nova quantidade de energia no sistema, uma nova relação se estabelece e, em consequência, a intensidade é elevada a um nível superior ao mínimo, tornando-se necessário algum tipo de providência para que a relação anterior seja restabelecida; deste modo, a constante volta a ser obtida. Então, parece indiscutível que o Princípio de Constancia indica a "tendência do sistema nervoso (e do aparelho psíquico) a manter constante, não

a quantidade de energia neurônica, mas o seu nível de intensidade" (Barros, 2, p.52).

Foi dito que o sistema nervoso precisa tomar algum tipo de providência para re-obter o nível constante. Para tanto é necessário que se altere um dos termos da equação anteriormente apontada. É possível que se descarregue a quantidade de energia, enviando-a para o soma, o que provoca manifestações viscerais e motoras. Outra maneira é a de deslocar a quantidade de energia, modo este que implica basicamente em ampliar o fator extensivo, já que, numa estrutura mais ampla, a mesma quantidade de energia irá estabelecer uma nova relação, onde o nível volta a ser preservado. Isto está claramente colocado no "Projeto": "Se o nível de catexização aumenta no núcleo do ego, a amplitude deste último poderá dilatar-se; se ele (o nível) diminui, o ego se constrangerá concentricamente" (27, p. 485). É nesse sentido que a associação verbal é eficiente para re-obter a constante pois, se se desloca a quantidade de energia que estava fora de nível em relação a um resíduo verbal para outro resíduo e mais outro, a área que essa quantidade estará afetando será bem mais extensa, de modo que, mudando a relação Q/C, fatalmente mudará o nível e o Princípio de Constancia poderá ser atendido. Entretanto, o termo deslocamento vai realmente adquirir um significado decisivo na obra de Freud quando ele postula a teoria da defesa\*; aí ver-se-á como a técnica da defesa consiste em deslocar a quantidade de energia de determinada área do aparelho psíquico que é

\* Ver capítulo 5, seção 5.3.

portadora de memórias angustiantes, remetendo tal quantidade para uma área considerada como positiva ou, pelo menos, indiferente.

Podem acontecer situações em que o que esteja em jogo seja a manipulação de uma categoria diferente das anteriormente apresentadas, isto é, situações em que o próprio I seja modificado. Tais situações — o desenvolvimento, a regressão e outras mudanças de personalidade — exigem a instauração de um novo nível no sistema. Para que este seja mantido, o sistema nervoso deve, conforme foi visto, manejar a quantidade de energia, através de descarga ou alterar o fator extensivo, através de deslocamentos. Esta categoria vai implicar, portanto, em mudanças estruturais no sistema: o sistema que anteriormente tolerava um nível I, passa agora a ser capaz de tolerar um nível I', que pode ser tanto superior quanto inferior ao primeiro nível.

Se há volta à constante através da manipulação do próprio parâmetro que foi alterado, então fala-se numa restauração colinear da constante. Isso acontece, por exemplo, quando, com a entrada de quantidade de energia no sistema nervoso, essa mesma quantidade é descarregada a fim de recobrar a constante. Por outro lado, se há volta ao nível constante através da manipulação de um parâmetro diferente daquele que foi alterado, então pode-se falar numa restauração ortogonal do equilíbrio; por exemplo, quando há aumento do nível por entrada de quantidade de energia e o equilíbrio é recuperado através da ampliação da área que ela energiza. Já a modificação do I implica no deslocamento do equilíbrio energético para um novo ponto.

Poder-se-ia pensar que, então, o funcionamento ideal do sis

tema implicaria na permanente manutenção do nível dentro da constante. Isso, entretanto, não é possível pois sempre haverá uma fonte somática que, entrando em estado de carência, remeterá energia para o sistema nervoso, alterando o nível. Paralelamente, a manutenção do nível constante também não é interessante já que, se o nível não saísse da constante, o aparelho psíquico sequer tomaria conhecimento do que está acontecendo com o corpo, pois somente as alterações no nível podem ser percebidas e informadas ao psiquismo, constituindo-se como qualidades afetivas, conforme ver-se-á posteriormente; dentro da faixa constante, não há possibilidade de percepção. Este ponto está bem discutido no "Ras cunho E":

"Aqui podemos supor que a tensão endôgena cresce ou continuamente ou de modo interrompido, mas, em todo caso, só é percebida quando atingiu um determinado limiar. É somente acima desse limiar que a tensão passa a ter significação psíquica, que entra em contato com determinados grupos de idéias que, com isso, passam a buscar soluções" (16, p. 265, grifos do autor).

Freud, entretanto, apenas considera alteração da constância aquilo que modifica o nível no sentido de aumento. Consideramos, diversamente, que a alteração pode ser efetuada tanto no sentido de aumento quanto no de diminuição. A neurastenia por exemplo, é um caso em que se pode verificar a citada diminuição do nível como um abalo no equilíbrio do sistema, na medida em que Freud considera que ela implica num decréscimo de energia causado por masturbação excessiva (que envolve, portanto, um excesso de descarga) ou por um defeito da fonte somática (que envia uma quantidade de energia insuficiente para atender a exigência de trabalho normal do sistema). Nessa perspectiva, haveria qua



tro casos possíveis de alteração do nível:

- . aumento do nível porque, mantida a mesma estrutura, houve a entrada de nova quantidade de energia;
- . aumento do nível porque, mantida a mesma quantidade de energia, esta passou a energizar uma estrutura menos ampla, mais concêntrica;
- . diminuição do nível porque, mantida a mesma estrutura, houve descarga excessiva de quantidade de energia ou pouca entrada de quantidade no sistema, por defeito na fonte;
- . diminuição do nível porque, mantida a mesma quantidade de energia, esta passou a energizar uma estrutura mais ampla.

A energia gerada pelas fontes somáticas, como já se viu, só recebe o nome de catexia quando acumulada, armazenada no sistema neurônico Psi podendo, portanto, ser considerada como a energia total do sistema neurônico Psi (Psi Nuclear, Psi Pallium e Psi Pallium-inibido-pelo-ego) (cf. I, p. 81). O conceito de catexia, entretanto, deve ser distinguido do de energia psíquica, que corresponde à energia total do aparelho psíquico (Psi Pallium e Psi Pallium-inibido-pelo-ego). A energia psíquica corresponde, além do mais, à soma das diferentes qualidades de energia (libidinal,\* agressiva, neutra,...) que circulam no aparelho psíquico. Como todas essas formas, além de terem origem somática, podem ser retidas, poder-se-ia dizer, com maior especificida

\* Assim, a energia libidinal é apenas uma forma particular de energia que circula no aparelho psíquico; sua fonte está na química das glândulas sexuais e a sua função é a de energizar o "grupo de idéias sexuais" que está representado no psiquismo.

de, que a energia psíquica corresponde à catexia total do aparelho psíquico, podendo ser representada pela equação:

$$Q_{\text{energia psíquica}} = q_1 + q_2 + \dots + q_n$$

Como cada uma das quantidades é função dos parâmetros de intensidade e extensidade apontados, poder-se-ia dizer melhor que :

$$Q_{\text{energia psíquica}} = q_1^{(I \times C)} + q_2^{(I \times C)} + \dots + q_n^{(I \times C)},$$

onde a própria quantidade de energia psíquica também é função de fator intensivo e fator extensivo.

### 2.1.3. Facilitação e memória. Inibição

Retornando ao "Projeto" (27), verifica-se que a característica de impermeabilidade atribuída aos neurônios Psi cria um problema: se estes neurônios forem totalmente impermeáveis, a energia irá se acumulando até o ponto de saturação do sistema. Além disso, tais neurônios estão sujeitos à imposição do Princípio de Constância. Deste modo, é necessária a existência de alguma possibilidade de descarga, o que é atendido através do processo de facilitação neuronal. A facilitação visa aumentar a permeabilidade (condutibilidade) dos neurônios Psi, ou seja, torna as barreiras de contato existentes entre esses neurônios mais capazes de conduzir a excitação, já que diminui a resistência que elas oferecem. Este fenômeno pode ocorrer, por um lado, em função da quantidade de catexia que passa por uma via neuronal no processo de excitação, isto é, quando a quantidade de

catexia é superior à resistência oferecida pelas barreiras. Por outro lado, a facilitação pode ocorrer em decorrência do número de vezes que o processo de excitação se repete. Isso quer dizer que, embora uma determinada quantidade de excitação possa não superar a resistência da barreira, ela irá diminuir tal resistência, aumentando a permeabilidade. Com a resistência diminuída, uma quantidade seguinte, ainda que de grandeza idêntica à primeira, poderá superar a resistência, ocorrendo a condução.

\* Intimamente relacionada ao processo de facilitação, a memória é uma função dos neurônios Psi. Embora tais neurônios sejam suscetíveis de registrar engramas (resíduos mnêmicos), esta inscrição não é qualitativa. A especificidade de um engrama é conferida pela sequência de vias seguidas pela excitação em seu curso, ou seja, por uma determinada sucessão de escolhas numa série de bifurcações de vias neuronais. É justamente o processo de facilitação que viabiliza as escolhas pois, numa bifurcação, a via pela qual a excitação opta encontra-se facilitada, enquanto a outra opõe resistência. Deste modo, Freud representa a memória "pelas diferenças de facilitação entre os neurônios  $\Psi$ " (p. 401, grifo do autor) pois, se todas as barreiras estivessem igualmente facilitadas, não seria possível compreender porque uma via teria prioridade sobre a outra. Estando inscrito um engrama, a facilitação adquire um caráter permanente e a própria memória passa a funcionar como orientadora da via que a excitação segue.

Freud descreve um outro mecanismo no processo de condução do estímulo nervoso, ao verificar que tal processo ocorre mais facilmente na direção de um neurônio catexizado do que na de um

Realização — patz 16  
Realização  
afeto — n. Realiza  
a transferência  
estar satisfeito

não catexizado. Deste modo, um neurônio catexizado funciona como uma espécie de ímã sobre as quantidades de excitação e a este mecanismo Freud denomina facilitação temporária. Assim, a quantidade de excitação não só se encaminhará para a barreira mais facilitada (no caso da facilitação permanente) como também em direção a um neurônio catexizado. Os dois fatores podem unir forças no sentido da condutibilidade, caso o neurônio catexizado diminua ainda mais a resistência no próprio curso que a excitação estava previamente seguindo. Entretanto, os dois fatores podem antagonizar-se, caso o neurônio catexizado modifique o curso prévio da excitação, instaurando um novo curso através da catexia colateral. Paralelamente à facilitação temporária da nova via, o que se verifica é a diminuição da condutibilidade da via seguida previamente pela excitação, ou seja, um aumento da resistência desta via. É precisamente uma ação inibitória deste tipo que o ego irá exercer sobre os processos psíquicos primários.\*

## 2.2. O problema da qualidade

No "Projeto para uma Psicologia Científica" (27), preocupado com os processos psíquicos conscientes, Freud vê-se envolvido com o problema da qualidade pois, embora seja a consciência que forneça as qualidades, seu conteúdo forçosamente deve ser situado entre os processos quantitativos que constituem a

\* Ver a discussão sobre o Sistema Neurônico Psi Pallium-inibido-pelo-ego, capítulo 3 do presente trabalho.

tônica dessa obra. As qualidades, porém, não apresentam nenhum aspecto quantitativo, o que cria o problema de qual seria sua origem. Freud discute que elas não se originariam no mundo externo, pois lá só existiriam quantidades. Também não no sistema Phi porque isto entraria em contradição com a hipótese de a consciência situar-se em níveis mais altos do sistema nervoso. Tampouco originar-se-iam no sistema Psi pois, tendo este sistema a memória como um de seus processos, não poderia fornecer as qualidades já que, para o autor, uma recordação é sempre destituída de qualidade. Deste modo, introduz o Sistema Neurônico Omega,\* destinado à percepção e que funciona através de uma característica temporal, a qual é denominada período. Portanto, qualidade passa a ser identificada com aquilo que é capaz de ser percebido. Em sua obra, Freud fala basicamente em três tipos de qualidade, que serão discutidos em seguida.

### 2.2.1. Qualidades sensoriais

Ainda no "Projeto", Freud define qualidade como "sensações diferentes numa ampla gama de variedade e cuja diferença se discerne em função de suas relações com o mundo externo" (27, p. 410); tal definição, entretanto, parece estar muito mais adequada às qualidades sensoriais. Deste modo, estas qualidades seriam aquelas que são provenientes do mundo físico: impressões do tipo forma, cor, cheiro, tamanho, som, temperatura, ou seja,

\* Ver a discussão deste sistema no capítulo 3 do presente trabalho.

tudo o que impressiona a superfície sensorial do corpo e que es-  
teja contido no espectro de possibilidade de percepção; tudo a-  
quilo que estiver além desse espectro seria apenas quantidade.  
Seria interessante notar, porém, que a concepção de período, vin-  
culada à teoria sobre ondas luminosas e sonoras da época, nem  
sempre é aplicável às qualidades sensoriais. O argumento que se  
pode mais facilmente contrapor àquele de período é o do olfato,  
que depende de substâncias químicas, não sendo possível sua com-  
preensão através da característica temporal inicialmente propos-  
ta por Freud.

#### 2.2.2. Qualidades afetivas

\* Um outro tipo de qualidade discutido pelo autor é aquele  
que se poderia denominar qualidades afetivas, já que correspon-  
dem às sensações inscritas na série prazer/desprazer. São ori-  
undas das oscilações tensionais do organismo, basicamente no  
sistema Psi Nuclear. Como as qualidades afetivas sobrepõem-se  
aos estados afetivos de prazer, desprazer e angústia, a discus-  
são de tais qualidades será efetuada posteriormente, no decorrer  
do sexto capítulo do presente trabalho.

#### \* 2.2.3. Qualidades Verbais ✓

\* O início da preocupação de Freud com a palavra é encontra-  
da na monografia sobre a afasia (6), de 1891. Embora aqui o en-  
foque seja basicamente de ordem anatômica e fisiológica, já o  
ponto de vista psicológico do autor sobre o papel da palavra en-

quanto qualidade psíquica começa a se delinear. É assim que a considera como uma representação complexa à qual corresponde um intrincado processo associativo, no qual se reúnem elementos de origem visual, acústica e cenestésica. Dentre tais elementos, Freud aponta os quatro componentes da apresentação da palavra: a imagem sonora, a imagem visual da letra, a imagem motora da fala e a imagem motora da escrita. Entretanto, a palavra só vai adquirir um significado na medida em que se une a uma apresentação de objeto que, por sua vez, também vem a ser um complexo associativo formado por uma enorme diversidade de apresentações visuais, acústicas, táteis, cenestésicas, etc. Essa abordagem vai frutificar no decorrer da obra freudiana, particularmente em "O Inconsciente" (53), que será examinada ainda nesta seção.

No "Projeto" (27), de 1895, a questão volta a ser enfocada. Ao tentar encontrar um critério psicológico efetivo para distinguir entre percepção e lembrança, Freud volta a fixar-se no fato de que considera uma recordação como desprovida de qualidade. Assim, um elemento psíquico que fosse acompanhado de algum tipo de qualidade seria necessariamente consciente já que as qualidades estão intimamente relacionadas à consciência. Tendo examinado as qualidades sensoriais e aquelas que denominamos afetivas, volta-se agora ao exame das associações verbais, sobre as quais conclui também funcionarem como qualidades, na medida em que são igualmente capazes de conferir consciência e realidade (pelo menos enquanto realidade psíquica) a um conteúdo mental. A respeito das associações verbais, retoma em parte o enfoque da monografia sobre a afasia (6) ao colocar que tais associações consistem na vinculação de neurônios Psi, responsá

veis pela imagem verbal, com neurônios utilizados pelas representações sonoras; estes, por sua vez, encontram-se em íntima conexão com imagens verbais motoras. Como a preocupação aqui é com as quantidades de excitação (além da hipótese sobre os neurônios), prossegue delimitando o caminho percorrido pela excitação quando da inervação destas associações: ela "... passa da imagem sonora para a imagem verbal e desta para a descarga." (27, p. 479), descarga esta que constitui uma indicação de qualidade e também, conseqüentemente, indicação de que a lembrança é consciente (p. 479). Além disso, as indicações da descarga verbal "equiparam os processos de pensamento com os perceptivos, conferindo-lhes realidade e possibilitando a sua lembrança" (p. 480, grifo do autor). No "Projeto", inclusive, retoma o conceito de apresentação de objeto, introduzido na monografia sobre a afasia (6): embora agora receba o nome de coisa (27, p. 438, 481) ou complexo-coisa (p. 502) é novamente a bordada como um complexo associativo estruturado a partir de percepções visuais, cenéticas, sonoras não verbais, etc., e que funciona como um substrato da palavra na medida em que lhe outorga um significado. O termo representação de palavra, já utilizado na "Afasia" (6) e consagrado em "O Inconsciente" (53), aparece duas vezes no texto do "Projeto" (26, p. 502, p. 506).

Em 1900, na "Interpretação dos Sonhos" (36), a perspectiva de Freud não está diferente. Volta a falar das qualidades sensoriais como um dos caminhos para a conscientização. Paralelamente, discute que os processos psíquicos, inclusive os pré-conscientes, não possuem qualquer qualidade e que só podem se tornar objetos da consciência enquanto acompanhados por pra

clínica → ga



zer ou por desprazer, isto é, por uma qualidade afetiva. Fala ainda do terceiro caminho para a conscientização, o qual se tornou necessário, no decorrer do desenvolvimento, a fim de tornar o curso das idéias menos dependente da presença ou ausência de qualidades afetivas.

"Para esse fim, o sistema Psc. precisava pos-  
suir qualidades próprias que pudessem atrair a  
consciência e parece altamente provável que ele  
as obteve ligando os processos pré-conscientes  
com o sistema mnemônico de símbolos linguísti-  
cos, sistema não desprovido de qualidades. A  
través das qualidades desse sistema, a consci-  
ência, que fora até então um órgão sensorial  
somente para percepções, tornou-se também um  
órgão sensorial para uma parte de nossos pro-  
cessos de pensamento. Desta maneira, existem  
agora, por assim dizer, duas superfícies senso-  
riais, uma dirigida para a percepção e a outra  
para os processos de pensamento pré-conscientes"  
(p. 612, grifo do autor).

Desta forma, o sistema Ômega do "Projeto" (27) fica, as-  
sim, incorporado à própria instância consciente, pelo menos no  
que diz respeito à percepção das qualidades psíquicas.

No artigo "O Inconsciente" (53), de 1914, a preocupação  
com as qualidades verbais aparece vinculada a um problema que  
acompanha o autor durante todo o trabalho, a saber: o que acon-  
tece quando um ato psíquico é transposto do sistema Ics para o  
Pcs-Cs? Em resposta, Freud pensa em duas hipóteses:

- . Topográfica. Com a passagem para o outro sistema aparece uma  
segunda inscrição da representação em questão, inscrição esta  
que poderá situar-se na nova localidade psíquica e junto à  
qual continua existindo a primeira inscrição.
- . Estado Funcional. A passagem de um sistema para o outro con-  
siste numa mudança de estado, que tem efeito na mesma repre-

*uma bilhete  
dentro*

sentação e na mesma localidade psíquica.

Durante o desenvolvimento do artigo, Freud vai oferecendo pontos a favor ora de uma, ora de outra hipótese, mas é no de correr da seção VII que o problema é resolvido, aparentemente sem compromisso com qualquer uma das duas hipóteses. Diz o autor:

"O que livremente denominamos de apresentação consciente do objeto pode agora ser dividido na apresentação da palavra e na apresentação da coisa, pelo menos de traços de memória mais remotos derivados delas" (p. 229, grifos do autor).

Continuando, coloca que a apresentação inconsciente é apenas a apresentação de coisa, enquanto que a apresentação consciente abraça ambas, coisa e palavra vinculada a ela. Assim, o sistema Pcs. vai ocorrer quando a apresentação de coisa é hipercatexizada através da ligação com a correspondente apresentação de palavra; tal hipercatexia permite a instauração de um nível de organização psíquica mais elevado, o qual se manifesta pelo domínio do processo psíquico secundário sobre o sistema Pcs. É de se supor que, em relação às qualidades sensoriais e afetivas estudadas pelo autor em outras obras (27, 35) como igualmente funcionando como agentes secundarizantes, o mesmo processo de hipercatexização ocorra. Se, à primeira vista, parece que tanto a hipótese topográfica quanto a de mudança de estado funcional são afastadas, um exame mais detalhado sugere que, se houve secundarização, então houve uma modificação da energia que catexiza a representação, que passa a ser a catexia ligada do processo psíquico secundário: isto implica, portanto, numa mudança de estado funcional. Por outro lado, acontece aqui também uma

mudança topográfica pois, secundarizando, a representação ins creve-se num novo sistema, a saber, o sistema Pcs. Assim, con sideraríamos mais acertado nomear metapsicológico — e não, sim plesmente, topográfico ou funcional — o critério envolvido na transposição de um ato psíquico para o sistema Pcs.

Voltando mais especificamente ao problema das qualidades verbais, vê-se que o que aqui Freud denomina apresentação de coisa é o mesmo que denominou apresentação de objeto (6) e coisa ou complexo coisa (27). A apresentação do objeto, em "O Inconsciente" (53) é um complexo formado de apresentação de coisa e a apresentação de palavra; este termo, entretanto, não encontra e quivalência nos trabalhos anteriores mencionados. Quanto à co locação de "O Inconsciente" (53), restaria ainda discutir que embora as apresentações de coisa originem-se de percepções sen soriais, assim como as apresentações de palavra, tais resíduos já não retêm nada de suas catexias perceptivas originais pois, caso retivessem, as apresentações de objeto seriam, por defini ção, passíveis de conscientização imediata. Desta forma, para que se tornem conscientes, as apresentações de objeto precisam do reforço de novas qualidades e, para esse reforço, Freud pri vilegia as qualidades verbais. Assim, o que na "Interpretação dos Sonhos" (36) o autor abordava como um recurso para tornar o fluxo de idéias menos dependente da presença ou ausência de qua lidades afetivas, torna-se quase onipotente como agente de se cundarização.

Até agora, o termo qualidade aparece sempre com a mesma caracterização adquirida no "Projeto" (27), ou seja, como aqui lo que se opõe à quantidade e que é perceptível. Embora esta

utilização do termo permaneça presente na obra de Freud, um novo significado, discutido em "O Ego e o Id" (63), de 1923, sobrepõe-se a ela. Em "O Inconsciente" (53), Freud lidava com inconsciente, pré-consciente e consciente como índices de que as representações pertenciam ao sistema Ics ou ao sistema Pcs-Cs e que, respectivamente, estariam sujeitas às leis do processo psíquico primário ou às do processo psíquico secundário. Entretanto, com a mudança de topografia estabelecida em "O Ego e o Id" (63), percebe que o fato de uma representação ser inconsciente não significa necessariamente que esteja sujeita às leis do processo psíquico primário, pois pode-se tratar de uma representação que esteja incluída na área inconsciente do ego, estando, portanto, secundarizada. Deste modo, inconsciente, pré-consciente e consciente não mais remetem diretamente a primarização ou secundarização e Freud propõe que sejam vistos como meras qualidades psíquicas. Assim, inconsciente passa apenas a ter o valor de denotar que uma representação não tem acesso à consciência; pré-consciente, de denotar que tem possibilidade de tornar-se consciente e consciente, que a representação já o é. Excetuando-se o ângulo de perda de valor como índice de primarização ou secundarização, uma análise mais aprofundada dos dois usos do termo qualidade revela que, na verdade, eles não diferem acentuadamente entre si. Até agora, Freud vem lidando com os fenômenos exógenos, endógenos ou endopsíquicos como podendo ou não serem portadores de qualidade ou, melhor dizendo, como tendo a qualidade de ter qualidade ou de não a ter. Por exemplo, um fenômeno do mundo físico pode-se constituir numa qualidade para o psiquismo ou não — um objeto tem forma, cor, etc.,

e isto se constitui em qualidade; entretanto, se o mesmo objeto estiver no escuro, suas propriedades não mais se constituem em qualidade para o psiquismo, pois sequer são capazes de impressionar o sistema perceptual. No novo sentido ora introduzido, Freud lida basicamente com as qualidades endopsíquicas, na verdade com uma compreensão bastante aproximada da anterior. Agora, um fenômeno psíquico é inconsciente porque não tem qualidade (ou melhor, por ter a qualidade de não ter qualidade) e, aqui, a percepção não é possível. O fenômeno pré-consciente tem qualidade e isto indica a possibilidade de percepção. A representação consciente, além de ter qualidade, tem também a característica de já ter sido percebida.

*apto = co = ...  
... qual*

Na mesma obra, pode-se notar o motivo que faz com que Freud privilegie o papel das qualidades verbais como agentes secundarizantes. Ao afirmar que os resíduos verbais derivam basicamente das percepções sensoriais, que os resíduos mnêmicos óticos seriam o constituinte básico da apresentação de coisa, dá-se conta de que não pode negar o papel desempenhado pelas percepções sensoriais. Deste modo, volta a aceitar a possibilidade de "processos de pensamento tornarem-se conscientes mediante uma reversão a resíduos visuais" (63, p. 34). Mas, ao refletir sobre os sonhos e as fantasias pré-conscientes, mostra, como, no pensamento visual, o que se torna consciente

"é, via de regra, apenas o tema geral concreto do pensamento, e que as relações entre os diversos elementos desse tema geral, que é o que caracteriza especialmente os pensamentos, não podem receber expressão visual" (p. 34, grifo nosso).

Ou seja, os elementos da sintaxe não podem ser conscientizados

L  
L  
L

via qualidades sensoriais: apenas o podem aqueles elementos que possuam um suporte perceptual. Embora Freud tenda a considerar perceptual e visual como sinônimos, esta parece-nos uma sobreposição inadequada, já que o suporte perceptual de um elemento não precisa ser necessariamente visual. De qualquer maneira, parece que é o fato de que as qualidades verbais são as únicas capazes de assegurar a conscientização das relações sintáticas que faz com que Freud as privilegie em relação às qualidades sensoriais e afetivas. Assim, "Pensar em figuras (...) é apenas uma forma muito incompleta de tornar-se inconsciente" (p. 34). Entretanto, o autor abre um espaço que definitivamente assegura a necessidade e o lugar das qualidades sensoriais e afetivas en quanto agentes <sup>psic. secundários?</sup> secundarizantes. Ao discutir a formação do ego, Freud introduz um fator auxiliar para sua diferenciação a par tir do id. Diz ele:

"O próprio corpo de uma pessoa e, acima de tudo, a sua superfície, constitui um lugar de onde podem originar-se sensações tanto externas quanto internas. Ele é visto como qual quer outro objeto, mas, ao tato, produz duas espécies de sensações, uma das quais pode ser equivalente a uma percepção interna" (p. 39, grifo do autor).\*

As sensações externas a que o autor se refere são aquelas provenientes da percepção sensorial, enquanto que as sensações internas são aquelas provenientes da percepção afetiva. O ego, que é sobretudo corporal, como se vê, necessita também das qualida

\* A citação é literal. Julgamos, entretanto, que quando o autor refere-se a tato enquanto percepção interna, na verdade deve estar se referindo a percepção cenestésica.

des sensoriais e afetivas para sua constituição.

#### 2.2.4. Agentes secundarizantes

Nesse momento, poder-se-ia questionar se as qualidades afetivas, sensoriais e verbais seriam os únicos agentes secundarizantes existentes. Julgamos que não. Ainda em "O Ego e o Id" (63), Freud remete-nos à análise do conceito de identificação, análise esta que nos faz perceber um espaço que está pronto para receber a introdução de novos agentes secundarizantes. Tentando não nos afastar demais dos objetivos do presente trabalho, procederemos a um estudo sintético da identificação.

O conceito não é inaugurado nesse livro, tendo aparecido anteriormente, por exemplo nos trabalhos ["A Interpretação dos Sonhos" (36), "Três Ensaios sobre a Sexualidade" (37), "Sobre o Narcisismo: uma introdução" (49) e "Psicologia de Grupo e Análise do Ego" (61)], estando em íntima conexão com o conceito de narcisismo. Sabe-se que a criança, ao nascer, encontra-se em um estado de total desamparo e que necessita de um outro ser humano que supra suas necessidades de alimentação, cuidado e proteção — a mãe ou seu substituto. Se a criança já nasce dependendo de outra pessoa, ela é passiva, ou seja "sofre as ações que os outros determinam" (81, p. 89) e, através da identificação, estabelece o primeiro laço emocional com uma outra pessoa. Posteriormente, novas identificações vão se estabelecendo, inclusive aquelas pertencentes à estrutura do complexo de Édipo, devidas ao caráter triangular da situação edipiana e à bissexualidade de cada indivíduo. Toda essa série de identificações vai

sendo incorporada ao psiquismo da criança, a ponto de ego e superego serem instâncias basicamente constituídas por identificações que "correspondem ao restos representacionais do que anteriormente era um relacionamento externo" (p. 88). Processo que "esforça-se por moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo" (61, p. 134), não deve ser confundido com a imitação: esta implica em absorver elementos, enquanto a identificação implica em assimilar relações. O que julgamos importante nesse processo — e quanto ao contexto de nossa discussão — é o fato de que ele ênfatiza a necessidade de outro ego para que um ego possa se constituir como tal. Em outras palavras, a existência de um corpo é condição necessária, mas não suficiente, para a constituição de um psiquismo secundarizado: é preciso que esse psiquismo entre em contato com um outro psiquismo já desenvolvido para que possa moldar seu próprio ego, tomando aquele ego secundarizado como modelo. Além disso, ao considerar o ego como "uma parte especialmente diferenciada do id", id que herda o ego filogenético, ou seja, "resíduos das experiências de incontáveis egos", Freud aponta que "quando o ego forma seu superego a partir do id, pode talvez estar apenas revivendo formas de antigos egos e ressuscitando-as" (63, p. 53). Parece-nos que a própria diferenciação do ego pode ser vista como uma atualização, a partir de identificações, deste mesmo ego filogenético. Se concordamos que a instauração da linguagem envolve algo mais do que a percepção sensorial, então julgamos que somos levados a admitir que também quanto à percepção de traços, de relações entre seres humanos necessitamos de algo além dessa percepção. Se qualidade,



na acepção em que estamos lidando, é aquilo que, além de impressionar o sistema perceptual, tem a possibilidade de ser interpretado, ou seja, é aquilo que é percebido e apercebido, então aqui nos deparamos com um outro tipo de qualidade, vinculada às relações objetais e às identificações; a este tipo, poderíamos denominar qualidades sociais, sendo que consideramos que também elas apresentam uma atuação secundarizante. Além disso, se admitirmos tal papel para as qualidades sociais, podemos igualmente pensar em dois outros campos com idêntica função: as qualidades matemáticas e as qualidades lógicas.

Isto porque o próprio termo hipercatexia (53) exige uma atenção especial. Sua função é a de transformar a catexia livre\* do processo psíquico primário na catexia ligada\* que caracteriza a maior estruturação do processo psíquico secundário. Entretanto, fica-se sem saber porque uma qualidade, percebida, tem a capacidade de efetuar esta transformação. Sugerimos que isto está ligado a dois fatores. Em primeiro lugar, se tomarmos, por exemplo, as qualidades verbais, concluiremos que não é a palavra em si que apresenta a dimensão secundarizante, mas a palavra enquanto pertencente à estrutura da Língua, e é esta estrutura que tem a possibilidade de efetuar a transformação da catexia livre em catexia ligada. Por outro lado, mesmo a estrutura da Língua não apresentaria tal possibilidade caso não estivesse representada no psiquismo. Uma palavra em inglês, por exemplo, não teria qualquer ação secundarizante para um indivíduo que des

\* Os conceitos de catexia livre e catexia ligada serão discutidos durante o próximo capítulo.

conhecesse a língua inglesa, ou seja, que não possuísse uma representação psíquica desta língua, embora ela mesma seja altamente estruturada. O mesmo acontece com os outros tipos de qualidade apontados: qualidades afetivas são secundarizantes porque pertencentes à estrutura biológica e porque representadas no psiquismo, qualidades sensoriais porque pertencentes à estrutura do mundo físico e porque possuem representação psíquica. É ainda nesse sentido que nos julgamos autorizados a propor as qualidades sociais já que, como vimos, possuem a requerida representação e são pertencentes ao altamente estruturado mundo social. Com a Matemática e a Lógica acontece o mesmo. Havendo a estrutura da Matemática no mundo externo e um sistema perceptual apto para ser impressionado pelos dados matemáticos, isto atua como qualidade na medida em que, havendo representação psíquica para a Matemática, o psiquismo tem possibilidade de interpretar e organizar tais dados. Idêntico processo é verificado em relação às qualidades lógicas: são secundarizantes porque pertencentes à estrutura da Lógica e porque possuem uma representação psíquica que permite sua apercepção.

### 3 - O APARELHO PSÍQUICO

A posição monista materialista, assumida metateoricamente por Freud, conduz o autor a uma visão dos processos psíquicos como concomitantes dependentes (epifenômenos) de processos físicos. Assim é que constrói hipoteticamente, de acordo com o modelo do arco reflexo elementar e segundo uma perspectiva evolucionista, um aparelho psíquico que corresponde

"... ao cenário onde se desenrolam determinados processos neurofisiológicos, cujos concomitantes epifenomênicos são considerados (arbitrariamente) como as manifestações psicológicas da personalidade, isto é, como os dados fenomenais afetivos, cognitivos ou volitivos, tanto normais como patológicos" (Barros, 2, p. 43, grifos do autor).

Deste modo, o aparelho psíquico corresponde a uma região fisicamente existente do corpo, mas que ainda não pode ser localizada anatômicamente. O órgão corporal dos processos psíquicos é o cérebro ou, mais propriamente, o sistema nervoso; entretanto, a relação existente entre o órgão corporal e aquilo que se conhece como processos psíquicos é ignorada. O objetivo da Metapsicologia freudiana é, justamente, o estudo da estrutura e do funcionamento do aparelho psíquico, de acordo com seu Ponto de Vista Dinâmico, Econômico e Topográfico.

Utilizando basicamente a concepção de 1895, procederemos à montagem do aparelho psíquico, introduzindo sempre que possível as reformulações estabelecidas posteriormente.

No "Projeto para uma Psicologia Científica" (27), Freud propõe hipoteticamente um sistema nervoso que se constitui de sistemas neurônicos interligados, diferenciados em níveis hierárquicos.

rárquicos. Como o sistema nervoso pode ser estimulado a partir de fontes exógenas ou endógenas, propõe primeiramente dividir o sistema neurônico em duas instâncias.

O Sistema Neurônico Phi ( $\Phi$ ) é o mais primitivo dos sistemas. Tendo como função a tomada de contato com o mundo externo, esse sistema é formado por neurônios permeáveis, ou seja, por neurônios que, por não possuírem barreiras de contato, não apresentam a capacidade de armazenar energia, estando esta em fluxo livre. É regulado pelo Princípio de Inércia Neurônica, segundo o qual os neurônios do sistema tendem a descarregar qualquer excitação que recebam, acionando respostas motoras a princípio indiferenciadas mas que, no curso da aprendizagem filogenética, evoluem para o reflexo de fuga. O sistema Phi é, portanto, o palco de ação da Função Neurônica Primária (descarga, fuga).

O Sistema Neurônico Psi ( $\Psi$ ) é um sistema mais evoluído do que o anterior, desenvolvido no decorrer da filogênese e sob a pressão das exigências da vida. Tem como função básica receber e descarregar excitações de origem somática (fontes endógenas). Na medida em que o organismo não pode simplesmente fugir da excitação interna e que esta cessa unicamente "mediante certas condições que precisam realizar-se no mundo externo" (p. 397), o sistema deve ser capaz de tolerar um acúmulo energético que seja suficiente para atender às exigências da ação específica, isto é, a ação que é capaz de suprimir a excitação e que, portanto, implica na execução de um reflexo adequado sobre um objeto adequado. Deste modo, a excitação não mais se encontra em fluxo livre e sim é armazenada (catexia, Besetzung), com o auxílio de barreiras de contato. Os neurônios do sistema Psi, a partir

de desenvolvimentos filogenéticos posteriores, vão-se diferenciar em duas classes:

a) Sistema Neurônico Psi Nuclear (YN):\* é o sistema mais propriamente conectado com as fontes endógenas, de onde recebe estimulação; está conectado também com polos de descarga motora e com o Sistema Neurônico Psi Pallium (v. adiante). É regulado pelo Princípio de Constância da Soma de Excitação, que implica em tolerar um nível de intensidade constante, acima do qual tende a manifestar uma urgência para a descarga, a qual se faz através de reflexos adequados (qualquer tipo de ação reflexa empreendida pelo organismo no sentido de apreender, no meio externo, a substância que é necessária à sua manutenção; por exemplo, o reflexo de sucção). Estes, por sua vez, caracterizam a Função Neurônica Secundária. É importante ressaltar que, embora a via somática de descarga seja privilegiada por Freud, não é a única. De acordo com a experiência, a primeira via a que o indivíduo recorre é a visceral. Esta, embora não impeça a continuidade do afluxo de energia, conduz a alterações internas (choro, inervação vascular, etc) que produzem uma expressão de emoção.

b) Sistema Neurônico Psi Pallium (YP):\* estrutura que se encontra conectada com o interior do organismo, através de Psi Nuclear e com o mundo externo, através de Phi. Seria uma centralização de ordem neuronal, capaz de estabelecer contatos endógenos e exógenos, integrando-os. É um sistema complexo

\* Símbolos introduzidos por Barros (notas de aula).

que, além de compartilhar a Função Neurônica Secundária com Psi Nuclear, tem a capacidade de memória, de aprendizagem, de desejo e de repulsa. Este sistema também funciona em dois níveis, mas estes serão melhor compreendidos a partir da discussão das experiências de satisfação e de dor (v. adiante).

Foi visto que Freud propõe dois tipos de função para seu sistema nervoso hipotético: a Função Neurônica Primária e a Função Neurônica Secundária. O texto do "Projeto", entretanto, é confuso quanto a este aspecto: ora o autor usa descarga para caracterizar a Função Neurônica Primária, ora coloca a fuga do estímulo como Função Neurônica Secundária, ora coloca essa mesma Função Neurônica Secundária, como vinculada à regulação dos estímulos endógenos e, portanto, ao Princípio de Constancia. Julgamos que descarga não é critério eficiente para distinguir entre os dois tipos de função, já que está presente nas duas. A nosso ver, Freud fala em três modos de descarga: o primeiro, um modo bastante primitivo, em que a descarga é puramente econômica; seria uma descarga aleatória, não organizada, sem qualquer funcionalidade. Os dois outros modos, ao contrário, seriam modos de descarga com funcionalidade, com finalidade, modos organizados de descarga. Destes, o primeiro, que recebe o nome de Função Neurônica Primária, estaria vinculado às imposições do Princípio de Inércia. O outro, vinculado às imposições do Princípio de Constancia, seria denominado Função Neurônica Secundária. Por outro lado, o texto em questão sugere que a Função Neurônica Primária estaria colocada em termos de evitação, enquanto que a Secundária, em termos de aproximação. Entretanto,

parece-nos que esta colocação é parcial e nossa ótica sugere que uma descarga organizada tanto pode ser efetuada num sentido como no outro. A lembrança do tropismo das plantas fornece um bom exemplo em que se percebe que a descarga também pode ser e efetuada no sentido de aproximação. Deste modo, preferimos considerar que a descarga imposta pelas Funções Neurônicas Primária e Secundária pode ser efetuada tanto em termos de evitação quanto de aproximação.

Freud introduz ainda um terceiro sistema, o Sistema Neurônico Ômega ( $\omega$ ), o qual encontra-se ligado ao mundo externo, ao soma e ao psiquismo. Excitado somente pela percepção (e não com a recordação), é composto de neurônios perceptivos que funcionam com quantidades de energia bastante reduzidas, o que resultaria na impermeabilidade dos neurônios. Entretanto, estes são altamente permeáveis, sujeitos a uma facilitação completa, em virtude de uma característica temporal, a qual Freud denomina período. A resistência das barreiras não se aplicaria ao período, de modo que o movimento neuronal se propagaria a todas as partes, sem inibição. Os neurônios Psi também possuem um período, mas este é monótono. Quando há a descarga da excitação dos neurônios Ômega sobre os neurônios Psi, esta faz com que o período destes últimos varie e são estas variações que chegam à consciência como qualidades. Embora no "Projeto" Freud ordene seus sistemas em Phi, Psi, Ômega, isso será corrigido na carta que escreve a Fliess em 19 de janeiro de 1896 (publicada como apêndice à referida obra), quando insere o sistema Ômega entre os sistemas Phi e Psi. Nesse novo esquema, Ômega não transfere nem qualidade nem quantidade para Psi: simplesmente

excita os neurônios Psi, ou seja, detona em tais neurônios a consciência da qualidade.\* O sistema Ômega corresponde ao Sistema Perceptual Consciente (Pcpt-Cs) das formulações posteriores.

#### Experiência de Satisfação:

Quando uma fonte endôgena entra em carência, instala-se nela um estado de tensão de necessidade que, por sua vez, altera o estado de equilíbrio de Psi Nuclear, dando origem a um estado de tensão nuclear neste sistema. Em virtude do Princípio de Constancia, surge uma pressão ou urgência no sentido da redução desta tensão. A primeira via tentada pelo organismo é, como já se viu, a que conduz a alterações internas; entretanto, por não conduzir à satisfação da necessidade, tal via se revela ineficaz. O afluxo de energia em Psi Nuclear só vai cessar quando cessar a tensão de necessidade e, para tal, é preciso que a necessidade seja satisfeita; isto será obtido através da ação específica. Inicialmente, o organismo é incapaz de efetuar a alteração do mundo externo, exigida pela ação específica, por si só; para tanto, necessita de algum tipo de assistência externa que vai ser obtida exatamente através da descarga visceral (por exemplo, o choro do bebê). A partir do momento em que o objeto adequado encontra-se no meio, o organismo pode efetuar

\* Essa última colocação merece um comentário. Era concepção da época que informação não envolvia qualquer dispêndio de energia. Atualmente, com a contribuição da Cibernética, sabe-se que, por menor que seja, informação sempre envolve um gasto de energia; apenas é um gasto extremamente pequeno quando comparado ao efeito que produz.



a descarga efetiva representada pelo reflexo adequado, que faz cessar a tensão de necessidade, a tensão nuclear e que põe fim ao desprazer que é correspondente ao aumento do nível de intensidade em Psi Nuclear.\*

Como o modelo freudiano do aparelho psíquico é constituído de sistemas neurônicos interligados, o sistema Ômega percebe o que aconteceu no decorrer da Experiência de Satisfação. Porque toda percepção é registrada mnemonicamente, ao final desta experiência ficam registrados em Psi Pallium: o engrama do desprazer que foi experienciado, o engrama do objeto que foi eficiente para satisfazer a necessidade e o engrama quinestésico do reflexo adequado utilizado na ação específica. Entre estes engramas estabelecem-se vias facilitadas, em virtude da simultaneidade com que os eventos ocorreram. Deste modo, quando novamente a fonte endógena em questão entrar em tensão de necessidade, isto voltará a instaurar a tensão nuclear. Esta será re-percebida por Ômega como desprazer, o que re-energizará o engrama do desprazer em Psi Pallium. Nesse momento, aparece neste sistema um impulso no sentido de re-evocar o engrama do objeto que foi eficiente para satisfazer a necessidade em experiências anteriores e é a este impulso que, no "Projeto", Freud dá o nome de desejo. Já que, posteriormente (36), utilizará o mesmo termo para designar o impulso para re-perceber, no mundo externo, o objeto que satisfaz a necessidade, poder-se-ia chamar, como Barros (1), de primeiro desejo ao impulso no sentido de re-evocar a memória do

\* A concepção freudiana sobre prazer e desprazer será discutida posteriormente, no decorrer do sexto capítulo do presente trabalho.

objeto e de segundo desejo, ao impulso para a re-percepção do objeto no mundo externo. O primeiro desejo é satisfeito quando torna vivaz a memória do objeto; já a satisfação do segundo desejo é obtida quando da identidade perceptual com o objeto do mundo externo.

#### Experiência de Dor:

Freud considera que parece haver uma discrepância entre a magnitude dos estímulos exógenos e a dos intracelulares. Na medida em que aqueles parecem possuir uma intensidade bastante superior à destes, os neurônios Phi necessitam de telas de proteção que os defendam da incidência de grandes quantidades de excitação exógena. Há, entretanto, um fenômeno que pode ser considerado como o fracasso do dispositivo protetor: a dor. Esta consiste ou na ação de quantidades exógenas elevadas sobre as telas protetoras (isto é, na atuação de um objeto hostil) ou na ação de quantidades reduzidas sobre telas onde há uma solução de continuidade. A dor, portanto, implica na irrupção de um excesso de energia exógena no sistema, irrupção que deixa facilidades que acabam com a resistência das barreiras de contato dos neurônios Psi.

Havendo a entrada de energia em Psi Nuclear, isto vai elevar o nível do sistema para além do ponto de constância, instalando-se uma tensão nuclear que faz com que se desencadeie um reflexo de fuga. A Experiência de Dor termina quando aparece no meio um outro objeto, em substituição ao objeto hostil. Desta experiência, Psi Pallium vai reter: o engrama do desprazer (no caso, a dor), o engrama do objeto hostil e o engrama quines-tésico do reflexo de fuga utilizado na evitação do objeto hos

til. Também entre esses engramas estabelecem-se vias facilitadas.

Todavia, nem sempre o engrama do objeto é recatexizado pela repetição de uma situação de dor. Pode acontecer que o objeto hostil esteja presente no meio mas que não seja atuante ou que a recatexização aconteça porque o indivíduo simplesmente lembrou de um objeto que, um dia, foi hostil e atuante. Nesses casos, não haveria energia suficiente para acionar a conduta motora uma vez que, na Experiência da Dor propriamente dita, era a energia exógena que provocava a tensão nuclear. Qual, então, a fonte da energia necessária à descarga motora?

Como Freud desejava manter a motivação da conduta humana vinculada a fontes endógenas, postula a existência de um neurônio — o neurônio secretor ou chave — conectado com Psi Nuclear e com o engrama do objeto hostil. Quando este engrama é recatexizado, perceptiva ou associativamente, há também a estimulação do neurônio secretor que, por sua vez, estimula a produção de energia endógena numa fonte somática, o que provoca a instalação da tensão nuclear. Surge, então, em Psi Pallium, um estado que, apesar de ser diferente da dor, guarda algumas semelhanças com ela, pois também inclui desprazer e tendência à descarga (visceral e somática). Este estado, a que Freud dá o nome de afeto,\* deflagra em Psi Pallium uma tendência no sentido de descatexizar o engrama do objeto hostil. Caso obtenha êxito, ces

\* A discussão sobre a concepção de afeto envolvida no "Projeto" será apresentada no capítulo 5 do presente trabalho, seção 5.4.

sa a estimulação do neurônio chave e, conseqüentemente, a ten  
são na fonte endógena. Freud chama de repulsa a este impulso  
no sentido de apagar, através da retirada de catexia, o engrama  
do objeto hostil e de defesa primária ou, mais especificamente,  
repressão, ao resultado desse impulso. Analogamente ao que foi  
proposto em relação à experiência de satisfação, aqui também po  
de-se sugerir o nome primeira repulsa ao impulso no sentido de  
decatexizar o engrama do objeto hostil e segunda repulsa ao im  
pulso que tem como objetivo a percepção, no mundo externo, de  
um objeto que não o hostil reinstaurando, assim, um estado que,  
anteriormente, indicou em Psi Pallium o final da experiência da  
dor. A primeira repulsa é satisfeita quando consegue a repres  
são; já a satisfação da segunda repulsa é obtida quando da i  
dentidade perceptual com um objeto do mundo externo que seja di  
ferente do hostil.

Sistemas Neurônicos Psi Pallium e Psi Pallium-inibido-pe-  
lo-ego:\*

Pode acontecer que, estando o sistema num estado de dese  
jo, o engrama do objeto seja recatexizado e o processo de des  
carga seja colocado em ação. Se o objeto não estiver presente  
no meio, o sistema é levado à percepção alucinatória do objeto.  
Entretanto, a descarga efetuada sobre objeto alucinado não é re  
dutora de tensão, já que não satisfaz a necessidade. Do mesmo  
modo, a simples lembrança do objeto hostil desencadeia a primei

\* Expressões propostas por Barros (1).

ra repulsa, acarretando a retirada da catexia que estava investindo o engrama do objeto hostil. Em ambos os casos, tal funcionamento do aparelho psíquico não é adequado à manutenção da vida do ser pois, incapaz de distinguir entre percepção e idéia, entre real e alucinatório, não está atendendo suas necessidades básicas. Torna-se necessária, então, uma instância que seja capaz de inibir o livre curso das catexias dentro do aparelho psíquico, que dificulte a passagem de quantidades, evitando a alucinação e a defesa desnecessária. Essa instância organizadora seria o ego.

Pode-se agora compreender melhor os dois níveis de funcionamento do sistema Psi Pallium. Há um nível em que o sistema é incapaz de estabelecer a distinção entre percepção e memória. Pressionado por impulsos de desejo e pela tendência à defesa primária, é regulado pelo Princípio do Prazer ou, na terminologia de Barros (1), Princípio das Relações Objetais. Este seria o Sistema Neurônico Psi Pallium propriamente dito, sede dos processos psíquicos primários e que corresponde, nas posteriores formulações topográficas, ao Primeiro Sistema Psíquico (1900), ao Sistema Inconsciente (1915) e ao Id (1923). O outro nível é o que pode ser denominado Sistema Neurônico Psi Pallium-inibido-pelo-ego, sede dos processos psíquicos secundários, correspondente ao Segundo Sistema Psíquico (1900), ao Sistema Pré-Consciente/Consciente (1915) e ao Ego (1923). A fim de evitar situações que poderiam comprometer a totalidade do sistema, como por exemplo, a alucinação, e pressionado pela ameaça de desprazer, o ego aprende, filogeneticamente, a inibir os processos psíquicos primários, permitindo assim a diferenciação entre percep

ção e memória, o que é feito através das indicações de realidade de fornecidas pelo sistema Ômega; o sistema Psi-Pallium-inibido-pelo-ego surge da inibição efetuada pelo ego sobre o sistema Psi Pallium propriamente dito. Assim, o ego inibe a catexia do desejo para que não chegue ao ponto da alucinação, evitando descargas sob a forma de movimentos que não são biologicamente adaptados. Pode-se dizer que o sistema Psi-Pallium-inibido-pelo-ego já está, no "Projeto", submetido à vigência do Princípio de Realidade, embora este só seja formalmente enunciado em 1911 (45). Deste modo, a descarga motora é inibida até que, com a indicação da realidade, o processo possa ser deflagrado, com a descarga dirigida no sentido da ação específica. No caso de haver aumento de desprazer quando ocorre a indicação da realidade, aí também haverá uma defesa de magnitude adequada.

Os processos psíquicos primários buscam satisfação de segundo desejo através de identidade perceptual com objeto real ou alucinado, enquanto que os processos psíquicos secundários buscam o mesmo através de identidade perceptual com objeto necessariamente real. Se a identidade perceptual não se efetuar com os objetos percebidos no momento, entram em cena os processos de pensamento, considerado como uma atividade intermediária entre o impulso de desejo (ou de repulsa) e a ação específica. Portanto, a identidade perceptual não deve ser confundida com a identidade de pensamento. Com o sistema Psi Pallium funcionando em processo psíquico secundário, o pensamento é utilizado como forma de planejar a ação que deve ser desenvolvida para a obtenção do objeto adequado. Assim, pode-se dizer que o pensamento planeja a conduta exploratória que o organismo deve exibir e

a conduta apetitiva necessária para a obtenção do objeto. Entretanto, o organismo pode apenas planejar uma ação mentalmente sem chegar a exibir qualquer comportamento, isto é, sem chegar à ação. A identidade de pensamento é vital ao funcionamento do sistema Psi Pallium-inibido-pelo-ego e, portanto, à identidade perceptual com objeto real.

A partir da distinção entre os processos psíquicos primário e secundário, pode-se passar a considerar as duas formas que a catexia\* é capaz de assumir em Pallium, a saber: catexia livre e catexia ligada (ou vinculada). As catexias livres, características do processo psíquico primário, operam de forma extremamente móvel através de vias altamente facilitadas, não estando presas a engramas particulares, o que permite uma grande possibilidade de deslocamentos. Isso não significa total ausência de estrutura e, assim, esse curso móvel, em Psi Pallium, diferencia-se do fluxo "corrente" do sistema Phi, onde a quantidade de excitação tem uma liberdade de curso bastante superior.

Com a introdução do ego, aparece a necessidade de exercer uma desaceleração no curso das catexias livres em direção ao mo

---

\* Pode-se ainda assinalar, a respeito da catexia, que o conceito implica em duas noções distintas: catexia enquanto grandeza escalar (correspondente à quantidade de energia) e catexia enquanto grandeza vetorial (correspondendo à força, impulso). Assim, pode-se dizer que a catexia é a direcionalidade do movimento da catexia. Caso tal direcionalidade seja determinada por facilitações resultantes da Experiência de Satisfação, então trata-se da catexia propriamente dita. Caso a direcionalidade seja determinada pelas facilitações deixadas pela Experiência de Dor, então trata-se da anticatexia. Estes conceitos são amplamente discutidos no trabalho de Genescá (78).

vimento, enquanto não for sinalizada a indicação da realidade. Como já se viu, caso não existisse essa possibilidade de "lentificação"\* do processo, a descarga motora seria ineficaz para obter prazer e real satisfação da necessidade; a liberação constante de estímulos endógenos continuaria ameaçando o sistema com o desprazer. Portanto, sob a ação inibidora do ego, as catexias não mais reenergizam de imediato o engrama motor, pois o próprio ego aprendeu que a consequência dessa energização seria a liberação do desprazer. Tampouco permite a energização do engrama do objeto acima de certa medida, senão o segundo desejo, fortalecido, levaria à alucinação. Com essas condições atendidas, o sistema tem maior possibilidade de obter a satisfação que procura. O aparelho psíquico, deste modo, passa a apresentar a capacidade de manter a catexia em estado de vinculação, o que equivale a dizer que passa a operar com pequenas cargas energéticas, passíveis de deslocamento, ainda que a intensidade das catexias seja elevada. Instância secundarizadora, o ego seria uma massa de neurônios que se mantêm presos a suas catexias, isto é, que estão em estado de vinculação.

---

\* Termo introduzido por Barros (notas de aula).



#### 4 - A CONCEITUAÇÃO DE AFETO

O termo afeto aparece bastante cedo no trabalho de Freud e acompanha o autor ao longo de sua extensa obra. A permanência da preocupação com o tema, entretanto, não parece ter sido suficiente para assegurar uma delimitação precisa do conceito. Deste modo, o leitor da obra freudiana vê-se frequentemente confrontado com uma multiplicidade de sentidos da palavra afeto, ainda que muitas vezes o próprio Freud não se tenha dado conta disto. A nosso ver, tal dificuldade faz com que fique impossível lidar com o afeto de forma globalizante, tornando-se imprescindível, no contexto do presente trabalho, um esforço de discriminação dos diversos conceitos relacionados à perspectiva freudiana sobre os afetos, a fim de que cada um dos conceitos remeta exclusivamente a um significado.

O que se verifica é que Freud utiliza uma só palavra — afeto — para compor nove conceitos diferentes. Alguns destes remetem a fenômenos quantitativos, enquanto outros referem-se a fenômenos qualitativos. Por outro lado, em algumas acepções, afeto corresponde a um evento que ocorre fora do aparelho psíquico e, em outras, refere-se a um evento de natureza psíquica. Tentamos, dentro do possível, manter os termos mais frequentemente adotados por Freud na proposta que ora efetuamos, guiando nossa tentativa nessa direção pela contribuição de Barros (1,2) à problemática dos afetos.

##### 4.1. Quantidade de Afeto e Quota de Afeto

Referindo-se especificamente a fenômenos quantitativos,

os termos quantidade de afeto e quota de afeto fazem sua primeira aparição, na obra de Freud, no artigo "Alguns pontos para o estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas" (9). \* Como, em "As Neuropsicoses de Defesa" (25), Freud equipara os termos quota de afeto e soma de excitação, conclui-se que a quota de afeto corresponde ao fator intensivo da energia, correspondendo também aos termos fator quantitativo, tensão libidinal, nível de catexia e intensidade psíquica. \*\* Por sua vez, a quantidade de afeto corresponde à própria quantidade de energia, correspondendo também aos termos quantidade de excitação, quantidade de libido e quantidade de catexia. A partir daí, podemos então conceituar a quantidade de afeto (Affektgrösse) como a excitação que energiza um engrama. Por outro lado, a quota de afeto (Affektbetrag) refere-se à intensidade conferida ao engrama pela quantidade de afeto.

Embora o problema da quantidade já tenha sido extensamente discutido no presente trabalho, há ainda um importante ponto a esse respeito a ser comentado, ponto este que aparece no penúltimo parágrafo de "As Neuropsicoses de Defesa":

"Refiro-me ao conceito de que nas funções mentais deve ser distinguida alguma coisa ~~certa~~ — uma quota de afeto ou soma de excitação — que apresenta todas as características de uma quantidade (embora não disponhamos de meios

\* Na versão brasileira deste artigo, Affektbetrag aparece traduzido por carga de afeto; esta é, porém, uma ocorrência única, sendo quota de afeto a tradução corrente do termo.

\*\* Correspondendo também ao fator intensivo, tem-se as pouco utilizadas expressões Affektwert, empregada por Breuer (10) e valeur affective, empregada por Freud em seu trabalho originalmente escrito em francês (9).

para medi-la, capaz de crescimento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços de memória das idéias, tal como uma carga elétrica se expande na superfície de um corpo" (25, p. 73).

Dois problemas estão incluídos neste trecho. Primeiro, se há correspondência entre quota de afeto e soma de excitação, como já vimos assumindo no presente trabalho. Para Green (79), isto sequer constitui problema e lida com os dois termos como correspondentes, mas Strachey (91), em seu apêndice ao citado trabalho de Freud, levanta suas dúvidas. A nosso ver, Strachey parece não perceber a diferença entre quantidade de afeto e fator intensivo de tal quantidade, assim como também não percebe a diversidade de tratamentos que Freud concede à palavra afeto. Sua discordância apoia-se em passagens onde Freud lida com o termo em sua vertente qualitativa (v. adiante), ou seja, como sentimento, emoção, etc. Desta maneira, parece-nos inevitável que Strachey não considere as expressões como correspondentes, com o que evidentemente discordamos. Preferimos a contribuição que Barros dá ao problema:

"Apoiando-nos nos próprios textos freudianos, como as duas primeiras partes do artigo de 94, a monografia sobre a afasia, a primeira parte do 'Projeto', o Cap. VII da 'Interpretação dos Sonhos' e o Cap. I de 'Além do Princípio do Prazer', podemos afirmar, com segurança, que a Quota de Afeto é o 'concomitante' psicológico da Soma de Excitação, e que esta corresponde ao fator intensivo da energia de excitação neuronal. (...)" (2, p. 53, grifos do autor).

Por outro lado, o fragmento em estudo é extremamente obscuro quanto a esta "alguma coisa" a que Freud denomina quota mas que tem "todas as características de uma quantidade". A colocação é contraditória, assim fomos buscar novamente a contribui

ção de Barros: o autor sugere que Freud atribui a esta "alguma coisa" a propriedade de representar, ao mesmo tempo, a quantidade de afeto e a quota de afeto (2). Intensidade não se desloca ou descarrega: ela pode somente crescer ou diminuir. A quantidade de afeto é que tem essa possibilidade de movimento, movimento que se faz enquanto deslocamento, se dentro do aparelho psíquico ou como descarga, se do sistema Psi para o soma, provocando manifestações viscerais ou motoras. Embora aqui seja nítida a imposição do Princípio de Constância da Soma de Excitação, que regula intensidade através de deslocamento ou descarga de quantidade, tal princípio não é explicitado no trecho em questão.

Problema semelhante ao de Strachey ocorre, a nosso ver, com o citado trabalho de Green; aqui, embora o autor reconheça a importância de fixar que "o aspecto quantitativo dos fenômenos afetivos não pode prescindir de sua dimensão qualitativa" (79, p. 193), ignora, como Strachey, a distinção entre quantidade de afeto e fator intensivo dessa quantidade. Assim, em relação ao fragmento citado, Green sugere que Freud distingue aí:

- "1) A quantidade mensurável de direito se não de fato;
- 2) A variação dessa quantidade;
- 3) O movimento ligado a essa quantidade;
- 4) A descarga." (p. 30)

Discordamos, em parte, dessa colocação. Primeiro porque julgamos que Freud não está discutindo a variação (aumento e diminuição) da quantidade de afeto, mas sim da quota de afeto. Por outro lado, parece que Green só entende movimento de energia em termos de deslocamento, excluindo o movimento no sentido de des

carga. Deste modo, a nosso ver, os pontos 3) e 4) reduzem-se a um único.

#### 4.2. Afeto-Nuclear (Afeto-variação de tensão em Psi Nuclear)

Conforme foi visto, o nível constante no sistema Psi Nuclear não tem possibilidade de ser estaticamente mantido, já que sempre haverá liberação de energia por fonte endógena (quer por tensão de necessidade, quer por ação de neurônio secretor) ou afluxo de energia de fonte exógena ou descarga excessiva. Deste modo, o nível do sistema estará permanentemente oscilando e é a estas variações do nível energético do sistema Psi Nuclear que denominamos afeto-nuclear.<sup>\*</sup> Tais variações, quando simplesmente ultrapassam o limiar definido pelo nível constante, correspondem a prazer e desprazer. Quando a alteração do nível ultrapassa um outro limiar, passa a corresponder à angústia. O assunto será melhor discutido no capítulo 6 do presente trabalho.

#### 4.3. Afeto-descarga

Toda vez que o estado de equilíbrio de Psi Nuclear for alterado, originar-se-á um estado de tensão neste sistema. Em virtude do Princípio de Constancia, no caso de aumento de I, surge uma pressão no sentido de uma descarga que seja eficiente para reduzir essa tensão. A primeira tentativa de descarga efetuada pelo organismo se dá através da via visceral, que conduz a alte

<sup>\*</sup> Termo introduzido por Barros (comunicação pessoal).

rações internas (choro, grito, inervação vascular, etc.) (27), produzindo uma expressão de emoção (Ausdruck der Gemütsbewegungen). Nas palavras de Freud: "As excitações produzidas por necessidades internas buscam descarga no movimento, que pode ser descrito como uma 'modificação interna' ou uma 'expressão de emoção'" (36, p. 602). O termo afeto designa também esta descarga visceral ("Um afeto inclui, em primeiro lugar, determinadas inervações ou descargas motoras...", 59, p. 461) e, no contexto do presente trabalho, recebe o nome de afeto-descarga. Frequentemente, Freud usa simplesmente o termo emoção (Gefühl), embora algumas vezes também apareça a expressão desenvolvimento do afeto (Affektentwicklung, 53, p. 204). Deste modo, em outras palavras, o afeto-descarga refere-se à descarga da quantidade aumentada em Psi Nuclear, através de vias viscerais.

#### 4.4. Afeto-Pallium (Afeto-variação de tensão em Psi Pallium)

Toda vez que ocorre uma tensão nuclear que ultrapasse o nível constante, esta será representada em Psi Pallium já que, conforme foi visto, os sistemas neurônicos propostos por Freud estão interligados. Esta tensão em Psi Pallium também pode ocorrer por vias associativas, como é o caso do afeto discutido no "Projeto". Assim, haverá ocasiões em que o sistema estará sob estados de tensão (por exemplo, tensão de desejo e tensão de repulsa) e ocasiões em que tais estados estarão ausentes (por exemplo, no prazer a nível de pallium). O que se pode concluir é que também o nível tensional do sistema Psi Pallium estará permanentemente oscilando e é a estas variações que no contexto

do presente trabalho, denominamos afeto-pallium.\*

#### 4.5. Afeto-percepção

Em virtude de o sistema neurônico Ômega, responsável pela percepção, estar conectado com o mundo externo, com a intimidade do organismo e com a área endopsíquica, cada vez que ocorre uma oscilação tensional em Psi Nuclear e/ou um afeto-descarga e /ou um afeto pallium, isto será percebido por esse sistema. O termo afeto também diz respeito a esta percepção ("Um afeto inclui... certos sentimentos; estes são de dois tipos: percepções das ações motoras que ocorreram e sensações diretas de prazer e desprazer que, conforme dizemos, dão ao afeto seu traço predominante"; 59, p. 461) e, no contexto do presente trabalho, recebeu o nome de afeto-percepção. Sentimento (Empfindung) é o termo usualmente empregado por Freud para nomear esta acepção do afeto, embora muitas vezes apareça também a expressão percepção interna (innere Wahrnehmung, 63, p.39). Deste modo, em outras palavras, o afeto-percepção designa a percepção do afeto-nuclear, do afeto-descarga e do afeto-pallium, sendo que tal percepção sempre será acompanhada por um estado afetivo (v. adiante 4.7.).

#### 4.6. Estrutura afetiva

Segundo Freud, "Restam traços em nosso aparelho psíquico

\* Termo sugerido por Barros (comunicação pessoal). O assunto será retomado em 5.4 e em 6.1.

das percepções que com ele colidem" (36, p. 574). Assim, do mesmo modo como a percepção dos eventos do mundo externo deixa um resíduo mnêmico no aparelho psíquico, também o afeto-percepção deixa um resíduo mnêmico de outro tipo que, no contexto do presente trabalho, recebe o nome de estrutura afetiva (Affektbildung). O termo é empregado com muita ambiguidade pelo próprio Freud (53, p.204). Como todo o sétimo capítulo deste trabalho é dedicado à discussão da estrutura afetiva, preferiu-se, neste momento, apenas definir o conceito. Portanto, estrutura afetiva designa o resíduo mnêmico que é deixado no aparelho psíquico pelo afeto-percepção.

#### 4.7. Estado afetivo

Sempre que houver um processo de percepção, de re-percepção ou de evocação, a estrutura afetiva recebe uma determinada quantidade de afeto que lhe confere uma certa quota de afeto (Q/C). Com esta quota de afeto, a estrutura afetiva passa a apresentar-se como uma "experiência psíquica, emocional" (2, p. 61, grifo do autor). Deste modo, o termo afeto designa também esta experiência que, no contexto do presente trabalho, é denominada estado afetivo (Affektzustand). O termo é frequentemente utilizado por Freud (por exemplo, 29, p. 131), embora o autor algumas vezes confunda-o com o termo emoção (por exemplo, 10, p. 44). A confusão com o termo sentimento é ainda mais flagrante, particularmente em "O Ego e o Id":

"Em outras palavras: a distinção entre Cs e Pcs não tem significado no que concerne a sentimentos; o Pcs aqui é posto de lado — e os sentimentos são ou conscientes ou inconscientes



tes. Mesmo quando estão ligados a representações verbais, tornam-se conscientes, não devido a essa circunstância, mas sim diretamente." (63, p. 36).

Se aqui o autor usa o termo sentimento para referir-se a afeto-percepção, concordamos com sua afirmação de que um sentimento não se torna consciente devido à sua ligação com a palavra, já que está inserido em uma outra estrutura, diferente daquela da linguagem: a estrutura biológica.\* Aqui, entretanto, sequer a distinção inconsciente/consciente é aplicável, já que não há sentido em falar numa percepção inconsciente e um afeto-percepção é sempre consciente. Por outro lado, se o autor está desejando se referir a estado afetivo, consideramos que sem o conceito de estrutura afetiva não há possibilidade de um afeto ser inconsciente já que, como veremos a seguir,\*\* a repressão incide sobre o representante mnêmico da pulsão, remetendo-o ao Inconsciente. Na nossa interpretação, com a admissão de um resíduo mnêmico para a afetividade, uma estrutura afetiva pode ser inconsciente, prê-consciente ou consciente. Concluindo, diríamos que um estado afetivo refere-se à experiência psíquica, emocional que é resultado da energização de uma estrutura afetiva, através de processos de percepção, re-percepção ou de evocação. O assunto será retomado no sexto capítulo deste trabalho.

\* O assunto foi previamente abordado na seção 2.2 do presente trabalho.

\*\* Seção 5.6. deste trabalho.

#### 4.8. Afeto no "Projeto para uma Psicologia Científica"

Nesta acepção, o termo afeto designa um estado semelhante ao da dor, já que inclui desprazer e tendência à descarga. Este estado aparece em Psi Pallium quando o engrama do objeto hostil é recatexizado (perceptivamente, por objeto hostil presente mas não atuante, ou associativamente). Gerado por tensão em fonte endógena, tensão esta que foi provocada por ação de neurônio secretor, deflagra em Psi Pallium um impulso para descateixizar o engrama do objeto hostil (primeira repulsa). O termo, neste contexto, designa também o resíduo da experiência da dor. A discussão deste conceito será retomada na seção 5.4, do capítulo seguinte.

## 5 - AFETO E METAPSIKOLOGIA

Frequentemente, ao percorrer a obra de Freud, o leitor depara-se com a utilização do termo afeto na conceituação de outros termos. Deste modo, vinculado à teoria da ab-reação encontra-se o afeto estrangulado, já na teoria da defesa aparece o afeto penoso, e assim por diante. Como, muitas vezes, Freud não é cuidadoso ao lançar mão dos termos que utiliza, foi julgado conveniente uma discussão e um esclarecimento do significado dos diversos termos empregados pelo autor. A proposta do presente capítulo, portanto, é a de abordar as relações dos conceitos de afeto discutidos no capítulo anterior com determinados tópicos da metapsicologia freudiana com os quais os primeiros estão particularmente envolvidos.

### 5.1. Preliminares

Interessado em descobrir uma fórmula fisiopatológica para as doenças funcionais do sistema nervoso, Freud muito cedo mostrou seu descontentamento em relação à abordagem puramente nosográfica empreendida por Charcot. Influenciado por fisiopatologistas tais como Claude Bernard e Jackson, pesquisava tal fórmula a partir do funcionamento normal do sistema nervoso pois não acreditava que os processos anormais fossem fenômenos qualitativamente novos. É nesta linha que chega a expressar as alterações da fisiologia normal do sistema nervoso em termos de uma qualidade fisiológica — a excitabilidade nervosa. Já no verbebo da enciclopédia de Villaret de 1888, Freud aponta o caráter

estritamente funcional da histeria, enquanto doença nervosa, ressaltando que esta

"... baseia-se total e inteiramente em modificações fisiológicas do sistema nervoso; sua essência deve ser expressa numa fórmula que leve em consideração as condições de excitabilidade nas diferentes partes do sistema nervoso". (4, p. 79).

Embora apontando que uma fórmula fisiopatológica deste tipo ainda não foi encontrada, no mesmo verbete Freud começa a delinearla, ao discutir que, na histeria, haveria "um excesso de excitação no sistema nervoso" (p. 90) e uma "alteração na distribuição normal, no sistema nervoso, das quantidades estáveis de excitação" (p. 89).

Em seu trabalho sobre as paralisias motoras orgânicas e histéricas (9), paralelamente à preocupação fisiopatológica, aparece o interesse psicológico com o mecanismo do fenômeno histórico. A contribuição de Janet sobre a paralisia histérica influencia o pensamento freudiano. Segundo este autor, o que há na paralisia histérica é uma modificação da concepção dos órgãos, uma lesão do conceito, conceito este que está baseado na visão popular do corpo em geral e não num conhecimento profundo de neuroanatomia. Assim, na paralisia histérica, a lesão consistiria na abolição da acessibilidade associativa do conceito referente à parte do corpo em questão. Desta forma, integrando a concepção psicológica de Janet, as abordagens fisiológicas de Jackson, Bastian e Fechner, ampliando o mecanismo identificado por Charcot nas paralisias traumáticas, e baseado nos dados obtidos através do método catártico, Freud pode demonstrar o papel desempenhado pelos traumas psíquicos na histeria psiquicamente provocada. Nesta, a lesão consistiria, então, na inaces

sibilidade associativa do grupo de idéias que se envolveu com a memória de traumas. Embora ainda nesta obra apareça o conceito qualitativo de excitabilidade, é aqui que aparecem também os conceitos quantitativos de quota de afeto e quantidade de afeto.

## 5.2. Teoria da ab-reação

Embora não apareça formalmente enunciado, toda a colocação freudiana nos "Estudos sobre a Histeria" (10) repousa no Princípio de Constancia da Soma de Excitação.

Na perspectiva de 93, a tese sustentada por Breuer e Freud é a de que toda experiência psíquica afetiva é acompanhada de uma determinada quantidade de afeto. Em virtude do Princípio de Constancia essa quantidade deve ser descarregada, através de uma reação ao fato que provocou a irrupção da quantidade de afeto. Essa reação (ou ab-reação) comporta "toda classe de reflexos voluntários e involuntários — das lágrimas aos atos de vingança — nos quais as emoções são descarregadas" (p. 48). Entretanto, a linguagem serve como substituto para a ação ou ela mesma pode ser o reflexo adequado para descarregar a quantidade de afeto. Se, através de um dos meios apontados ou, ainda, através de deslocamentos, o sistema nervoso obtiver êxito em lidar com a quantidade de afeto, a quota de afeto volta a seu nível constante; caso contrário, a quantidade de afeto permanece ligada à lembrança e é nesse caso que se diz que o afeto fica estrangulado.

Um trauma psíquico é exatamente uma situação desta natureza, uma situação em que grande quantidade de afeto chega ao sis

tema nervoso e este se vê impedido de reagir adequadamente a fim de manter constante a quota de afeto. Freud e Breuer apontam as condições em que a reação ao trauma deixa de ocorrer:

- quando a própria natureza do trauma não permite uma reação (retenção);
- quando se trata de algo que o sujeito deseja esquecer e que suprime da cadeia associativa de seu pensamento consciente (defesa);
- quando o indivíduo se encontra num estado hipnóide, que vem a ser um estado de alteração da consciência no qual a associação deixa de ocorrer porque não existe vínculo entre este estado patológico e o estado normal de funcionamento da consciência.

Desta forma, quando ocorre uma certa experiência afetiva, quer durante um estado hipnóide, quer vinculada aos fenômenos de retenção ou de defesa, esta inunda o sistema nervoso com uma quantidade de afeto que não é capaz de ser descarregada através das reações adequadas; a consequência imediata é a elevação da quota de afeto para além da constante fisiológica. Na memória da experiência traumática fica, assim, retida uma determinada quantidade de afeto (o afeto estrangulado). Entretanto, por imposição do Princípio de Constância, a quota de afeto deve retornar a seu nível normal; para isso, o sistema nervoso descarrega a quantidade de afeto através de um "reflexo anormal" (10, p. 260) e essas descargas, que alcançam o soma, são as responsáveis pelo fenômeno de conversão histórica.

### 5.3. Teoria da defesa

Em "As Neuropsicoses de Defesa" (25) encontra-se uma alteração, à primeira vista modesta, na teoria da histeria; tal alteração, entretanto, marca a entrada em cena do conceito de conflito. A rigor, este conceito já havia sido enunciado em 1892-93, no artigo "Um caso de cura pelo hipnotismo" (7), quando Freud discute as idéias antitéticas e as contra-expectativas aflitivas que se opõem às intenções e às expectativas propriamente ditas. No artigo de 94, as situações que envolvem os estados hipnóides e os fenômenos de retenção são abandonadas e a ênfase recai sobre o fenômeno de defesa. Assim, os mecanismos psíquicos das neuroses que, em 1893, estavam vinculados às situações em que o trauma correspondia à memória de uma experiência que não foi adquadamente ab-reagida dizem agora respeito aos eventos em que o trauma psíquico corresponde à memória de uma experiência penosa, aflitiva. Melhor dizendo: se, em 93, a ênfase estava colocada sobre os casos em que uma determinada quantidade de afeto ficou estrangulada por não ter sido descarregada, em consequência elevando a quota de afeto, em 94 o interesse do autor se desloca para os casos em que o afeto penoso equivale a uma estrutura afetiva que é vivida pelo indivíduo como angustiante. Desta forma, o que anteriormente dependia de alterações na quota de afeto agora passa a depender de uma situação de conflito, ou seja, da presença de uma idéia incompatível porque associada a um estado afetivo (e estrutura afetiva) penoso. Embora ainda nos "Estudos sobre Histeria" (10), Freud houvesse mencionado essas "emoções aflitivas — tais como as de susto, ansiedade e

dor física" (p. 64),\* cita-as apenas a nível descritivo, não atingindo o nível explicativo alcançado no artigo de 94.

Assim, quando ocorre uma experiência, uma idéia ou um afeto-percepção que suscite um estado afetivo penoso, tal vivência torna-se incompatível com o ego do sujeito, que não se sente capaz de resolvê-la através da atividade de pensamento. É claro que a quantidade de afeto está aqui envolvida já que, conforme foi visto, [um estado afetivo é o resultado da ativação de uma estrutura afetiva por uma quantidade de afeto.] O conceito está também envolvido na evocação da idéia, a qual é realizada através da adição de certa quantidade de afeto à estrutura mnêmica cognitiva.

Na presente formulação, também o fenômeno conversivo recebe nova abordagem. Impossibilitado de tratar a idéia incompatível (porque associada a um estado afetivo penoso) "simplesmente como non arrivé" (25, p. 61, grifo do autor), o ego, numa atitude defensiva, enfraquece as estruturas mnêmicas cognitiva e afetiva, retirando suas quantidades de afeto. A descarga de tais quantidades é que produzirá o fenômeno da conversão, o qual é considerado por Freud como "o fator característico da histeria" (p. 63).

\* Tradução incorreta na Standard do termo alemão psychischen Schmerzes; tal termo seria mais adequadamente traduzido por dor psíquica.



#### 5.4. Afeto no "Projeto para uma Psicologia Científica"

Conforme foi visto nos capítulos 3 e 4 deste trabalho, no contexto do "Projeto para uma Psicologia Científica" (27), o termo afeto designa um estado psíquico que aparece em *Psi Pallium* quando o engrama do objeto hostil é recatexizado perceptiva ou associativamente. Designa também o resíduo da experiência de dor, assim como o desejo designa o resíduo da experiência de satisfação (p. 426). Tal afirmação, contudo, comporta uma nítida assimetria.

Tome-se o desejo. Este é caracterizado como um impulso, quer como primeiro desejo, enquanto impulso para recatexizar o engrama do objeto de satisfação, quer como segundo desejo, enquanto impulso para reperceber no mundo externo o objeto de satisfação. O afeto, entretanto, é caracterizado como um estado que ocorre por razões perceptivas ou associativas. Deste modo, é curioso que duas experiências simétricas deixem como resíduo uma, um impulso e outra, um estado. Neste trabalho, pretendemos deixar presente que consideramos que, nos eventos psíquicos, há sempre o envolvimento de quatro aspectos: cognitivo, afetivo, volitivo e motor. Portanto, cada experiência deixa resíduos correspondentes a cada um dos aspectos envolvidos. Se não, vejamos.

Ao discutir o mecanismo da atenção, Freud propõe a existência de um estado de anseio (*Begierde*) que "implica num estado de tensão no ego" (p. 474). Como esse estado encontra-se originariamente ligado ao protótipo da experiência de satisfação, fomos buscar, numa tentativa de maior compreensão dos conceitos

de anseio e desejo, um paralelismo entre tais conceitos e os de ego ideal e ideal do ego e, para isso, fomos levados a um estudo do narcisismo, ainda que não tenhamos a pretensão de aprofundar este tópico além do necessário ao contexto do presente trabalho. Freud postula um estágio de desenvolvimento da libido situado entre o auto-erotismo e o alo-erotismo — o estágio de narcisismo primário:

"chega uma ocasião, no desenvolvimento do indivíduo, em que ele reúne seus instintos sexuais (que até a qui haviam estado empenhados em atividades auto-eróticas), a fim de conseguir um objeto amoroso; e começa por tomar a si próprio, seu corpo, como objeto amoroso, sendo apenas subsequentemente que passa daí para a escolha de alguma outra pessoa que não ele mesmo, como objeto (44, p. 83).

O objeto amoroso, portanto, não é externo ao indivíduo, a princípio, mas trata-se do próprio ego do sujeito, ego que se constitui aproximadamente nesta época; deste modo, o ego real do indivíduo é quem desfruta, na infância, de todo amor de si próprio. Entretanto, com o desenvolvimento e a necessidade de buscar no mundo externo os objetos que garantem a sobrevivência, o ego real do indivíduo não mais coincide com a perfeição do narcisismo primário. Assim, são fixadas duas idealizações: uma, o ego ideal (Idealich), que não renuncia à perfeição do narcisismo, não reconhecendo a falta de objetos, idealizando, portanto, uma época em que todas as necessidades são imediatamente supridas. A outra, o ideal do ego (Ichideal), representa o substituto do narcisismo perdido, um projeto de desenvolvimento que busca atingir a perfeição mas com a premissa básica de reconhecimento de faltas. Freud aponta ainda que o desenvolvimento do ego "consiste num afastamento do narcisismo primário e dá mar

gem a uma vigorosa tentativa de recuperação desse estado" (49, p. 117). Retornando ao "Projeto", encontra-se que "A educação e o desenvolvimento desse ego primitivo se efetuam no estado repetitivo do desejo (...)" (p. 484).<sup>\*</sup> Deste modo, concluímos que o anseio implica num estado de tensão no ego (afeto-pallium) que desencadeia um impulso (também chamado anseio) que visa abolir este estado de tensão através de soluções análogas às do ego ideal. Como, na mesma obra, Freud aponta que os estados de anseio evoluem para os estados de desejo (cf. p. 474), concluímos que o desejo implica num estado de tensão no ego (afeto-pallium) que desencadeia um impulso (também chamado desejo ou, mais propriamente, segundo desejo) que visa abolir este estado de tensão através de soluções análogas às do ideal do ego. Em resumo, numa experiência de satisfação, dada uma tensão no ego (afeto-pallium), a tendência inicial do psiquismo é a de não reconhecer a falta, daí o impulso decorrente será regressivo, assim como acontece com ego ideal: está-se, então, frente à tensão de anseio e ao impulso de anseio; com o reconhecimento da falta, o impulso decorrente será progressivo, assim como acontece com ideal do ego: está-se, então, frente à tensão do desejo e ao impulso de desejo. Em relação ao segundo desejo, poderíamos agora apontar que, quando o que está em jogo é uma tensão de necessidade, ele tem por objetivo fazer com que a memória do obje

\* Embora no trecho citado apareça o termo desejo (Wunsch), se tal trecho for comparado ao que Freud coloca na página 474, será verificado que estado de anseio é mais adequado ao conceito em questão.

to coincida com a percepção do objeto; quando o que está em jogo é uma tensão narcísica,\* ele tem por objetivo fazer com que o ideal do ego coincida com a percepção do ego real. Portanto, supomos que acoplado à primeira experiência de satisfação exista um estado de anseio, que vai evoluir para um estado de desejo, deixando como resíduos os impulsos de anseio e de desejo.

Até onde temos conhecimento, Freud não menciona um estado simétrico ao do anseio para a experiência de dor. Entretanto, é perfeitamente viável a inferência de tal estado, o qual pode ser denominado, na ausência de um termo mais adequado, de estado de esquiua; este implicaria num estado de tensão no ego (afeto-pallium), que desencadeia um impulso (também chamado esquiua) que visa abolir tal estado de tensão através de soluções análogas às do ego ideal. Este estado evoluiria para o estado de repulsa, que implica num estado de tensão no ego (afeto-pallium), que desencadeia um impulso (também chamado repulsa) que visa abolir este estado de tensão através de soluções análogas às do ideal do ego. Em resumo, numa experiência de dor, dada uma tensão no ego (afeto-pallium), a tendência inicial do psiquismo é a de não reconhecer a presença do objeto hostil, daí o impulso decorrente será regressivo, assim, como acontece com ego ideal: então, está-se frente à tensão de esquiua e ao impulso de esquiua; com o reconhecimento da presença do objeto hostil, o impulso será progressivo, assim como acontece com o ideal do ego: então, está-se frente à tensão de repulsa e ao

---

\* A esse respeito, sugere-se a consulta de Trespalácios (92).

impulso de repulsa. Em relação à segunda repulsa, poderíamos agora apontar que, quando o que está em jogo é uma tensão somática deflagrada por neurônio secretor, ela tem por objetivo fazer com que a memória do objeto não coincida com a percepção do objeto hostil; quando o que está em jogo é uma tensão narcísica, ela tem por objetivo fazer com que o negativo do ideal do ego\* não coincida com a percepção do ego real. Portanto, supomos que acoplado à primeira experiência de dor exista um estado de esquiva, que vai evoluir para um estado de repulsa, deixando como resíduos os impulsos de esquiva e de repulsa.

No "Projeto", Freud aponta que o afeto é um estado semelhante à dor, pois envolve desprazer e tendência à descarga. Desta afirmação, podemos inferir que afeto é também um estado semelhante à não satisfação, pois envolve desprazer e tendência à descarga. Uma vez que os estados de anseio e de esquiva foram caracterizados como estados de tensão no ego (afeto-pallium), que sabemos que a tensão é sempre percebida e que deixa resí-

\* O conceito de negativo do ideal do ego (negative ego-ideal) é introduzido por Kaplan e Whitman (81). Consiste numa estrutura intrapsíquica que corresponde ao precipitado de padrões negativos introjetados a partir dos pais e da cultura. Os sentimentos de vergonha intensa, humilhação e mortificação ocorrem quando o indivíduo comporta-se ou se auto-avalia de um modo que o aproxima dos padrões negativos introjetados. Assim como o ideal do ego assinala o padrão de perfeição, o negativo do ideal do ego assinala o padrão de imperfeição. Na nossa ótica, no caso de tensão narcísica, tanto segundo desejo quanto segunda repulsa, tem como objetivos a identidade entre ideal do ego e percepção de ego real e a não identidade entre negativo do ideal do ego e percepção de ego real. A ênfase em ideal do ego, quanto ao segundo desejo e em negativo do ideal do ego, quanto à segunda repulsa deve-se somente ao fato de acentuar os objetivos primeiros de tais impulsos.

duos mnêmicos, que discutimos que a tensão (I) sempre acontece pela relação de uma determinada quantidade de energia (Q) com uma estrutura (C) e que o afeto, como Freud coloca nessa obra, é uma experiência psíquica que ocorre através da catexização de uma estrutura por vias associativas ou perceptivas, retornamos à nossa conceituação de estado afetivo, proposta no capítulo anterior do presente trabalho, podendo então afirmar que tais estados de tensão referem-se à estados afetivos. Assim, teríamos um estado afetivo de anseio e um estado afetivo de esquivia. Do mesmo modo, teríamos um estado afetivo desejoso e um estado afetivo repulsivo como resíduos, respectivamente, das experiências de satisfação e de dor. Mais propriamente, diríamos que os resíduos das experiências de satisfação e de dor, na verdade, correspondem às estruturas afetivas, subjacentes a estes estados. Isso também é válido para os impulsos de desejo e de repulsa, anseio e esquivia: residuais são as estruturas volitivas subjacentes a estes impulsos. Ainda em relação ao tópicó da afetividade, não se pode esquecer que são também residuais as estruturas afetivas correspondentes ao desprazer vivenciado quando da tensão e ao prazer vivenciado quando da distensão.\*

Se, quando da discussão de aparelho psíquico afetada no terceiro capítulo do presente trabalho, apontamos que as experiências de satisfação e de dor deixam, em Psi Pallium, resíduos mnêmicos do objeto de satisfação e do objeto hostil, respectiva-

\* O tema prazer/desprazer será retomado e discutido no sexto capítulo deste trabalho.

mente, além dos resíduos dos movimentos realizados em cada experiência, então estamos frente a dois novos resíduos, de natureza diferente da natureza daqueles anteriormente apontados, a saber: estrutura cognitiva e estrutura quines-tésica. Organizando melhor, teríamos o seguinte quadro:

	Experiência de Satisfação	Experiência de Dor
Cognição	<u>Estrutura cognitiva que, quando reativada, dá lugar à idéia do objeto de satisfação.</u>	<u>Estrutura cognitiva que, quando reativada, dá lugar à idéia do objeto hostil</u>
Afetividade	<p><u>Estrutura afetiva de anseio que, quando reativada, dá lugar ao estado afetivo de anseio;</u></p> <p><u>Estrutura afetiva desejosa que, quando reativada, dá lugar ao estado afetivo desejoso;</u></p> <p><u>Estrutura afetiva de desprazer que, quando reativada, dá lugar ao estado afetivo de desprazer;</u></p> <p><u>Estrutura afetiva de prazer que, quando reativada, dá lugar ao estado afetivo de prazer.</u></p>	<p><u>Estrutura afetiva de esquiva que, quando reativada, dá lugar ao estado afetivo de esquiva;</u></p> <p><u>Estrutura afetiva repulsiva que, quando reativada, dá lugar ao estado afetivo repulsivo;</u></p> <p><u>Estrutura afetiva de desprazer que, quando reativada, dá lugar ao estado afetivo de desprazer;</u></p> <p><u>Estrutura afetiva de prazer que, quando reativada, dá lugar ao estado afetivo de prazer.</u></p>
Volição	<p><u>Estrutura volitiva de anseio que, quando reativada, dá lugar ao impulso de anseio;</u></p> <p><u>Estrutura volitiva desejosa que, quando reativada, dá lugar ao impulso de desejo.</u></p>	<p><u>Estrutura volitiva de esquiva que, quando reativada, dá lugar ao impulso de esquiva;</u></p> <p><u>Estrutura volitiva repulsiva que, quando reativada, dá lugar ao impulso de repulsa.</u></p>
Ação	<u>Estrutura quines-tésica que, quando reativada, dá lugar à imagem motora do reflexo que é adequado para obter o objeto de satisfação.</u>	<u>Estrutura quines-tésica que, quando reativada, dá lugar à imagem motora do reflexo que é adequado para evitar o objeto hostil.</u>

## 5.5. Afeto e sonhos

A discussão sobre o afeto volta a aparecer no decorrer de "A interpretação dos Sonhos" (36). Aqui, Freud aponta como enquanto o conteúdo do sonho pode ser considerado como desprezível, após o despertar, o mesmo não acontece com o estado afetivo que aparece num sonho, já que este em nada difere do estado afetivo que é experimentado na vida de vigília; por outro lado, um sonho se impõe muito mais pelo estado afetivo do que por seu conteúdo cognitivo. Entretanto, nem sempre, nos sonhos, o conteúdo cognitivo se faz acompanhar por um estado afetivo adequado e, sob este aspecto, os sonhos se distinguem das psiconeuroses: nelas, as estruturas afetivas são sempre qualitativamente adequadas embora submetidas a grande quantidade de afeto, o que faz com que adquiram uma intensidade elevada. No sonho, ao contrário, a estrutura afetiva permanece a mesma mas, como o conteúdo cognitivo sofre deslocamentos e condensações, o produto final é avaliado como inadequado. Isto acontece em virtude de, no inconsciente, a estrutura afetiva e a estrutura cognitiva não constituírem uma unidade indissolúvel: uma pode ser destacada da outra, sofrendo em seguida as vicissitudes inerentes ao trabalho do sonho. [Em relação ao afeto, Freud aponta as seguintes transformações:

- a) deslocamento. No sistema inconsciente, em virtude do processo psíquico primário, tanto o curso da catexia é muito mais livre, quanto o vínculo associativo existente entre estruturas cognitivas e afetivas é muito mais tênue. Assim a energização de uma estrutura cognitiva não implica necessariamente



te na energização da estrutura afetiva que a acompanha. O re-  
verso também é possível: o curso da catexia livre chega a  
uma estrutura afetiva sem catexizar a correspondente estru-  
tura cognitiva, vindo posteriormente a catexizar uma outra es-  
trutura cognitiva, sendo este último o par que aparece no so-  
nho. Ou seja, "... a elaboração onírica tem liberdade de  
desligar um afeto de suas conexões nos pensamentos oníricos  
e introduzi-lo em qualquer ponto que escolher no sonho mani-  
festo". (p. 497).

- b) supressão. Como foi anteriormente examinado, o estado afeti-  
vo pode ter duas origens: ou acontece por um afeto-percep-  
ção ou por razões associativas. No sonho, o estado afetivo  
não apresenta origem diferente. Embora tal diferença perca  
sua especificidade em relação à realização de desejo, o fa-  
tor origem é importante em relação à supressão dos afetos.  
Freud aponta que enquanto todo afeto encontrado no sonho po-  
de ser identificado no pensamento onírico, o inverso não é  
verdadeiro:

"Um sonho é, em geral, mais pobre de afetos  
que o material psíquico de cuja manipulação  
ele proveio. (...). A elaboração onírica  
reduziu a um nível de indiferença não ape-  
nas o conteúdo, mas, amiúde, também o tom e  
emocional de meus pensamentos. Poder-se-ia  
dizer que a elaboração onírica ocasiona uma  
supressão dos afetos" (p. 499, grifo do au-  
tor).

Embora aponte que não possa fornecer uma explicação completa  
sobre a supressão, identifica dois mecanismos. O primeiro  
diz respeito aos casos em que o estado afetivo, no sonho, é  
deflagrado por um afeto-descarga. Tal descarga é entendida  
como um processo análogo ao de descarga motora; enquanto es

ta é vista como um processo centrífugo em direção ao mundo externo, aquela é abordada como um processo centrífugo em direção ao corpo; assim, ambos os processos são centrífugos em relação ao sistema nervoso — e ao aparelho psíquico. Se, com o sono, acontece um fechamento de polo motor, acontece também um fechamento do que se poderia chamar polo visceral, de modo que o afeto-descarga fica inibido por motivos anãogos aos que ocorrem com o movimento. / "Segundo este ponto de vista, então, a 'supressão de afeto' não seria, de maneira alguma, consequência da elaboração onírica, mas resultaria do estado de sono" (p. 500). Esta explicação, entretanto, não contém os casos em que o estado afetivo ocorre associativamente, fazendo-se necessária a identificação de um novo mecanismo que dê conta de tais casos. Aqui, a supressão ganha maior especificidade mas, para que seja melhor compreendida, é necessário que se lance mão do conceito de forclusão (em alemão, Verwerfung; na tradução brasileira, rejeição). O conceito abrange duas possibilidades: em primeiro lugar, há forclusão quando, ocorrendo determinada experiência, o resíduo mnêmico que lhe corresponderia não é registrado no aparelho psíquico, e que equivaleria a lidar com a experiência como "non arrivé" (25, p. 61). Nesse sentido, veja-se (Le clair):

"Se imaginarmos a experiência como um tecido, quer dizer, ao pé da letra, como uma peça de fazenda constituída de fios entrecruzados, poderemos dizer que (...) a forclusão aí será figurada por alguma abertura de vida ao próprio tecido; a forclusão seria uma espécie de buraco original jamais suscetível de encontrar sua própria substância, porque ela jamais foi outra coisa que não

forclusão

substância de buraco (...)" (83, p. 63, grifos do autor).

A segunda possibilidade refere-se basicamente à colocação do "Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos" (54, p.267): a forclusão consiste na retirada de uma catexia inconsciente que energizaria uma determinada estrutura mnêmica. Em ambos os casos, "Uma repressão é algo muito diferente de uma rejeição" (50, p. 102): enquanto a repressão exige o reconhecimento da existência do elemento a ser reprimido, a forclusão implica na ausência, para o aparelho psíquico, da existência de uma experiência, já que não há estrutura mnêmica que a represente; no segundo caso, a repressão consiste na retirada da catexia pré-consciente da estrutura mnêmica. A nosso ver, em "A Interpretação dos Sonhos" (36), Freud está se referindo ao segundo caso de forclusão por nós apontado e o termo teria sido bem mais adequadamente utilizado do que o termo (supressão) escolhido. Assim, a supressão do afeto, no sonho, diz respeito à retirada da catexia inconsciente de uma determinada estrutura afetiva. Ela acontece, primeiro, porque todo sonho é uma formação de compromisso entre impulsos opostos (desejo e repulsa) e, em segundo lugar, porque no inconsciente, em virtude da inexistência de contradição, todo pensamento está ligado a seu contrário. Como cada um desses pensamentos é capaz de estar associado a uma estrutura afetiva, a supressão é entendida como uma "consequência da inibição que estes contrários exercem uns sobre os outros (...)" (p. 501). Em outras palavras, quando contrários, com suas respectivas estruturas afetivas, se defrontam, o resultado,

em virtude do compromisso entre desejo e repulsa, é a inibição dos estados afetivos, através da retirada de suas categorias inconscientes. A supressão do afeto é vista por Freud, tal como a deformação onírica, como uma consequência da censura dos sonhos.

- c) inversão. Do mesmo modo que os conteúdos cognitivos podem aparecer nos sonhos transformados em seus opostos, assim também podem proceder os estados afetivos. Tal mecanismo também é ocasionado pela censura onírica.
- d) reforço. Um determinado estado afetivo pode aparecer, no sonho, como reforçado, intensificado. Isto pode ocorrer de duas formas. A primeira, como consequência do processo anterior: após ocorrida a inversão do afeto, o estado afetivo que aparece pode ser intensificado a fim de que possa predominar por um motivo de defesa, ou seja, após transformado, o estado afetivo pode ser reforçado para que a deformação onírica seja mais eficiente. Por outro lado, o estado afetivo pode parecer adequado ao conteúdo cognitivo; entretanto, Freud aponta que, nesses casos, normalmente o estado afetivo em questão recebeu uma adesão por parte de uma outra estrutura afetiva, a qual não pode figurar no sonho como estado afetivo por ser considerada como proibida:

"Esta outra fonte tinha motivos para temer a censura e seu afeto teria indubitavelmente despertado oposição se não se houvesse coberto pela emoção semelhante e legítima da satisfação, a surgir da fonte permissível, e insinuando-se, por assim dizer, sob sua asa" (p. 511).

Em seu trabalho, Green aponta ainda uma quinta transforma

ção que o afeto pode sofrer durante a elaboração onírica. A esta, denomina desaparecimento: "Um conteúdo representativo pode ser totalmente privado do afeto que lhe corresponde no estado de vigília. Uma representação angustiante é acompanhada de indiferença" (79, p. 44). Compreendemos desta afirmação que, durante a elaboração onírica, uma determinada estrutura afetiva possa vir a não receber qualquer catexia inconsciente, de modo que não aparece no sonho como um estado afetivo. Entretanto, embora esta vicissitude constitua-se numa possibilidade teórica, parece-nos de pouca utilidade prática já que, empiricamente, não há como distingui-la da supressão. E principalmente, a vicissitude de desaparecimento constitui, a nosso ver, um problema teórico. Se nossa compreensão está correta e, com desaparecimento, Green quer indicar que a estrutura afetiva não recebeu catexia inconsciente, isto nos leva a estabelecer uma comparação com o conceito de repressão (52) e o desaparecimento dos afetos no sonho sugeriria um processo análogo ao da repressão originária, enquanto o empobrecimento (que é como o autor denomina a vicissitude de supressão) sugeriria algo como a repressão posterior. Por outro lado, o termo empobrecimento conduz ao conceito de repressão conforme Freud lidava em 1894 (25), ou seja, como um enfraquecimento da quota de afeto por retirada de uma parte da quantidade de afeto dos traços de memória em questão (idéia incompatível e afeto penoso, v. 5.3.), enquanto desaparecimento aproxima-se mais do conceito de 1915 (52). Entretanto conforme Freud aponta na "Interpretação dos Sonhos" (36), supressão implica na retirada — e não no empobrecimento — de catexia inconsciente, o que seria muito mais propriamente denominado de-

saparecimento. Deste modo, mesmo teoricamente, não está clara a conceituação da quinta vicissitude do afeto no sonho, aponta da por Green.

Além das transformações a que o afeto pode vir a ser submetido, há um outro problema em que o tema aparece envolvido. Faz-se necessário, porém, para maior compreensão deste tópico, um breve resumo da produção de sonhos.

sonhos

Com o sono, acontece um fechamento de polo sensorial e polo motor. O desejo inconsciente une-se aos restos diurnos, dos quais o sono não conseguiu retirar toda catexia, e procura abrir caminho, através do Pré-consciente, até o Consciente. Em virtude da censura, que não permite que o desejo chegue à consciência de forma nítida, este é deformado. Caso o processo onírico continuasse nessa direção, o desejo chegaria à consciência sob a forma de "uma idéia obsessiva, um delírio ou algo desse tipo" (36, p. 611). Entretanto, o desenvolvimento de tal proceso é impedido pelo estado de sono do Pré-consciente. Assim, ele se vê forçado a ingressar num caminho regressivo, que é caracteristico do sono e que implica na inversão do curso dos procesos excitatórios do aparelho psíquico. O processo adquire a característica de representabilidade e é justamente neste ponto que consegue atrair atenção para si e ingressar na consciência. Vê-se que o processo onírico, portanto, apresenta duas direções: uma progressiva, no sentido do Inconsciente para o Consciente e outra regressiva, no sentido de retorno às percepções. Deste modo, o sonho tem como função recolocar sob o domínio do Pré-consciente a excitação inconsciente que havia sido deixada livre, permitindo certa descarga desta excitação e, ao mesmo tem

po, preservando o sono. O sonho é sempre uma formação de compromisso onde um desejo é alucinatoriamente realizado, desde que atenda às exigências da repulsa.

Entretanto, há um caso em que a função do sonho, enquanto guardião do sono, fracassa: é o caso do sonho de angústia. Aqui, o processo onírico começa como a realização de um desejo inconsciente mas, em seu caminho progressivo, ao alcançar o Pré-consciente, tal tentativa "ressoa sobre o pré-consciente com tanta violência que ele é incapaz de continuar dormindo" (p.618) e o sono é imediatamente interrompido. O sonho de angústia, além de falhar na função de guardar o sono, envolve outra questão. Se um sonho é uma realização de desejo, então não seria possível que nele surgisse um estado afetivo tão penoso quanto a angústia. Freud justifica o aparecimento deste estado lançando mão de três argumentos (57).

Por um lado, pode acontecer que a elaboração onírica tenha conseguido transformar o conteúdo cognitivo do pensamento onírico numa realização de desejo mas que não tenha conseguido alterar o estado afetivo penoso que acompanhava tal conteúdo. Isso se dá porque é muito mais difícil alterar a qualidade de uma estrutura afetiva do que a estrutura cognitiva. Isolada a estrutura afetiva, a estrutura cognitiva sofre com muito mais facilidade as vicissitudes de deslocamento e condensação, impostas pela elaboração onírica, até o ponto de conseguir a realização do desejo.

Por outro lado, a realização do desejo deve sempre proporcionar prazer à pessoa do sonhador. Se o desejo que se consegue expressar no sonho é censurado pelo sonhador, sua realização

ção, ainda que alucinatória, não lhe pode trazer prazer — e sim angústia. Freud comenta que, frequentemente, os sonhos de angústia são realizações não-deformadas de desejo, portanto sonhos em que o conteúdo cognitivo inconsciente conseguiu burlar a censura. Assim, "a única fórmula adequada a um sonho de ansiedade consiste em que este é a realização franca de um desejo reprimido. A ansiedade é um sinal de que o desejo reprimido se mostrou mais forte que a censura (...)" (p. 259) e a angústia assumiu o papel da censura. "A ansiedade que emerge nos sonhos é, se preferem, ansiedade face à força destes desejos que normalmente estão sob controle" (p. 259). Em outras palavras, se o sonho é formação de compromisso, ele não pode atender unicamente o desejo.

O argumento final que Freud apresenta é o de que não se pode esquecer que, na vida mental dos seres humanos, existem poderosas tendências punitivas. Assim, um sonho de angústia pode estar obtendo a realização do desejo de punição, realização esta que, apesar de nada prazerosa, é a realização do desejo da pessoa que censura.

#### 5.6. Afeto e repressão

Está além dos objetivos do presente trabalho o estudo aprofundado do mecanismo de repressão. Entretanto, como este conceito envolve uma discussão que se relaciona diretamente com a concepção de afeto, julgamos que vale a pena uma tentativa de compreensão deste mecanismo de defesa, particularmente quanto às colocações de Freud no artigo de 1915 (52). Será necessário,



inicialmente, uma breve apresentação da concepção freudiana de pulsão.

No contexto da metapsicologia freudiana, tal como é formulada em 1915, a pulsão aparece como um "conceito situado na fronteira entre o mental e o somático" (51, p. 142). Está ligada, para Freud, à noção de representante pela qual ele entende uma espécie de delegação enviada pelo somático ao psiquismo (cf.82). No artigo "Os Instintos e suas Vicissitudes" (51), a pulsão aparece como o representante psíquico dos estímulos somáticos que alcançam a mente e como uma magnitude da exigência de trabalho imposta ao psiquismo em consequência de sua conexão com o somático; neste sentido, o aspecto energético apresenta-se privilegiado. Ainda que em outras obras (52), Freud coloque a pulsão como tendo um representante psíquico (composto por estrutura mênica e energia pulsiva ligada a ela), parece que a pulsão permanece sendo vista como processo, como estrutura que, tendo componentes que determina, é ao mesmo tempo por eles determinada. Estes componentes (no sentido de termos empregados em relação à pulsão) são:

- . pressão (Drang): é o fator motor da pulsão, isto é, a soma de força ou a quantidade de exigência de trabalho por ela representada. A pressão é uma característica geral de toda pulsão e, inclusive, constitui sua essência. Cada pulsão é uma magnitude de atividade.
- . alvo ou meta (Ziel): é sempre a satisfação, que só pode ser alcançada mediante a supressão do estado de estimulação da fonte pulsiva. Embora a meta de toda pulsão seja invariável, pode haver diferentes metas próximas suscetíveis de serem com

binadas ou substituídas entre si.

. objeto (Objekt): é a coisa na qual ou por meio da qual a pulsão pode alcançar sua satisfação. É o fator mais variável da pulsão. Não está originariamente ligado a ela, mas lhe é subordinado em consequência de sua adequação para conseguir satisfação. Não é necessariamente algo exterior ao sujeito: pode ser uma parte qualquer de seu corpo e é suscetível de ser substituído indefinidamente por outro no curso dos destinos da vida da pulsão.

. fonte\* (Quelle): é aquele processo somático que se desenvolve em um órgão ou uma parte do corpo. Ainda que o fato de nascer de fontes somáticas seja decisivo para a pulsão, esta só se dá a conhecer por suas metas. Assim, não concerne à Psicologia o estudo da fonte.

A idéia de conceito limítrofe pode ser, então, melhor explicitada. Limítrofe porque a pulsão é um processo que pertence tanto ao psíquico quanto ao somático e não porque esteja na fronteira entre os dois. Se houver um processo que só atinja o somático (como, por exemplo, a regulação térmica) ou só atinja o psíquico (como, por exemplo, as fantasias originárias), então não se pode falar em pulsão. Assim, a pulsão pode ser pensada como um:

"processo dinâmico, isto é, um processo motivacional que se inicia com uma tensão (tensão de necessidade) no organismo (fonte), que

---

\* O problema das fontes foi anteriormente abordado neste trabalho (v. seção 2.1.1.).

funciona como estímulo (Iriebreiz) criador de outras tensões:

- 1) no sistema nervoso (desprazer)
- 2) no aparelho psíquico (tensão de desejo) que, por sua vez, geram forças (ponto de vista econômico), a pressão e o desejo (Wunsch), que tendem a anular essas tensões derivadas (1) e (2) e, finalmente (meta), tende a anular a tensão inicial (tensão da necessidade) através de uma ação específica sobre o mundo exterior (objeto)". (Barros, notas de aula).

A pulsão aparece, portanto, como um processo complexo que se inicia com uma tensão de necessidade na fonte somática, induzindo desprazer (uma outra tensão) no sistema nervoso. Isso gera no psiquismo a seguinte situação: ativação da memória do objeto\* e percepção da ausência do objeto no mundo externo, ou seja, tensão de desejo. A força gerada pela tensão de desejo pode assumir dois caminhos: se em processo psíquico primário, a lucinação; se em processo psíquico secundário, conduta apetitiva buscando identidade perceptual com objeto real.\*\* Na medida em que o segundo caminho é escolhido, o organismo executa um reflexo adequado sobre objeto adequado real (ação específica), elimina a tensão de desejo (já que terá sido obtida a identidade perceptual), a tensão de desprazer e a tensão de necessidade, ob

\* O termo objeto aparece aqui empregado de forma distinta daquela que foi anteriormente utilizada nesta seção, e que corresponde a uma parcela real do mundo externo capaz de remover a tensão da fonte. Aqui, o termo refere-se ao resíduo mnêmico (estrutura cognitiva) que fica inscrito em Psi Pallium como representação do objeto externo e "cuja catexia perceptual funciona como uma pista para o ego deflagrar a fase consumatória da ação específica" (1, p. 105).

\*\* Embora este seja um tópico classicamente referido à primarização e à secundarização, é mais um problema de prazer e realidade (cf. 54, onde as sobreposições processo psíquico primário/princípio do prazer e processo psíquico secundário/princípio de realidade são desfeitas).

tendo satisfação de necessidade e prazer. Assim, a pulsão é uma tensão sempre capaz de gerar uma força que reduz a si mesma.

Nessa época, Freud distingue dois grupos de pulsões primitivas, ou seja, aquelas que não são passíveis de divisão: as pulsões de ego\* ou de auto-conservação e as pulsões sexuais. Pelas primeiras, Freud designa o conjunto das necessidades ligadas às funções corporais essenciais à conservação da vida do indivíduo. Embora esta designação estivesse, a princípio, ligada apenas à pulsão de auto-conservação, em 1915 (51) esta classe de pulsão já aparece assimilada à das pulsões de ego: esta, refere-se a um tipo específico de pulsão, cuja energia está colocada a serviço do ego, não conflito. Juntas, são contrapostas às pulsões sexuais. Destas, Freud diz que são muito numerosas, procedem de múltiplas e diversas fontes orgânicas, atuam a princípio independentemente umas das outras e só posteriormente alcançam uma síntese mais ou menos perfeita. Assim, a diversidade de fontes orgânicas implica que a pulsão sexual não está unificada desde o início, mas que começa por estar fragmentada em pulsões parciais cuja satisfação é local (prazer de órgão). Só depois de sua síntese é que entram a serviço da procriação, com o que se evidenciam como pulsões sexuais propriamente ditas. Em sua primeira aparição apóiam-se nas pulsões de auto-conservação, das quais separam-se pouco a pouco, seguindo também na escolha de objeto os caminhos que estas pulsões lhe delimitam. Caracte

---

\* O termo ego é utilizado por Freud em oito sentidos diferentes. Neste trabalho, entretanto, não nos detivemos no esclarecimento de cada um deles, remetendo à consulta de Coutinho (3).

rizam-se pela facilidade com a qual se substituem umas às outras e por sua capacidade de mudar indefinidamente de objeto. No decorrer do processo de desenvolvimento estão sujeitas a várias vicissitudes: reversão a seu oposto, retorno contra a própria pessoa, repressão e sublimação. Já que o presente trabalho está interessado na repressão, passar-se-á ao exame deste destino da pulsão.

Embora Freud só concretize explicitamente a distinção entre defesa e repressão em 1926 (70), onde coloca a repressão como um método particular de defesa, tal distinção já se insinua em 1915: "... a repressão não é um mecanismo defensivo que já esteja presente, desde o início..." (52, p. 170)). Mesmo as recém citadas vicissitudes a que as pulsões sexuais estão sujeitas são consideradas como "modalidades de defesa" (51, p. 147).

Conforme foi visto, a pulsão tem como meta a satisfação da necessidade, satisfação que seria prazerosa. Pode acontecer, entretanto, um caso em que o prazer não ocorra, ou seja, em que a decorrência da satisfação traga consigo o desprazer. A rigor, haveria prazer na satisfação da pulsão, mas tal resultado não seria conciliável a outros interesses e reivindicações. Isso implica em que a satisfação da pulsão provocaria prazer em um lugar e desprazer em outro. Tal situação funciona como uma resistência a que a pulsão atinja sua meta, resistência esta com a qual o aparelho psíquico não pode lidar através de uma resposta de fuga, uma vez que a fonte pulsiva é endógena. Consequentemente, a condição básica para a ocorrência da repressão é que a ameaça de desprazer seja mais forte do que a perspectiva do prazer que poderia ser alcançado pela satisfação. Recorrendo ao

modelo de 1895 (27) diríamos, em outras palavras, que ocorre repressão quando a tensão de repulsa é superior à tensão de desejo e que a repressão é o resultado de impulso de repulsa.

Além da condição descrita, para que a repressão possa ocorrer é necessária uma clivagem (cisão) prévia do aparelho psiquico, isto é, uma separação entre os sistemas Ics. e Pcs. (Cs):

"Ademais, a observação psicanalítica das neuroses de transferência leva-nos a concluir que a repressão não é um mecanismo defensivo que esteja presente desde o início; que ela só pode surgir quando tiver ocorrido uma cisão marcante entre a atividade mental consciente e a inconsciente (52, p. 170, grifo nosso).

Agora é possível caracterizar o processo de repressão: ele consiste em afastar da consciência os representantes da pulsão, mantendo-os no Ics. O reprimido é, portanto, inconsciente, embora seja importante chamar atenção para o fato de que o Ics. não é formado apenas por representações reprimidas. Enquanto inconsciente, apresenta as mesmas características e é sujeito às mesmas leis que os demais conteúdos pertencentes ao Ics.: ausência de contradição e de negação, independência do tempo, substituição da realidade externa pela psíquica e vigência das imposições do processo psíquico primário (53).

Em seu sentido lato, a repressão compreende três momentos, dos quais o segundo representa o sentido restrito do conceito. Conforme já apontado, há um momento anterior a todo esse processo, o da clivagem, já que não é possível sequer pensar em repressão sem que haja diferenciação topográfica entre os sistemas, sem que haja um sistema (o Ics.) que possa receber o representante reprimido.

O primeiro momento é o da repressão originária, que consiste em impedir que o representante psíquico da pulsão tenha acesso à consciência, promovendo uma fixação da pulsão ou de parte dela a um estágio infantil de desenvolvimento da libido. A repressão originária, portanto, não incide sobre a pulsão propriamente dita mas sobre seus representantes no psiquismo. Estes permanecem imutáveis no Ics., com a pulsão ligada a eles. Deste modo, a repressão originária cria um núcleo inconsciente que vai funcionar como uma espécie de ímã sobre todas as representantes psíquicas que possam ter ligação com aquele que foi originariamente reprimido.

O tempo seguinte é o da repressão propriamente dita ou repressão posterior, que vai afetar as ramificações psíquicas daquilo que foi primeiramente reprimido e as estruturas mnêmicas provenientes de outras fontes que, de alguma maneira, entraram em associação com o reprimido. Freud enfatiza o papel do núcleo inconsciente, deixado pela repressão originária, neste tempo da repressão apontando -- que seria enganoso enfatizar

"apenas a repulsão que atua a partir da direção do consciente sobre o que deve ser reprimido (...). Provavelmente, a tendência no sentido da repressão falharia em seu propósito, caso essas duas forças não cooperassem, caso não existisse algo previamente reprimido pronto para receber aquilo que foi repellido pelo consciente" (52, p. 171-2).

No entanto, a repressão não impede que os representantes retirados da consciência continuem se organizando. Tais representações buscam alcançar a readmissão à esfera consciente, o que vão em parte obter através de derivadas que se distanciaram das representações originais por terem alcançado uma deformação

efetiva. Este é o terceiro tempo da repressão, o do retorno do reprimido que, na verdade, manifesta o fracasso da repressão.

Até agora, pouco se tem falado sobre o objeto da repressão. Propositamente, temo-nos limitado a descrevê-lo como o representante psíquico da pulsão, fórmula vaga utilizada para remeter a um conceito que, no texto de Freud (52), envolve problemas que motivaram a discussão que ora passamos a empreender. O autor, a princípio, coloca que a repressão incide sobre o "representante psíquico (ideacional) do instinto" (p. 171, grifo nosso), negando-lhe o acesso à consciência. Posteriormente, coloca que o representante psíquico não é o único elemento representativo da pulsão: existe outro elemento que, em consequência da repressão, sofre vicissitudes diferentes daquela experimentada pela idéia. A esse outro elemento do representante da pulsão, Freud denomina quota de afeto, caracterizando-o como o elemento que "corresponde ao instinto na medida em que este se afasta da idéia e encontra expressão, proporcional à sua quantidade, em processos que são sentidos como afeto" (p. 176).

No decorrer deste trabalho, temos tentado deixar presente que, nos eventos psíquicos, estão sempre envolvidos os aspectos cognitivos, afetivos, volitivos e motores. Cada uma dessas experiências deixa resíduos mnêmicos, respectivamente, a estrutura cognitiva, a estrutura afetiva, a estrutura volitiva e a estrutura quinestésica. No texto em questão, Freud enfoca apenas o aspecto cognitivo do representante da pulsão o que, a nosso ver, corresponderia a algo análogo a valorizar apenas o objeto (Objekt), na pulsão. Se esta tem como meta a satisfação da necessidade e a consequente obtenção do prazer, está aqui envolvi



do o conceito de estrutura afetiva. Se busca satisfação e, pa-  
 ra tanto, necessita de uma ação específica, tem-se aqui relacio-  
 nada uma estrutura quines-tésica. Se a pulsão deflagra o desejo  
 no aparelho psíquico, necessariamente aparece o conceito de es-  
 trutura volitiva. Assim, nossa ótica é a de que o representan-  
 te psíquico da pulsão é uma estrutura mnêmica complexa, que en-  
 volve todos os aspectos psicológicos — ou, mais precisamente,  
 as estruturas mnêmicas — relacionados a um evento psíquico sen-  
 do, portanto, mais propriamente denominado representante mnêmi-  
 co da pulsão. Quando a repressão incide sobre tal representan-  
 te, a vicissitude das estruturas afetiva, volitiva e quines-tési-  
 ca, do mesmo modo que a estrutura cognitiva, é serem inscritas  
 no Ics..\*

Entretanto, conforme Freud aponta, o representante mnêmi-  
 co não é o único a sofrer uma transformação durante o processo  
 de repressão: há outro elemento, na pulsão, que também sofre  
 vicissitudes. Como já foi visto, Freud o denomina quota de afe-  
 to. Se retomarmos discussões anteriormente empreendidas (v. ca-  
 pítulos 2 e 4), iremos recordar que a quota de afeto foi então  
 conceituada como a intensidade conferida ao engrama pela quanti-  
 dade de afeto, coincidindo, portanto, com o fator intensivo (I)  
 da energia psíquica. Discutimos inclusive que o fator intensi-  
 vo (I) não tem possibilidade de deslocamento e descarga e que  
 somente a quantidade de afeto é que pode efetuar tais movimen-

\* O problema da estrutura afetiva inconsciente voltará a ser abor-  
 dado no capítulo final deste trabalho.

tos. Quando Freud coloca, no texto em questão (52), que o outro elemento que representa a pulsão é a quota de afeto isto parece ser a herança do problema suscitado pela colocação imprecisa que aparece em "As Neuropsicoses de Defesa" (25). Mais precisamente, portanto, a quantidade de afeto é que corresponderia ao outro componente do representante da pulsão. A quota de afeto está aqui envolvida, visto que aparece quando as estruturas cognitiva, afetiva, impulsiva e quines-tésica são ativadas por uma determinada quantidade de afeto, apresentando-se, respectivamente, como idéia, estado afetivo, impulso e imagem motora.

Deste modo, a repressão incide sobre o representante mnêmico da pulsão, remetendo-o ao sistema Inconsciente, retirando a quantidade de afeto a que este estava inicialmente submetido. A quantidade de afeto sofre, então, uma das três vicissitudes que lhe são próprias: ou é suprimida\* do aparelho psíquico e remetida para o corpo; ou vai energizar uma outra estrutura afetiva, aparecendo como um estado afetivo qualitativamente diferente do original ou vai energizar particularmente uma estrutura afetiva de angústia, aparecendo como um estado afetivo de angústia. Sugerimos que a terceira vicissitude não é mais do que uma modalidade particular da segunda e que Freud só as distingue deste modo para melhor caracterizar as vicissitudes próprias das psiconeuroses transferenciais. Assim, a supressão se

\* Aqui, o termo supressão é utilizado por Freud num sentido diverso daquele empregado pelo autor em relação aos sonhos (v. seção 5.5.), quando correspondia à retirada de uma catexia inconsciente.

ria a vicissitude específica da Histeria de Conversão, a trans formação em outro estado afetivo, da Neurose Obsessiva e a transformação no estado afetivo de angústia, da Histeria de An gústia.\*

---

\* O acompanhamento das vicissitudes do afeto nas psiconeuroses transferenciais, entretanto, foge aos limites do presente trabalho; sobre esse tópico, remetemos à consulta de Machado Co s t a (85).

## 6 - ESTADOS AFETIVOS

O presente capítulo tem como objetivo a tentativa de compreensão dos estados afetivos básicos, os quais são representados pelas experiências psíquicas de prazer, desprazer e angústia. Prazer e desprazer sempre foram considerados como de fundamental importância por Freud, a ponto de o autor colocar que são eles que fornecem aos demais afetos suas características predominantes (cf 59, p. 461); é nesse sentido, como afetos-nucleares, que se constituem como qualidades afetivas. A angústia também apresenta, conforme será visto, estas duas vertentes: como afeto-nuclear (angústia econômica), o que justifica sua inclusão como qualidade afetiva e como experiência psíquica (signal de angústia). Assim, ainda que o capítulo seja dedicado aos estados afetivos, será indispensável a abordagem dos afetos de prazer, desprazer e angústia a nível de Psi Nuclear.

Por outro lado, é importante esclarecer que, em sua concepção de estado afetivo, Freud sobrepõe as duas principais teorias vigentes na época: a de James-Lange segundo a qual a emoção era um evento secundário gerado pela percepção das respostas físicas iniciais aos estímulos provocadores da emoção, e a de Darwin sobre as expressões das emoções, ou seja, de que a emoção era um evento primário a nível de sistema nervoso que gerava uma descarga fisiológica. A angústia é um bom exemplo da ocorrência dessa sobreposição de teorias, na obra de Freud. Ver-se-á que, em sua concepção inicial de angústia, Freud vai considerá-la simplesmente como uma descarga visceral, na qual está ausente a conotação psíquica; mas, ao discutir os ataques de

angústia e a angústia crônica, torna-se clara a participação do psiquismo no fenômeno. Nesse caso, nota-se que o autor está im plicitamente adotando a concepção de James-Lange. Já na histe ria de angústia, onde a expressão visceral da angústia aparece em virtude de uma situação de conflito, ao nível de aparelho Psi quico, é a concepção de Darwin que está presente. Porém, para que haja um sinal de angústia (resíduo mnêmico) que, uma vez a tivado, leva ao aparecimento do estado afetivo de angústia, é necessário que tenha havido uma angústia econômica prévia. Pode-se dizer, portanto, que embora a teoria darwiniana pareça, em geral, estar mais presente na concepção freudiana de angústia, também está presente o ponto de vista de James-Lange, ainda que influenciando Freud de modo não explícito, na concepção do si nal de angústia. A questão certamente tornar-se-á mais clara com o estudo detalhado dos conceitos de angústia econômica e si nal de angústia aqui apontados.

#### 6.1. Prazer e desprazer

O tema começa a ser explorado no "Projeto" (27). Aqui, Freud compreende prazer e desprazer basicamente como eventos re lacionados às oscilações de tensão no sistema Psi Nuclear, isto é, como afetos nucleares. Ainda que a relação entre aumento de tensão/desprazer e redução de tensão/prazer fosse, a princípio, uma correspondência que Freud, nesta obra, fica tentado a fa zer, tal correspondência é efetivamente estabelecida e transfor ma-se num dos pilares de sua teoria. No próprio texto da obra em questão, o que seria uma hipótese já é tratado como um fato.

Assim, ao discorrer sobre a ação dos neurônios de Ômega, Freud afirma que "quando a catexia for mais intensa, eles causam uma sensação de desprazer; quando mais fraca, de prazer (...)" (p. 415). O problema frequentemente reaparece ao longo de seus trabalhos mas Freud sempre tenta manter a questão de prazer e desprazer vinculada a seu aspecto quantitativo, sendo apenas em 1924 (66) que se convence da impossibilidade de manter essa vinculação.

Uma outra questão é a que diz respeito a estarem prazer e desprazer basicamente relacionados às oscilações de tensão em Psi Nuclear. Uma vez que há no organismo tensão em fonte endógena, tensão em Psi Nuclear (afeto-nuclear) e tensão em Psi Pallium (afeto-pallium), deve-se também relacionar esses afetos às oscilações de tensão em fonte endógena e em Psi Pallium. Admitindo-se provisoriamente a correspondência entre prazer e redução de tensão, este afeto pode ser discutido nos seguintes níveis:

- . há prazer em relação a fonte endógena quando se extingue a tensão de necessidade porque o organismo obteve satisfação a través de ação específica;
- . há prazer em relação a Psi Nuclear quando, havendo a descarga na ação específica, há a volta ao nível de tensão mínima im posto pelo Princípio de Constancia;
- . há prazer em relação a Psi Pallium quando há redução da ten são instalada neste sistema; se a nível de desejo, em virtu de da redução da tensão de desejo por ter sido obtida a iden tidade perceptual com o objeto de satisfação; se a nível de

repulsa, quando há diminuição da tensão de repulsa quer por ter sido obtida a identificação perceptual com objeto não hostil e atuante, quer por a repressão ter sido exitosa.

Simetricamente, o desprazer também pode ser verificado nos níveis apontados, ainda que o aumento de tensão que é relacionado por Freud a esse afeto possa ter origem endógena (tensão de necessidade ou estado de afeto, gerado pela ação de neurônio secretor) ou exógena (ação de objeto hostil e atuante ou solução de continuidade das telas protetoras).

Cabe aqui, ainda, uma referência ao Princípio do Prazer. Como, no "Projeto" (27), Freud lida basicamente com prazer e desprazer como afetos-nucleares, esse princípio é relacionado ao Princípio de Constância, ao sistema Psi Nuclear mas, a partir de 1900 (36, 45, 60), o afeto-pallium começa a ser enfatizado e, assim, o Princípio do Prazer

"vai ser associado aos processos psíquicos primários de Satisfação de Desejo (busca do prazer) e de Defesa em Relação à Memória do Objeto Hostil (evitação de desprazer) (...) relativos à dinâmica das relações objetais, no sistema psi-pallium" (2, p. 47, grifos do autor).

O tema prazer/desprazer é retomado em 1905 (37). Aqui, embora Freud continue insistindo que a tensão envolve desprazer, reconhece que há casos em que é sentida como prazerosa: especificamente, seria o caso da tensão sexual. Isto cria um problema e Freud tenta conciliar a existência da tensão, vivida como desagradável com o estado afetivo de prazer que, nesse caso, lhe é concomitante. Considera que, no caso da tensão sexual, as zonas erógenas desempenham importante papel pois, ao serem estimuladas, conduzem ao aumento da excitação sexual ou à sua produ

ção, caso esta excitação ainda esteja ausente. Tal estímulo já é acompanhado de prazer que, por um lado, é intensificado pelo prazer que surge de mudanças preparatórias nos genitais mas, por outro, conduz ao aumento da tensão sexual que se transformará rapidamente em sensação desprazerosa caso não seja atendida por um aumento de prazer. A estimulação apropriada da zona erógena apropriada (genital) por um objeto igualmente apropriado conduz a um prazer de intensidade mais alta, provocado pela descarga, trazendo satisfação e redução de tensão na fonte pulsiva somática. Ao prazer obtido pela estimulação das zonas erógenas, Freud denomina pré-prazer, enquanto chama de prazer final ao prazer redutor de tensão, derivado da descarga de substâncias sexuais. Verifica-se que está bastante influenciado pela análise que Moll<sup>\*</sup> empreende sobre o instinto sexual. Moll decompõe este instinto em dois componentes: o instinto de contractação, que representa a necessidade de contato com a pele ou o impulso para entrar em contato sensorial com outra pessoa e o instinto de detumescência, que seria o impulso para o alívio espasmódico da tensão dos órgãos sexuais. Deste modo, sobrepondo as duas análises, poder-se-ia dizer que o pré-prazer seria o prazer obtido do instinto de contractação, enquanto que o prazer final seria o obtido do instinto de detumescência.

Ainda que não esteja estreitamente relacionado ao tema do presente trabalho, talvez seja de interesse um rápido comentário acerca da colocação de Freud sobre a pulsão sexual (cf. 5.6

---

\* Citado no texto pelo próprio Freud; cf 37, p. 172 n2 e p. 185 n1.



deste trabalho). No artigo de 1915 (51), Freud aponta quatro termos que são empregados em conexão ao conceito de pulsão, a saber, pressão, alvo, objeto e fonte. O alvo ou fim de uma pulsão é sempre a satisfação, a qual só pode ser alcançada mediante a supressão do estado de estimulação da fonte pulsiva. Entretanto, a pulsão sexual, após sua síntese, teria por finalidade última a preservação da espécie. Desse ponto de vista, cria-se um impasse pois se a finalidade última da pulsão sexual está a nível de reprodução, o ato sexual que não conduza a ela, quer por esterilidade, quer pela utilização de métodos anticoncepcionais, mesmo que reduza a tensão na fonte pulsiva será necessariamente um ato perverso pois, mesmo que a zona erógena em questão seja a genital, o prazer obtido estaria a nível de prazer de órgão. Por outro lado, levanta-se a questão de em que momento um fim pode ser considerado totalmente alcançado, ou seja, onde deixa de ser um fim parcial: por exemplo, um indivíduo pode ter um filho mas este pode não procriar. Isso faria com que o fim ainda fosse parcial? O mesmo argumento pode ser levantado em relação às pulsões de auto-conservação. Em relação à pulsão alimentar, por exemplo, quando é que se deve considerar a finalidade como alcançada: quando o bebê suga o seio da mãe? Quando o leite entra em sua boca? Quando chega ao estômago? Quando é metabolizado pelo organismo? A discussão ainda pode ser levada mais adiante quando se identifica o problema suscitado pela colocação freudiana da necessidade de descarga de substâncias sexuais para que se consiga o prazer final através da redução da tensão na fonte somática. O modelo é nitidamente masculino, o homem efetivamente exhibe uma descarga através da ejaculação. A ques

tão, entretanto, não é esclarecida quando se tem em vista a mulher; aqui não se tem possibilidade de identificar a descarga química que Freud valoriza como a única que traz o prazer final.

Voltando ao problema prazer/desprazer, verifica-se que a próxima abordagem que Freud dá a esta questão está em "Além do Princípio do Prazer" (60); aqui volta a considerar prazer em conexão à oscilação de tensão no aparelho psíquico, relacionando novamente o desprazer com um aumento desta tensão e o prazer com sua diminuição. Relaciona também sua própria concepção de prazer com a de Fechner e cita este autor:

"Até onde os impulsos conscientes sempre possuem uma certa relação com o prazer e o desprazer, estes também podem ser encarados como possuindo uma relação psicofísica com relações de estabilidade e instabilidade. Isso fornece a base para uma hipótese em que me proponho ingressar com maiores pormenores em outra parte. De acordo com ela, todo movimento psicofísico que se eleve acima do limiar da consciência é assistido pelo prazer na proporção em que, além de um certo limite, ele se aproxima da estabilidade completa, sendo assistido pelo desprazer na proporção em que, além de um certo limite, se desvia dessa estabilidade, ao passo que entre os dois limites, que podem ser descritos como limiares qualitativos de prazer e desprazer, há uma certa margem de indiferença estética" (p. 18-9).

Embora Freud sustente que a concepção de Fechner "coincide em todos os seus aspectos essenciais com aquela a que fomos levados pelo trabalho psicanalítico" (p. 18), a nosso ver essa coincidência não é assim tão estreita: Freud poderia ter aproveitado bem mais da colocação de Fechner e, talvez, com isso, resolvido um problema que permanece central em toda sua obra. A citação de Fechner é truncada, porém remete-nos de imediato ao problema do equilíbrio, em Física. De uma maneira geral, um corpo

é dito como estando em equilíbrio estável quando, sendo alterado este estado, tem a possibilidade de recuperá-lo; paralelamente, o equilíbrio é instável quando, nas mesmas circunstâncias, desaparece essa possibilidade de recuperação. Deste modo, o problema prazer/desprazer não se reduz a se a tensão aumentou ou diminuiu no aparelho psíquico, mas a se há ou não a possibilidade de recuperação do estado de equilíbrio, uma vez que este tenha sido rompido. O estado de equilíbrio está, em Freud, basicamente relacionado ao nível mínimo de tensão, regulado pelo Princípio de Constância, algo que se aproxima da zona de indiferença estética proposta por Fechner. Que não há possibilidade de lidar com os estados afetivos de prazer e desprazer unicamente por vias quantitativas, Freud só vai reconhecer formalmente em 1924, com "O Problema Econômico do Masoquismo" (66). Aqui, finalmente o autor desvincula o problema prazer/desprazer da relação exclusiva com aumento e diminuição de tensão:

"Parece que eles dependem, não desse fator quantitativo, mas de alguma característica de le que só podemos descrever como qualitativa (...). Talvez seja o ritmo, a sequência temporal de mudanças, elevações e quedas na quantidade de estímulo. Não sabemos." (p. 200).

Embora ainda fique tentado a recorrer à antiga noção de período que aparecia em relação ao sistema Ômega do "Projeto" (27), "enfim, o velho sonho de uma redução total da qualidade à quantidade deve ser abandonado" (79).

Outro ponto a ser explorado, na citação de Fechner, é o que diz respeito a limiar. Em sua concepção, Fechner propõe dois limiares, um para o prazer e outro para o desprazer. Em Freud, há também dois limiares, mas não há um limiar específico

para o prazer e outro para o desprazer. O limiar freudiano para prazer/desprazer é o limiar da constância, ou seja, aquele que, quando ultrapassado, constitui-se como um estímulo para o psiquismo, daí também poder ser chamado limiar perceptual. O outro é o limiar da angústia, ou seja, aquele ponto onde a tensão deixa de ser percebida como prazerosa ou desprazerosa e passa a ser interpretada como angustiante. A existência desse limiar já era discutida desde 1895:

"Se, de todo, uma enfermidade neurótica ocorre, isso depende de um fator quantitativo — da carga total do sistema nervoso comparada à capacidade de resistência desse último. Tudo que mantiver esse fator quantitativo abaixo de certo limite, ou puder fazê-lo retroceder a baixo desse limite, tem um efeito terapêutico, desde que dessa forma a equação etiológica fique insatisfeita" (30, p. 159, grifos do autor).

Em outras palavras, a instalação da neurose depende, paralelamente à presença dos outros fatores etiológicos, de uma quantidade de energia que, ultrapassando um determinado limiar, perde a possibilidade de restauração do limite anterior, passando a ser percebida como angústia. Vê-se presente, nesse trecho, uma concepção muito próxima àquela de Fechner que só será formalmente citada por Freud em 1920 (60).

Em que consistiria esse limiar? A resposta só é encontrada bem mais tarde, em 1926 (70). Aqui fica nítido que o limiar seria identificado nas situações de perigo que se estabelecem como decorrência da situação traumática, as quais, apesar de modificarem-se conforme o período de vida do indivíduo, possuem em comum o fato de envolverem a separação ou a perda de um objeto amado ou uma perda de seu amor. De uma maneira geral, po-

der-se-ia concentrar o problema no fato de o objeto estar presente ou ausente na situação de desejo.

Caso se admita que prazer e desprazer não estão respectivamente vinculados com redução e aumento de tensão, pode-se admitir também que, além dos aumentos de tensão prazerosos discutidos por Freud em 1905 (37), pode muito bem haver reduções de tensão desprazerosas.\* Assim, um aumento de tensão, por exemplo, desde que o objeto encontre-se presente, pode ser interpretado como prazer ou como desprazer. A nosso ver, esta interpretação depende diretamente da experiência prévia do sujeito. Seria ela a determinar se uma tensão crescente ou decrescente de flagrará um estado afetivo de prazer ou de desprazer. Se numa situação de tensão em função de fome, por exemplo, o sujeito tem a experiência prévia de obter o objeto adequado para satisfazer a necessidade, este aumento de tensão tende à estabilidade, ou seja, tende à restauração do equilíbrio; assim, o aumento de tensão seria vivenciado como prazeroso. Pode-se imaginar o caso inverso onde, face a uma situação de fome, a experiência do sujeito seja a de dificuldade para a obtenção do objeto adequado; nesse caso, o aumento de tensão tende à instabilidade e seria vivenciado como desprazeroso. O problema da angústia é mais complexo e será melhor abordado a seguir, quando da discussão desse estado afetivo particular.

O que é curioso em relação a toda essa discussão é que,

---

\* A esse respeito, ver a discussão sobre as quatro possibilidades de alteração de nível tensional, seção 2.1.2. do presente trabalho.

mesmo admitindo a impossibilidade de lidar com prazer e desprazer unicamente através de seus aspectos quantitativos, Freud não lida com os aspectos qualitativos desses eventos, isto é, com as estruturas afetivas relativas a estas experiências de tensão e distensão, e que mesmo lidando com o Princípio do Prazer a nível de Psi Pallium, continue tão aferrado à hipótese tensional exclusivamente a nível de Psi Nuclear. Se a característica do afeto-nuclear é a capacidade de ser percebido e se toda percepção deixa resíduos, então haverá em Psi Pallium estruturas mnêmicas relativas a esses eventos nucleares; como o afeto-pallium apresenta igual capacidade, aqui também haverá estruturas mnêmicas. Em ambos os casos, trata-se de estruturas afetivas. Conforme já se viu, a percepção das oscilações de tensão funciona como uma qualidade afetiva para o psiquismo, mas o problema não se esgota na percepção: uma oscilação funciona como qualidade se, além de percebida, puder ser apercebida, isto é, puder ser interpretada. No caso de prazer/desprazer, essa interpretação está vinculada à experiência prévia do sujeito e à situação de presença de objeto (ou seja, oscilação de tensão a baixo do limiar de angústia). Assim, havendo um afeto-nuclear ou um afeto-pallium, tal oscilação será percebida e examinada pelo psiquismo:

. caso haja possibilidade de restauração do nível tensional mínimo porque há experiência prévia de obtenção do objeto, independentemente de ser uma oscilação no sentido de aumento ou no de diminuição de tensão, será interpretada como prazer, o que implica na reenergização de uma estrutura afetiva de prazer, que passa a ser experimentada por Psi Pallium como um

estado afetivo de prazer;

- . caso haja uma ameaça de impossibilidade de restauração do nível tensional mínimo porque há experiência prévia de dificuldade de obtenção de objeto, independentemente de ser uma oscilação no sentido de aumento ou no de diminuição de tensão, será interpretada como desprazer, o que implica na reenergização de uma estrutura afetiva de desprazer, que passa a ser experimentada por Psi Pallium como um estado afetivo de desprazer.

## 6.2. Angústia

### 6.2.1. Angústia Econômica e Sinal de Angústia

Previamente às considerações e comentários sobre as teorias desenvolvidas por Freud, para a compreensão da angústia, é necessário que se detenha nos conceitos de angústia econômica e sinal de angústia. Embora estes conceitos estejam referidos às teorias freudianas de angústia, optou-se por lidar com eles isoladamente neste momento, a fim de que, quando introduzidos nas citadas teorias, possam ocupar seus lugares em toda sua extensão.

A expressão angústia econômica ou angústia automática somente foi introduzida por Freud em 1926 (70) mas a noção que lhe é correspondente já está esboçada nos primeiros trabalhos do autor (13, 16, 17, 18, 19) particularmente nos artigos sobre a neurose de angústia. A concepção de Freud apresentada nestes trabalhos iniciais compreende a angústia como um afeto-descarga que

ocorre quando o sistema Psi nuclear é invadido por um intenso afluxo de energia, o qual ultrapassa um valor definido como limiar. Note-se, porém, que este limiar não coincide com aquele anteriormente\* discutido em relação à percepção, quando viu-se que somente acima deste limiar perceptual é que a tensão passa a ter significação psíquica. A elevação da catexia em Psi nuclear acima deste novo limiar (FQ) — o qual poderia ser denominado, a fim de distinguí-lo do anterior, limiar de angústia — desorganiza a capacidade do aparelho psíquico de apresentar respostas adequadas à situação. Freud denomina situação traumática a esta situação em que o aparelho psíquico, por ver-se confrontado com um excessivo afluxo de excitação (Q) em Psi nuclear (C), acaba por desorganizar-se em sua capacidade de tolerar a excitação e em sua possibilidade de controlá-la e elaborá-la.

O afluxo de excitação pode ocorrer tanto por ativação de fonte endôgena como por ativação de fonte exôgena. A lembrança do arcabouço teórico do "Projeto" (27) volta a ser útil neste momento. Com respeito à experiência de satisfação, viu-se que uma tensão de necessidade produz uma tensão nuclear, a qual gera uma urgência no sentido de reduzi-la o que, normalmente, dar-se-á através da descarga visceral (afeto-descarga) e da ação específica. Caso esta redução não ocorra, a situação é perpetuada: a tensão de necessidade é mantida e o nível de catexia em Psi nuclear permanece em ascensão até que, ao ser ultrapassado o limiar de angústia, uma situação traumática é configurada, com

---

\* Seções 2.1.2. do presente trabalho e 6.1.



seu afeto-descarga específico. Aqui tem-se a angústia pulsional (70), uma angústia econômica gerada por afluxo contínuo de excitação proveniente da tensão de necessidade em fonte endógena. Na experiência de dor, a partir de fonte exógena (objeto hostil atuante ou solução de continuidade das telas protetoras), um excesso de energia atinge Psi nuclear, provocando uma elevação súbita e acentuada do nível de catexia desse sistema para além do nível constante, gerando uma urgência para a redução da tensão o que, normalmente, dar-se-á através do afeto-descarga e do reflexo de fuga. Caso esse afluxo de excitação seja de tal ordem que o limiar de angústia seja ultrapassado, configura-se uma situação traumática, com seu afeto-descarga específico. Aqui tem-se a angústia do real (70), uma angústia econômica gerada por afluxo súbito e acentuado de excitação proveniente de fonte exógena. No caso do afeto (no sentido peculiar empregado no "Projeto"), há uma elevação súbita e acentuada do nível de catexia de Psi nuclear, em função da energia liberada pela ação de neurônios secretores quando da recatexização do engrama cognitivo do objeto hostil (perceptiva ou associativamente). Caso este afluxo de excitação seja de tal ordem que ultrapasse o limiar de angústia, configura-se uma situação traumática, com seu afeto-descarga específico. Aqui tem-se uma angústia econômica gerada por afluxo súbito de excitação proveniente de fonte endógena (estimulada pela ação de neurônios secretores). É importante ressaltar que Freud refere-se à angústia econômica tanto no sentido de situação traumática (afeto-nuclear, especificamente angústia nuclear) quanto no de descarga visceral que a acompanha (afeto-descarga, especificamente angústia-descarga).

Como foi anteriormente apontado, em virtude de o sistema ômega estar conectado com a intimidade do organismo, toda vez que ocorrer uma oscilação tensional em Psi nuclear e/ou um afeto-descarga, isto será percebido por este sistema, constituindo-se num afeto-percepção; esta percepção deixa um resíduo mnêmico no aparelho psíquico, a estrutura afetiva, que, por um processo de associação de re percepção, pode receber uma quantidade de afeto, adquirindo certa intensidade psíquica, o que faz com que se apresente como um estado afetivo. No caso da angústia, quando ocorre uma angústia-nuclear ou uma angústia-descarga, isto será percebido pelo sistema ômega, constituindo-se numa angústia-percepção (o sentimento de angústia, componente principal do ataque de angústia). A angústia-percepção deixa no aparelho psíquico um resíduo mnêmico (estrutura afetiva de angústia) que, se adquire certa intensidade psíquica será experienciada como estado afetivo de angústia (ou estado angustioso ou afeto penoso). O  sinal de angústia refere-se tanto à estrutura afetiva de angústia quanto ao estado afetivo de angústia. Julgamos, porém, que a expressão é utilizada com maior precisão quando se refere ao estado afetivo pois apenas quando catexizada é que a estrutura afetiva pode exercer sua função sinalizadora. O conceito, embora só apareça formalmente enunciado em 1926, (70), foi sendo paulatinamente esboçado desde 1895 (27), passando pelo artigo de 1915, "O Inconsciente" (53), e pela "Conferência XXV" (59).

Concluindo, a angústia econômica refere-se a uma primeira experiência de angústia vivenciada pelo sujeito e as subsequentes descargas desse afeto vão ser devidas à reativação do engra

ma dessa experiência primitiva.

### 6.2.2. Teoria da Angústia Econômica

A primeira teoria freudiana da angústia está formulada nos trabalhos que se estendem de 1893 a 1895, basicamente nos dois artigos sobre neurose de angústia (29, 30), nos Rascunhos E e G (16, 18) e no artigo sobre obsessões e fobias (28).

Desde seus primeiros trabalhos, a relação da angústia com a sexualidade é claramente estabelecida. A partir da observação de casos clínicos, quando verifica que muitos dos pacientes praticam o coito interrompido, Freud chega à conclusão de que a angústia constitui uma descarga inadequada da excitação sexual somática acumulada. Voltando ao referencial teórico do "Projeto" (27), pode-se compreender o processo sexual normal do organismo maduro. Com a tensão de necessidade de ordem sexual, verifica-se em Psi nuclear a elevação do nível de catexia que, ultrapassando o limiar perceptual, converte-se em estimulação psíquica, energizando o grupo de idéias sexuais. Instala-se o estado psíquico de tensão libidinal e uma urgência no sentido de uma descarga que reduza tal tensão. Esta redução só é possível através da ação específica, no caso o coito normal (16,18,27, 29). A neurose de angústia surge quando a excitação sexual somática se vê impedida de encontrar vias para executar a ação específica. O grupo de idéias não é energizado e, conseqüentemente, verifica-se uma diminuição da "libido psíquica" ou "afeto sexual". Como a descarga não pode ser efetuada, a excitação

continua a se acumular em psi nuclear até que, ao ultrapassar o limiar de angústia (angústia-nuclear) é descarregada sub-corticalmente (angústia-descarga). Tal descarga é dita inadequada por não atender à ação específica: constitui a expressão da angústia e suas manifestações apresentam as características da ação específica omitida, ocorrendo de forma isolada e exagerada, por constituírem a única saída para a excitação, ou seja, as vias subsidiárias de descarga de tensão sexual substituem a via principal. Todo esse processo leva Freud a "esperar que o mecanismo da neurose de angústia deva ser procurado em uma deflexão da excitação sexual somática da esfera psíquica, com um consequente emprego anormal dessa excitação" (29, p. 126, grifo do autor). Reconhece-se, aqui, o conceito de angústia econômica, como estando subjacente a toda esta formulação teórica.

Embora Freud não se detenha a esclarecer a questão, ao afirmar a ausência de participação psíquica na neurose de angústia, abre espaço para uma participação de tal ordem ao colocar que a "expectativa ansiosa é o sintoma nuclear da neurose" (29, p. 110). Se tal espaço sugere, a princípio, uma contradição, um exame mais detalhado, a partir dos conceitos de angústia econômica e sinal de angústia recentemente abordados, resolve o impasse. O assunto foi anteriormente examinado na discussão das teorias de James-Lange e Darwin, quando apontou-se que a posição teórica de Freud, na teoria da angústia econômica, encontra-se implicitamente influenciada pela posição de James-Lange. Julgamos que, na neurose de angústia, há um primeiro momento em que efetivamente não há participação do psiquismo na gênese da angústia econômica. Mas, a partir do momento em que a angústia

econômica (angústia-nuclear e/ou angústia-descarga) é percebida e registrada, mesmo não havendo elaboração psíquica da excitação sexual, o aparelho psíquico passa a participar plenamente do processo, operando como sinal de angústia (estrutura afetiva de angústia e/ou estado afetivo de angústia),— e esse constitui o segundo momento da neurose de angústia.

Quando o sinal de angústia (estrutura afetiva) é ativado pelo que Freud denomina "quantum de ansiedade em estado de livre flutuação" (29, p. 110), constitui-se numa expectativa ansiosa que se associa a qualquer estrutura cognitiva adequada e disponível. Além da expectativa ansiosa, que se estabelece como uma angústia crônica, há no quadro clínico da neurose de angústia os ataques de angústia que podem consistir:

- . apenas no ataque de angústia, sem nenhum conteúdo cognitivo associado;
- . na associação da angústia com o distúrbio de uma ou mais funções corporais (respiração, atividade cardíaca, inervação vaso-motora e atividade glandular);
- . na associação da angústia com conteúdos cognitivos relacionados com idéias, objetos ou situações instintivamente ameaçadores, comuns à espécie humana, tais como idéias de morte, acidente cerebral ou loucura; tem-se aqui o que Freud denomina fobias típicas comuns;
- . na associação da angústia com conteúdos cognitivos relacionados a idéias, objetos ou situações presentes no momento da situação traumática; tem-se aqui o que Freud denomina fobias típicas contingentes.

Ainda que a situação traumática só vá ser definida como

aumento da excitação acima do limiar em 1926 (70), na fase que ora está em estudo a preocupação com o tema já se começa a delinear. É assim que Freud tenta justificar o aparecimento do particular estado afetivo de angústia nas "condições de insuficiência psíquica de controle de excitação sexual" (29, p. 131) relacionando-o ao problema do perigo: ocorre angústia quando o aparelho psíquico sente-se incapaz de lidar apropriadamente com uma situação de perigo externa. Quando a situação de perigo tem origem interna, o aparelho psíquico comporta-se como se estivesse projetando para fora essa excitação endógena. Entretanto, enquanto a angústia produzida por fonte exógena não persiste por muito tempo, a excitação produzida por fonte endógena atua de modo contínuo, o que faz com que na neurose de angústia verifique-se um estado crônico de angústia.

### 6.2.3. Teorias, aparentemente contraditórias, que relacionam angústia e repressão

#### . Primeira Teoria: repressão causa angústia

Neste período, que vai até 1920 (36,37,39,40,41,50,52,53,59), a explicação dada por Freud, para a angústia, é a mesma: a excitação sexual acumulada transforma-se em angústia; aqui, entretanto, Freud enfatiza que a repressão é a responsável por tal transformação.

Até o "caso Hans" (41), Freud não confere às fobias um lugar próprio no sistema de classificação das neuroses, ainda que assinale a presença de tais sintomas em várias perturbações neuróticas (25,31). A partir do estudo desse caso, percebe o pa

pel fundamental desempenhado pela fobia no quadro que se apresentava, surgindo daí a necessidade de isolá-la como processo patológico independente. Passa, então, a designar as fobias semelhantes àquela encontrada em "Hans" por histeria de angústia, sublinhando, assim, a semelhança estrutural deste quadro psiconeurótico com o da histeria de conversão. Os dois quadros distinguem-se porque, embora em ambas verifique-se a descatexização ou impedimento de catexização dos engramas relacionados à pulsão através do mecanismo de repressão, o destino que as quantidades de afeto assim liberadas vão seguir são diversos: enquanto, na histeria de conversão, a quantidade de afeto é suprimida do aparelho psíquico e remetida para o corpo, na histeria de angústia a quantidade de afeto não é convertida, mas liberada sob a forma de angústia.

Para que se possa proceder a um exame mais detalhado do processo de repressão, na histeria de angústia, é necessário recorrer ao conceito de deslocamento. Como já foi visto, deslocamento é um tipo de movimento de catexia dentro do aparelho psíquico mas cabe esclarecer que Freud lida com este conceito em duas acepções diferentes: como movimento de catexia ao longo de vias facilitadas em direção a determinados engramas e como substituição de uma via facilitada por outra e seu respectivo engrama. Genescá propõe que esta última acepção seja denominada deslocamento substitutivo, para diferenciá-lo da acepção anterior, designando com esta expressão o

"movimento de uma quantidade de catexes susceptível de se desligar de engramas mnêmicas e seguir por vias associativas substitutas em direção a engramas substitutos" (78, p.23, grifo da autora),

movimento que sempre está presente nas psiconeuroses transferen-  
ciais.

No caso particular da histeria de angústia, a quantidade de afeto que foi liberada pela repressão desloca-se (deslocamento substitutivo) para uma estrutura afetiva substituta (no caso, sempre a estrutura afetiva de angústia), catexizando-a; como resultado, aparece um estado afetivo de angústia e a deflagração da descarga visceral específica: a angústia-descarga. A fim de tentar impedir a liberação da angústia, o aparelho psíquico volta a deslocar a quantidade de afeto, desta vez para uma idéia substitutiva que, embora associada ao conteúdo mnêmico reprimido, está suficientemente distanciada dele para não sucumbir também à repressão. O deslocamento da quantidade de afeto para uma idéia substitutiva, além de ser secundário ao aparecimento da angústia livre (não ligada a um objeto), constitui a fobia. É nesse contexto que Freud aponta que a histeria de angústia cada vez mais se desenvolve no sentido da fobia: o aparelho psíquico constrói "Barreiras mentais da natureza de precauções, inibições ou proibições" (41, p. 124); tais estruturas protetoras aparecem sob a forma da fobia, sintoma central do quadro. Apesar dessa tentativa, não é obtida a inibição da liberação da angústia, que passa a ocorrer como se seu objeto fosse a própria formação substitutiva; o psiquismo tenta, então, inibir o desenvolvimento da angústia que sobrevem a partir da idéia substitutiva, catexizando as estruturas mnêmicas que a rodeiam e se associam a ela, de modo a haver uma ligeira liberação de angústia quando uma dessas estruturas é catexizada. Essa pequena liberação de angústia passa a ser utilizada como um sinal para



inibir o desenvolvimento da angústia. As precauções contra a catexização da idéia substitutiva, entretanto, só funcionam quando a estimulação tem origem exógena, fracassando no que diz respeito à estimulação pulsional. A formação de substitutos continua mas, em geral, as tentativas de fuga das demandas pulsionais permanecem inúteis e insatisfatórias; nos raros casos em que a liberação de angústia consegue ser bloqueada, o êxito do processo continua sendo bastante discutível, já que é obtido através de um severo comprometimento da liberdade do sujeito.

. Segunda Teoria: angústia causa repressão

No período que vai de 1926 a 1932 (70, 73), além de repressão e angústia passarem a ser referidas às instâncias da topografia de 23 (63), a própria concepção freudiana da relação entre repressão e angústia sofre modificação:

"Foi a ansiedade que produziu a repressão e não, como eu anteriormente acreditava, a repressão que produziu a ansiedade" (70, p. 131).

Freud também distingue com clareza conceitos como os de angústia econômica, sinal de angústia e situação traumática.

O nascimento constitui o protótipo da vivência de angústia: aqui ocorreram pela primeira vez o acúmulo de excitação que ultrapassou o limiar, o desprazer e a angústia descarga. Constitui também o protótipo das situações de perigo com as quais o indivíduo vai fatalmente se defrontar ao longo de sua vida. Como a angústia é definida como uma reação a uma situação de perigo, cabe aqui esclarecer o significado deste conceito.

"Uma situação é perigosa quando, comparando sua força com a mag

nitudo do perigo, o sujeito admite seu desamparo (Hilflosigkeit) frente a ele, sua incapacidade de dominá-lo" (89, p. 47). A situação de desamparo é denominada situação traumática e, conforme já se viu, corresponde a um distúrbio econômico causado por tensão nuclear que ultrapassa limiar de angústia (angústia-nuclear); a excitação, então, é descarregada sob a forma de angústia-descarga. Reconhece-se, aqui, a conceituação de angústia econômica. A situação de perigo constitui uma ameaça de que a situação traumática venha a se repetir, isto é, uma expectativa e lembrança da situação de desamparo. Quando a situação de perigo é identificada, o ego informa a aproximação da situação traumática através do sinal de angústia, que funciona como um meio de evitá-la. Deste modo, a angústia é reproduzida, intencional e mitigadamente, sob controle do ego, o qual "sujeita-se à ansiedade como uma espécie de inoculação, submetendo-se a um ligeiro ataque da doença a fim de escapar a toda sua força" (70, p. 187). "A ansiedade, por conseguinte, é, por um lado, uma expectativa de um trauma e, por outro, uma repetição dele em forma atenuada" (70, p. 191). Podem ser notadas, aqui, duas características marcantes do estado afetivo de angústia: seu caráter de expectativa, vinculado à situação de perigo e a existência de indefinição e falta de objeto, relacionada à situação traumática.

O que há de comum entre a situação do nascimento e a situação de perigo? Freud considera que seria a perda de um objeto amado e a angústia seria, então, uma reação à perda ou à separação de objeto. Entretanto, julgamos que, mais do que isto, a semelhança entre essas situações está em que, em ambos os ca

sos, trata-se de um acúmulo de excitação de tal ordem que ultra passa o limiar de angústia, excitação com a qual o ego não se sente habilitado a lidar adequadamente. A angústia devida à perda do objeto é tão somente um deslocamento da angústia gerada economicamente.

Durante o desenvolvimento do indivíduo, os determinantes das situações de perigo vão progressivamente se modificando. Inicialmente ocorre o deslocamento da angústia da situação traumática de desamparo para uma situação que represente a ameaça de que tal situação ocorra novamente. Dai por diante, os determinantes das situações de perigo estarão sempre relacionados à perda ou à separação do objeto. Se, inicialmente, o perigo é o desamparo psíquico, em seguida o perigo é a perda do objeto representado pela mãe, que supre as necessidades do indivíduo e garante sua sobrevivência, que o protege e ama. Quando, na fase fãlica, o sujeito vivencia o conflito entre tendências erôticas em relação à mãe e tendências agressivas em relação ao pai, o perigo passa a ser constituído pela castração; nas mulheres, onde a angústia de castração não tem possibilidade de acontecer, o perigo está representado pela perda do amor do objeto. Durante a latência e a partir daí, a angústia passa a ser relativa ao superego, apresentando-se como angústia social ou moral. A fase final deste processo é representada pelo medo da morte, "um medo do superego projetado nos poderes do destino" (70, p. 164).

Freud traça ainda a distinção entre uma angústia que pode ser considerada normal e aquela presente numa neurose. No primeiro caso, trata-se de uma angústia do real gerada por uma situação de perigo real, um perigo conhecido procedente do meio

externo. No segundo, trata-se de uma angústia pulsional gerada por um perigo desconhecido, procedente de fontes endógenas, portanto de um perigo pulsional. Frente a um perigo real, a angústia é um meio de defesa, desde que ela sinaliza a necessidade de execução de movimentos musculares e ações protetoras. Quando o ego aplica este mesmo procedimento defensivo contra um perigo pulsional, tal ação não é bem sucedida. Se, no caso de perigo real, há duas reações, a saber, a angústia do real e a ação protetora, no caso do perigo pulsional também deverá ocorrer duas reações: a angústia pulsional e a medida protetora representada pela repressão, que é executada, logo que o perigo é constatado, a partir da emissão de um sinal de angústia. Deve-se ter presente, porém, que não é a demanda pulsional em si que é perigosa mas o que vai ocorrer como consequência de sua existência; portanto, uma pulsão pode ser considerada um perigo interno porque sua satisfação levaria à ocorrência de um perigo externo. Tal consequência, o perigo externo que pode ocorrer seria a ameaça de castração e a angústia de castração (ou, nas mulheres, a angústia devida à perda do amor do objeto) é tida, por Freud, como a única causa dos procedimentos defensivos que conduzem à neurose. Se, inicialmente, o nascimento foi considerado como protótipo das reações de angústia, Freud não manteve tal suposição no decorrer de "Inibições, Sintomas e Ansiedade" (70). A angústia de castração, registrada filogeneticamente como resíduo de experiências traumáticas anteriores, é que passa a ser considerada como o protótipo das vivências de angústia.

Deste modo, acaba-se por retornar ao ponto central da colocação de Freud desta fase, ou seja, de que é a angústia que

causa a repressão. Quanto à repressão, há ainda uma outra importante contribuição teórica: é aqui que a distinção explícita entre repressão e defesa é efetuada. Defesa é conceituada como "uma designação geral para todas as técnicas das quais o ego faz uso em conflitos que possam conduzir a uma neurose" (70, p. 188), enquanto repressão passa a corresponder a um método particular de defesa. A repressão, portanto, passa a ser considerada um processo originado no ego, instância que é abordada como sendo a sede da angústia. Mais especificamente, poder-se-ia dizer agora que o sinal de angústia desencadeia os mecanismos de defesa do ego, entre os quais está situada a repressão, com o objetivo de evitar que o aparelho psíquico volte a experimentar uma angústia intolerável.

#### 6.2.4. Resolvendo a contradição

Embora tenha formalmente rejeitado sua concepção inicial de que era a repressão que gerava a angústia, Freud não pode deixar de reconhecer a presença da angústia após a repressão:

"Talvez ainda seja verdade, portanto, que na repressão a ansiedade é produzida a partir da catexia dos impulsos instintuais. Mas como podemos conciliar essa conclusão com nossa outra conclusão de que a ansiedade sentida em fobias é uma ansiedade do ego e que surge neste, e de que não parte da repressão, mas ao contrário, põe a repressão em movimento? (70, p. 132).

Pode-se perceber que embora Freud relute em abandonar totalmente sua concepção de que repressão gera angústia, não consegue encontrar a forma de conciliá-la com as conclusões a que chega em 1926.

Julgamos, entretanto, que este impasse é de natureza aparente e que reside no fato de que Freud parte de uma falsa premissa — a de considerar irreconciliáveis duas formulações que na verdade não o são. Assim, unimo-nos a outros autores (78, 89,92) no endosso da proposta de Barros, que unifica as supostamente diferentes formulações teóricas num mesmo processo, o processo psicopatogênico.

A etapa defensiva, que constitui o primeiro momento do referido processo, é comum a todas as psiconeuroses transferenciais e corresponde à formulação de 1926: frente a situações de perigo, o ego emite o sinal de angústia, que desencadeia os mecanismos de defesa (um dos quais é representado pela repressão) com o objetivo de evitar que o aparelho psíquico volte a vivenciar uma situação traumática. A etapa da escolha da psiconeurose, posterior à da defesa, é particular à Histeria de Angús-tia e corresponde à formulação inicial de Freud. Como já foi abordado (v. 5.6.), a repressão incide sobre o componente mnêmico da pulsão, retirando a quantidade de afeto a que este estava submetido. A quantidade de afeto assim liberada é forçada a buscar um novo caminho que, na Histeria de Angústia, é a transformação em angústia. Deste modo, angústia é apenas uma das transformações possíveis a que a quantidade de afeto pode ser submetida em consequência da repressão.

## 7 - CONCLUSÃO

Durante todo o presente trabalho, recorreremos a um conceito que se revelou de fundamental importância para a compreensão do afeto na obra freudiana: estamos-nos referindo ao conceito de estrutura afetiva. Entretanto, esta estrutura não é admitida com tranquilidade por grande parte dos autores psicanalíticos, a começar pelo próprio Freud, que se apresenta extremamente relutante quanto à admissão de um resíduo mnêmico para a afetividade. A rigor, o autor jamais consegue sair desse impasse. Ainda assim, os dados que permitirão o embasamento teórico do conceito foram, em sua maioria, fornecidos pelo estudo crítico de sua própria obra.

Ao chegarmos ao final do trabalho, tencionamos argumentar em prol da admissão de estruturas afetivas no Inconsciente, problema que, no fundo, motivou todo o estudo empreendido. É necessário, porém, que, paralelamente ao enfoque deste ponto, se já analisada a própria questão da estrutura afetiva. Para tanto, é nosso objetivo retomar discussões anteriores, agora sob a ótica particular da estrutura afetiva, assim como examinar novos contextos em que o conceito está particularmente envolvido.

Partimos de um ponto que, neste trabalho, temos constantemente deixado presente: a consideração de que, nos eventos psíquicos, há sempre o envolvimento de aspectos cognitivos, afetivos, volitivos e motores. De uma maneira ou de outra, Freud também trabalha com estes aspectos. Já em 1892 (8), preocupado com o problema da histeria, além de discutir idéias (aspecto cognitivo) e intenções (aspecto volitivo), aponta que:

"Os fenômenos motores de um ataque nunca são desprovidos de relação com seu conteúdo psíquico; ou eles exprimem, no seu aspecto geral, a emoção concomitante, ou eles correspondem exatamente às ações envolvidas no processo alucinatório" (p. 214),

introduzindo, assim, os aspectos afetivo e motor no evento psíquico representado pelo ataque histérico. Aliás, percebe-se aqui uma conexão entre motilidade e afetividade que sempre foi muito ressaltada por Freud:

"A afetividade manifesta-se essencialmente na descarga motora (secretora e vasomotora) resultante de uma alteração (interna) do próprio corpo do indivíduo, sem referência ao mundo externo; a motilidade, em ações que se destinam a efetuar modificações no mundo externo" (53, p.205, n2).

Ainda em 92-93, em "Um caso de cura pelo hipnotismo" (7), Freud também aborda esses aspectos, particularmente os volitivos, ao discutir a contra-vontade que aparece na histeria. Mesmo em seus últimos trabalhos, esta abordagem continua fazendo-se presente. Ao discriminar os fenômenos psíquicos, fala em "sentimentos, processos de pensamento e volições" (75, p. 182). Retor na ainda ao tema em "Algumas Lições Elementares de Psicanálise":

"Se alguém perguntar o que realmente significa 'o psíquico', será fácil responder pela enumeração de seus constituintes: nossas percepções, idéias, lembranças, sentimentos e atos volitivos — todos fazem parte do que é psíquico" (76, p. 316, grifos nossos).

Aqui, os quatro aspectos do evento psíquico encontram-se distintamente enunciados, ainda que Freud condense os aspectos volitivo e motor; a nosso ver, entretanto, percepção e memória são possibilidades referentes a qualquer um dos quatro.

Tendo conhecimento desta abordagem, vamos buscar no "Pro



jeto" (27) colocações que esclarecem um pouco mais a questão. Em bora já tenhamos empreendido uma extensa discussão desta obra (v. capítulo 3 e seção 5.4.), julgamos que vale a pena frisar que, explicitamente, Freud apenas aponta a existência de resíduos mnêmicos para o aspecto cognitivo ("produz-se a catexização de um ou de vários neurônios do pallium que corresponde à percepção do objeto", p. 422) e para o aspecto motor ("... produzem em  $\Psi$  uma imagem motora", p. 423, grifo do autor). Entretanto, ao conceituar o desejo como resíduo da experiência de satisfação, está implicitamente lidando com uma estrutura volitiva.\* Também admite uma estrutura mnêmica para o afeto ao conceituá-lo como resíduo da experiência de dor. Pois, como um evento pode ser residual, no psiquismo, a não ser através da memória? Deste modo, identificamos os quatro aspectos do evento psíquico, os quais deixaram residualmente em Pallium: a estrutura cognitiva que, quando energizada, apresenta-se como idéia; a estrutura afetiva que, quando energizada, apresenta-se como estado afetivo; a estrutura volitiva que, quando energizada, apresenta-se como impulso e a estrutura quinestésica que, quando energizada, apresenta-se como imagem motora. Tais estruturas mnêmicas são estruturas neurais cuja especificidade é conferida pela sequência de vias seguidas pela excitação em seu curso.

Mas não foi apenas no contexto do "Projeto" que a admis

\* Posteriormente, o assunto da estrutura volitiva volta a ser abordado. Na "Carta 61", de 1897, Freud descreve os impulsos como "estruturas psíquicas", ou seja, "fragmentos mnêmicos" (23, p. 335).

são de uma estrutura mnêmica para a afetividade revelou-se de vital importância. Na teoria da defesa (v. seção 5.3.) só foi possível a compreensão do afeto penoso, apontado por Freud, a través da estrutura afetiva. Esse afeto, que associado a uma idéia incompatibiliza-a com o ego, deflagrando uma situação de conflito, revelou ser um estado afetivo (particularmente, um estado afetivo de angústia), isto é, o resultado da catexização de uma estrutura afetiva (particularmente, uma estrutura afetiva de angústia por uma determinada quantidade de afeto). Nos sonhos (v. seção 5.5.), o problema das vicissitudes do afeto foi extensamente abordado, sempre relacionando-o com as estruturas afetivas, sem o que teriã sido impossível compreender o deslocamento, a supressão, a inversão e o reforço. Como pode haver retirada de uma catexia inconsciente, como é o caso da supressão, sem que haja um suporte mnêmico, uma estrutura afetiva inconsciente, de onde ela possa ser retirada? Ou, como um afeto que se ja apenas quantidade pode ser transformado em seu contrário? No caso do deslocamento, se não se fizer uso da estrutura afetiva, fica-se sem ter uma referência para indicar de onde para onde se desloca a catexia. No caso do reforço, também a estrutura afetiva é indispensável já que, a nosso ver, é ela que representa a fonte proibida. Quando discutimos a repressão (5.6.), sugerimos que o representante mnêmico da pulsão é impropriamente denominado por Freud de representante ideacional, pois julgamos que a pulsão faz-se representar não só pela estrutura cognitiva, mas por uma estrutura mnêmica complexa que envolve todos os aspectos psicológicos relacionados a um evento psíquico. Quanto às transformações que sofre a quantidade de afeto no processo

de repressão, viu-se que para que possa aparecer como "um afeto que de uma maneira ou de outra é qualitativamente colorido ou transformado em ansiedade" (52, p. 177), é necessário que a quantidade de afeto vá energizar outras estruturas afetivas — e novamente esbarramos no conceito. Apontamos também, em relação a prazer e desprazer (v. seção 6.1.), como a admissão da estrutura afetiva teria auxiliado Freud a resolver o intrincado problema com o qual se envolveu ao discutir esses estados afetivos. E na análise da angústia (v. seção 6.2.), esperamos ter sido bem sucedidos ao tentar deixar claro que o sinal de angústia refere-se basicamente à catexização de uma estrutura afetiva de angústia.

Mas gostaríamos de ir adiante com a discussão, abordando agora a questão da neurose obsessiva, tal como é colocada em I896 (31). Descrevendo o curso desta afecção, Freud aponta como primeiro período aquele caracterizado pela imoralidade infantil, ou seja, aquele período em que atos sexuais foram executados com prazer ou em que o sujeito teve uma participação prazerosa em atos sexuais. Este período de atividade, entretanto, é antecedido por uma fase de passividade, daí Freud apontar que sempre descobriu "um substrato de sintomas histéricos" (p. 194) nos casos analisados de neurose obsessiva. Com a maturação sexual, este primeiro período chega ao fim; contudo há agora um afeto de culpa (auto-acusação) ligado à lembrança das ações prazerosas. Em virtude da conexão com a experiência inicial passiva, acontece a repressão dessa lembrança e sua substituição por

um sintoma primário\* de defesa (conscienciosidade, vergonha, auto-désconfiança). Isto inicia o período de saúde aparente, "na realidade, de defesa bem sucedida" (p. 195). O quarto período é o do retorno do reprimido, que aponta o fracasso da defesa. A lembrança e a culpa (auto-acusação), após deformadas, reemergem na consciência:

"... o que se torna consciente como idéias e afetos obsessivos substituindo as lembranças patogênicas, no que concerne à vida consciente, são estruturas que consistem em uma concliação entre idéias reprimidas e repressoras" (p. 195, grifo do autor).

Aqui explicita-se o sintoma como formação de compromisso.

Freud aponta que há duas formas de neurose obsessiva:

- . acesso à consciência forçado apenas pela estrutura cognitiva do evento que envolve a auto-acusação. Aqui estão as idéias obsessivas típicas, que atraem toda atenção do sujeito e paralelamente às quais ele experimenta um afeto de desprazer que substitui o de auto-acusação que seria adequado à idéia obsessiva;
- . acesso à consciência forçado pelo afeto de auto-acusação ligado ao evento infantil. Aqui ocorre uma formação de compromisso entre afetos, originando os afetos obsessivos, que impõem-se ao sujeito sob a forma de vergonha, angústia hipocondríaca, angústia social, angústia religiosa, delírios de ser observado ou medo de tentação (p. 197). A estrutura cognitiva

---

\* Os termos primário e secundário, que aparecem nesse contexto, têm um sentido meramente cronológico.

pode também ser representada na consciência, ou permanecer inconsciente.

Uma vez que idéias e afetos obsessivos não se mostram eficazes para impedir o aparecimento de angústia, o ego tenta evitar que tais formações de compromisso se estabeleçam, através da defesa secundária. Se estas medidas protetoras conseguem evitar o retorno do reprimido, a obsessão é deslocada para elas, originando uma terceira forma de neurose obsessiva, representada pelos atos (p. 198) ou impulsos (p. 199) obsessivos. A defesa secundária contra a idéia obsessiva é representada pelo pensamento recorrente obsessivo, pela compulsão de testar coisas e pela mania de duvidar. Já a defesa secundária contra o afeto obsessivo abarca um amplo conjunto de medidas protetoras, tais como medidas penitenciais, medidas de precaução, medidas relacionadas ao medo de delatar-se ou para assegurar o entorpecimento da mente.

Vemos aqui Freud lidando com os quatro aspectos do evento psíquico, já que fala em idéia, afeto, ato e impulso obsessivo. No início do trabalho, confere certo privilégio à idéia obsessiva: "As idéias obsessivas são invariavelmente auto-acusações transformadas que reemergiram da repressão (...)" (p. 194, grifos do autor). Posteriormente, em 1909, a afirmação provoca um comentário do autor. Critica-se por ter feito uma colocação que unifica demais o processo, caindo na tendência dos próprios neuróticos obsessivos que

"... aglomeram sob a designação de 'idéias obsessivas' as mais heterogêneas estruturas psíquicas. Com efeito, seria mais correto falar de 'pensar obsessivo', e esclarecer que as estruturas obsessivas podem corresponder a toda

sorte de ato psíquico. Elas podem ser classificadas como desejos, tentações, impulsos, reflexões, dúvidas, ordens ou proibições. Os pacientes esforçam-se, geralmente, por amenizar tais distinções e encarar aquilo que fica desses atos psíquicos após terem sido destituídos de seu contexto afetivo simplesmente como 'idéias obsessivas'" (42, p. 223-4).

Assim, volta a enfatizar os aspectos cognitivo, afetivo, volitivo e motor envolvidos na neurose obsessiva.

Mas um sério problema é colocado. Como se pode entender o afeto obsessivo? Se o afeto é somente quantidade, o que é que volta com o retorno do reprimido? E como Freud pode falar em afeto de auto-acusação, qualificando? Absolutamente não é razoável. Por outro lado, com a admissão da estrutura afetiva, o problema pode ser solucionado: a estrutura afetiva de auto-acusação é reprimida, inscrevendo-se no sistema Inconsciente (tem-se aqui, então, uma estrutura afetiva inconsciente) e, no caso de retorno do reprimido, estabelece um compromisso com alguma outra estrutura afetiva, impondo-se ao sujeito como um afeto obsessivo. No próprio texto em questão (31), Freud sugere a possibilidade dessa estrutura mnêmica para a afetividade ao apontar que idéias e afetos obsessivos "são estruturas" que consistem em uma conciliação entre idéias reprimidas e repressoras" (p. 195, grifo nosso). O autor não é preciso em sua colocação: seria mais apropriado dizer que idéias e afetos obsessivos são conciliações entre estruturas mnêmicas, cognitivas, no caso da idéia e afetivas, no caso do afeto. Freud, entretanto, frequen

\* O termo estrutura foi novamente utilizado na recém-efetuada citação do "Homem dos Ratos" (42, p.223-4).

temente comete esse tipo de imprecisão. Num fragmento do texto, anteriormente citado, conceitua idêia obsessiva como a auto-acusação transformada que reemergiu da repressão. Ora, idêia diz respeito à cognição, enquanto auto-acusação (culpa) a um aspecto afetivo. Não faz sentido imaginar a transformação de uma estrutura afetiva em uma outra, de natureza cognitiva.

Se estamos abordando neurose obsessiva, vale a pena discu-  
tir um mecanismo de defesa que lhe é característico: o isola-  
mento. É no primeiro artigo sobre as neuropsicoses de defesa  
que este conceito começa a ser delineado:

"Se falta a alguém, com uma disposição (ã neu-  
rose), a aptidão da conversão, mas se, entre  
tanto, a fim de rechaçar uma idêia incompati-  
vel, ele se dispõe a separá-la do afeto dela,  
então tal afeto fica obrigado a permanecer na  
esfera psíquica. A idêia, agora enfraqueci-  
da, é ainda deixada na consciência, separada  
de toda associação" (25, p. 64).

Aqui novamente aparece a confusão que Freud estabelece entre os  
aspectos quantitativo e qualitativo do afeto. Uma primeira lei-  
tura do trecho citado sugere-se que o autor estaria se referin-  
do à quantidade de afeto, a qual seria desligada da estrutura cog-  
nitiva para, posteriormente, ir-se ligar a uma outra estrutura  
cognitiva. Mas, se Freud está lidando com quantidade de afeto,  
então o isolamento confunde-se com a repressão já que é esta que,  
conforme ele vai apontar em 1915 (52), separa a quantidade de  
afeto da estrutura mnêmica. E, em 1926, o autor aponta clara-  
mente que o isolamento é uma técnica que representa uma substi-  
tuta óbvia da repressão (70, cf. p. 142). Isso nos conduz nova-  
mente a lançar mão da estrutura afetiva para que possamos com-  
preender em que consiste o isolamento é, no que ele se distin-

que da repressão. Já vimos que a pulsão tem um representante mnêmico e um representante quantitativo, energético (quantidade de afeto). Na repressão, ocorre a decatexização do representante mnêmico da pulsão, ficando reprimidas as estruturas cognitivas, afetiva, volitiva e quines-tésica; o modo pelo qual a quantidade de afeto liberada será aproveitada é que define qual o tipo de neurose que vai ocorrer. No isolamento, não há retirada de quantidade de afeto: tanto idéia como estado afetivo continuam conscientes, só que ocorre uma rutura entre as vias facilitadas existentes entre eles, de modo que, mesmo catexizados, mantêm-se isolados entre si, de modo que um não tem mais nada a ver com o outro. Mesmo sendo característica da neurose obsessiva, esta técnica de quebra de vínculo entre engramas também está presente nas transformações dos afetos nos sonhos, particularmente em relação ao deslocamento, assim como na formação de sonhos de angústia.

Mas talvez seja na seção III de "O Inconsciente" (53) que a hesitação de Freud em relação a admitir a estrutura afetiva seja mais evidente e, por isso, gostaríamos de empreender uma análise bastante detalhada desta seção. O autor inicia o texto questionando a possibilidade de uma emoção ser inconsciente, de imediato apontando que a antítese consciente/inconsciente não se aplica ao representante quantitativo da pulsão; somente seu representante mnêmico pode registrá-la, mesmo no Inconsciente. Em seguida, coloca:

"Se o instinto não se prendeu a uma idéia ou não se manifestou como um estado afetivo nada poderemos conhecer sobre ele" (p. 203, grifo nosso).



Uma primeira leitura do trecho sugere que Freud estaria se referindo com idêia, ao representante mnêmico e com estado afetivo, ao representante quantitativo da pulsão; esta é, por exemplo, a interpretação oferecida por Green (79, p. 53-4). Entretanto, o termo que o autor utiliza é estado afetivo (Affektzustand, no original alemão), o que aponta no sentido da admissão de uma estrutura mnêmica para a afetividade; assim, somente quando as estruturas mnêmicas (cognitiva e afetiva) são energizadas por uma quantidade de afeto, apresentando-se como experiências psicológicas ideacional (idêia) e emocional (estado afetivo) é que se pode ter conhecimento da pulsão. Assim, só se pode fazer referência a uma pulsão cujo representante mnêmico é inconsciente, já que não faz sentido falar em pulsão consciente ou inconsciente. E, se o representante mnêmico da pulsão pode ser inscrito no Inconsciente, então também o pode a estrutura afetiva, enquanto componente de tal representante.

Entretanto, Freud continua apontando que a possibilidade de ser inconsciente é completamente inexistente no que diz respeito a "emoções, sentimentos e afetos" pois "faz parte da natureza de uma emoção que estejamos conscientes dela" (p. 203). Embora ele tenha acabado de fazer uso do conceito de estrutura afetiva ao falar do estado afetivo, parece que aqui arrepende-se disso, voltando a encarar o afeto apenas como afeto-descarga e afeto-percepção. Não há discussão quanto ao fato de uma percepção ser consciente, mas o termo consciente parece-nos indevidamente aplicado à descarga já que, a rigor, não é ela que é consciente — e sim sua percepção. Por outro lado, quando se fala em afeto inconsciente não se está falando num evento econômico

ou num evento perceptual, mas sim na estrutura mnêmica que é registrada no aparelho psíquico em decorrência da percepção de eventos econômicos. Freud não se dá conta disso e revela seu embaraço ao ter que reconhecer o aparecimento, na prática clínica, de estados afetivos inconscientes, tais como amor inconsciente, angústia inconsciente ou sentimento inconsciente de culpa, questionando-se sobre o sentido do emprego dessas expressões: isso não recairia na mesma incorreção teórica que falar em pulsão inconsciente? Freud reconhece que os dois casos não são idênticos:

"Em primeiro lugar, pode ocorrer que um impulso afetivo ou emocional seja sentido mas mal interpretado. Devido à repressão de seu representante adequado, é forçado a ligar-se a outra idéia, sendo então considerado pela consciência como manifestação dessa idéia. Se restaurarmos a verdadeira conexão, chamaremos o impulso afetivo original de 'inconsciente'. Contudo, seu afeto nunca foi inconsciente; o que aconteceu foi que sua idéia sofreu repressão" (p. 203-4, grifo do autor).

Em primeiro lugar, nota-se que Freud volta a se referir a afeto como quantidade de afeto, como o representante energético da pulsão, aquele que sofre vicissitudes, em consequência da repressão, mas que não é submetido a ela, isto é, não é inscrito no sistema Inconsciente. É impressionante como numa seção tão curta ele consegue usar o mesmo termo — afeto — com tantas acepções diferentes! Por outro lado, o trecho sugere que é a quantidade de afeto que, ao ligar-se à estrutura cognitiva, "colore" (52, p. 177) emocionalmente tais estruturas; isto conduziria à identificação de qualidade na energia psíquica o que, por sua vez, indicaria uma profusão de fontes somáticas que fossem responsáveis pela qualificação da energia. Conforme apon

tou-se anteriormente (v. seção 2.1.2.), Freud refere-se, em sua obra, apenas à energia libidinal, à agressiva e à neutra. O argumento de 1915 levaria à suposição de uma fonte somática para a culpa, outra para o medo, etc., o que não se articula com o contexto mais amplo da teoria freudiana; particularmente, uma discussão dessa espécie é efetuada no artigo sobre as pulsões:

"Devemos supor que os diferentes instintos (...) são também distinguidos por qualidades diferentes, e que por isso se comportam de formas qualitativamente diferentes na vida mental? Essa suposição não parece ser justificada; é muito mais provável que achemos suficiente a suposição mais simples — a de que todos os instintos são qualitativamente semelhantes e devem o efeito que causam somente à quantidade de excitação que trazem em si, ou talvez, além disso, a certas funções dessa quantidade. O que distingue uns dos outros os efeitos mentais produzidos pelos vários instintos, pode ser encontrado a partir da diferença em suas fontes" (51, p. 144, grifo do autor).

É curioso que, na própria seção III, Freud oferece uma explicação contrária: quem fornece o aspecto qualitativo do afeto é a estrutura cognitiva:

"Com frequência, contudo, o impulso instintual tem de esperar até que encontre uma idéia substitutiva no sistema Cs. O desenvolvimento do afeto pode então provir desse substituto consciente e a natureza desse substituto determina o caráter qualitativo do afeto" (p. 205-6).

Em resumo, o fato de não lidar com a estrutura afetiva faz com que Freud percorra caminhos obscuros que, estes sim, realmente não se articulam com suas demais formulações teóricas.

Retornando mais uma vez ao fragmento em questão, diríamos ainda que para que um afeto seja mal interpretado, isto é, seja percebido mas mal apercebido, a quantidade de afeto deve ligar-

-se a uma estrutura afetiva diferente da original, já que a original foi objeto da repressão. Com a restauração da conexão verdadeira, a quantidade de afeto pode voltar a energizar a estrutura afetiva anteriormente reprimida, isto é, que era inconsciente.

Freud diz também que "o emprego das expressões 'afeto inconsciente' e 'emoção inconsciente' refere-se a vicissitudes sofridas, em consequência da repressão, pelo fator quantitativo do impulso instintual" (p. 204). Conforme foi anteriormente apontado (v. seção 5.6.), não é o fator quantitativo (fator intensivo da quantidade de energia) que sofre vicissitudes, mas a própria quantidade de afeto. Assim, diríamos que as expressões afeto inconsciente e emoção inconsciente não se referem às vicissitudes do representante quantitativo da pulsão, já que a quantidade de afeto não está sujeita à repressão. Com isso, forçosamente, as expressões estão referidas à repressão do representante mnêmico da pulsão, particularmente do representante afetivo da pulsão, do mesmo modo que a expressão desejo inconsciente (36, p. 423, p. 589, p. 593; 64, p. 257; 68, p. 172; 75, p. 192) refere-se à repressão do representante mnêmico volitivo da pulsão, idéia inconsciente refere-se à repressão do representante mnêmico cognitivo da pulsão ou imagem motora inconsciente refere-se à repressão do representante mnêmico quinestésico da pulsão (cf. 53, p. 211-2, onde tal representante é implicitamente admitido por Freud).

O trecho do texto onde a hesitação de Freud a respeito da estrutura afetiva inconsciente é mais evidente aparece logo a seguir:

"... após a repressão, idéias inconscientes continuam a existir como estruturas reais no sistema Ics., ao passo que tudo o que naquele sistema corresponde aos afetos inconscientes é um início potencial impedido de se desenvolver" (p. 204).

Como já foi apontado (v. seção 4.3.), a expressão desenvolvimento do afeto (Affektentwicklung) corresponde à descarga visceral, ao afeto-descarga. Por outro lado, Freud aponta que a repressão atua, na verdade, no sentido de não permitir o desenvolvimento do afeto, ou seja, de não permitir a ocorrência da descarga visceral. Deste modo, no fragmento em questão, identificamos uma admissão implícita da existência de estruturas afetivas inconscientes já que, havendo um "início potencial" de afeto no Inconsciente, há algo representado nesse sistema, a estrutura afetiva, a qual, não recebendo catexia inconsciente (o que fica semelhante à supressão onírica, à forclusão), não se manifesta como estado afetivo inconsciente, ficando impedida de se desenvolver, de descarregar visceralmente. Mas Freud volta a negar a presença de tais estruturas no Inconsciente: "A rigor, (...), não existem afetos inconscientes", para em seguida, relutantemente, voltar a admiti-las:

"Pode, porém, muito bem haver estruturas afetivas\* no sistema Ics., que, como outras, se tornam conscientes. A diferença toda decorre do fato de que idéias são catexias — basicamente de traços de memória —, enquanto que

\* Até onde temos conhecimento, está é a única ocorrência do termo Affektbildung na obra freudiana.

os afetos e as emoções\* correspondem a processos de descarga, cujas manifestações finais são percebidas como sentimentos\*\*" (p. 204-5, grifos nossos).

Assim, como toda percepção deixa um resíduo mnêmico no aparelho psíquico, se um afeto é uma descarga que é percebida, tal percepção também deixará uma estrutura mnêmica para a afetividade. Mesmo que o afeto designasse unicamente a descarga visceral, Freud volta a trair seu embaraço em relação a este problema:

"... o afeto, de modo geral, não se apresenta até que o irromper de uma nova representação no sistema Cs. tenha sido alcançada com êxito" (p. 206, grifo nosso).

No original alemão, o termo que foi corretamente traduzido por representação é Vertretung. Se o autor estivesse seguro quanto à não existência de estruturas afetivas, parece-nos que teria voltado a utilizar Vorstellung (idéia), que costumeiramente em prega para designar o representante mnêmico da pulsão, e não um termo vago e apenas ocasionalmente usado. Deste modo, a nosso ver, o que o fragmento citado sugere é que o afeto-descarga só ocorre quando tenha sido catexizada uma estrutura afetiva.

Ainda no mesmo texto, Freud continua a discussão sobre o afeto, agora apontando que enquanto que o "controle que o sistema Cs. exerce sobre a motilidade voluntária se acha firmemente enraizado" (p. 205), a afetividade escapa parcialmente de tal controle, havendo uma luta constante entre os sistemas Cs. e Ics. pela primazia de controle sobre a afetividade. Assim, é

\* No original alemão, lê-se Affekte und Gefühle.

\*\* No original alemão, lê-se Empfindungen.

possível que a descarga visceral proceda diretamente do sistema Ics. Questionamos como isso é possível sem a existência de uma estrutura afetiva inconsciente que, catexizada, manifeste-se como um estado afetivo inconsciente e libere a descarga visceral. Como, nesse caso, Freud considera que a descarga visceral é sempre uma descarga específica de angústia, está implicitamente admitindo a existência de um estado afetivo — e, por conseguinte, de uma estrutura afetiva — inconsciente de angústia.

Isso traz novamente à tona o tema da angústia. Ao apresentá-lo, na "Conferência XXV", volta a pensar sobre o que é um afeto. Discute-o enquanto afeto-descarga e afeto-percepção, mas reconhece que isto não é suficiente para definir o afeto:

"Parecemos (...) reconhecer que o cerne que reúne a combinação que descrevemos é a repetição de alguma experiência significativa determinada. Essa impressão só poderia ser uma impressão recebida num período muito inicial, de natureza muito genérica, situada na pré-história, não do indivíduo mas da espécie. Para fazer-me mais inteligível — um estado afetivo seria formado da mesma maneira que um ataque histérico e, como este, seria o precipitado de uma experiência. Um ataque histérico pode, assim, ser equiparado a um afeto individual recentemente formado, e um afeto normal pode ser comparado à expressão de uma histeria geral que se tornou herança" (59, p. 461-2, grifo nosso).

Como a angústia é um estado afetivo, também ela apresenta o componente filogenético apontado, o qual é representado pelo fato de que esse estado afetivo reproduz um evento antigo que representou uma ameaça de perigo, perigo este que é a ameaça de castração. Esta, juntamente com outras fantasias, como as de sedução por um adulto e a de observação do coito dos pais, constituem o que Freud denomina fantasias originárias (50, p. 122; 56,

p. 303; 73, p. 430-1, p. 433). Assim, a angústia de castração é considerada como o protótipo da expressão da angústia. E

Freud aponta ainda que:

"A ansiedade não é criada novamente na repressão; é reproduzida como um estado afetivo de conformidade com uma imagem mnêmica\* já existente (...). Os estados afetivos tem-se incorporado na mente como precipitados de experiências traumáticas primeiras, e quando ocorre uma situação semelhante são revividos como símbolos mnêmicos\*\*" (70, p. 114-5, grifos nossos).

O trecho admite claramente que há um resíduo mnêmico para a angústia, uma estrutura afetiva que é registrada filogeneticamente, com suas vias de descarga visceral específicas, e que é transmitida a cada indivíduo, sendo reativada pelas experiências ontogenéticas. Se não houvesse uma estrutura afetiva, como a angústia, em particular e os afetos, em geral, poderiam ser transmitidos através das gerações? A própria expressão precipitado de uma experiência já sugere a existência de tais estruturas.

Finalmente, a formação de fobias típicas\*\*\* é um outro contexto onde a admissão da existência de estruturas afetivas revela-se indispensável. As fobias típicas comuns consistem na associação da angústia com estruturas cognitivas relativas a objetos, idéias e situações que constituem aversões que são comuns à espécie humana. Se a angústia fosse apenas uma quantidade

\* No original alemão, lê-se Erinnerungsbild.

\*\* No original alemão, lê-se Erinnerungssymbole.

\*\*\* V. seção 6.2.2. do presente trabalho.



de de energia, tal associação apenas faria com que a estrutura cognitiva se apresentasse como uma idéia, uma experiência psíquica ideacional, que até poderia ser bastante intensa mas não teria o caráter de angústia. Assim, novamente é necessária a situação de um registro mnêmico a nível de Psi Pallium, ou seja, de uma estrutura afetiva de angústia capaz de ser ativada e ligada a diferentes estruturas cognitivas. O argumento é reforçado se recordarmos que Freud acredita que o surgimento de uma fobia desse tipo ocorre, em geral, quando já houve uma experiência de perigo acompanhada de angústia. Também as fobias típicas contingentes necessitam de uma estrutura afetiva que as suporte: uma vez ocorrendo uma angústia-descarga em determinada situação, a repetição de tal situação em ocasião posterior leva ao aparecimento do estado afetivo de angústia, por um processo associativo. Assim, houve, percepção e registro mnêmico tanto da angústia-descarga quanto da situação na qual ela foi emitida: a reativação da estrutura cognitiva conduzirá, portanto, à reativação da estrutura afetiva de angústia.

Pudemos mostrar que o termo afeto não comporta um sentido único na obra freudiana e, num esforço de sistematização teórica, propusemos nove conceitos, a fim de que cada um deles remettesse exclusivamente a um único significado de afeto. Assim, lidamos com quantidade de afeto, quota de afeto, afeto-nuclear, afeto-descarga, afeto-pallium, afeto-percepção, estrutura afetiva, estado afetivo e "afeto" (tal como aparece no "Projeto para uma Psicologia Científica"). Esta discriminação de diferentes conceitos revelou-se indispensável para que pudessemos tra

balhar com o papel desempenhado pelo afeto em determinados con textos metapsicológicos com os quais o conceito encontra-se par ticularmente envolvido. Também foi vital para a discussão dos estados afetivos básicos, já que sem ela os problemas que envol vem prazer, desprazer e angústia não poderiam sequer ter sido ab abordados. Por outro lado, esperamos ter sido bem sucedidos em nossa argumentação em favor da admissão da existência de estru turas afetivas (tanto pré-conscientes como inconscientes) e, por conseguinte, da possibilidade de ocorrência de estados afe tivos inconscientes.

Ao longo de seu extenso trabalho, Freud oferece-nos um am plo material para a compreensão do psiquismo humano. Apesar dis so, verificamos que certos conceitos, na obra freudiana, apre sentam-se carentes de clareza, coerência ou sistematização. O con ceito de afeto é um deles e poucos estudos (79, 87, 88), em rela ção à relevância do tema, tem sido desenvolvidos no sentido de melhor esclarecê-lo. Julgamos, inclusive, que tais estudos po deriam ter chegado mais perto de seu objetivo de clarificação do conceito, caso seus autores houvessem partido de uma concei tuação mais precisa de afeto. Na medida em que tenhamos conse guido, dentro do modelo teórico freudiano, esclarecer alguns pro blemas relacionados à concepção de afeto, esperamos estar con tribuindo para a sistematização e o desenvolvimento da teoria psicanalítica como um todo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - BARROS, C.P. Thermodynamic and evolutionary concepts in the formal structure of Freud's metapsychology. In: Arieti, S. (ed.) The world biennial of psychiatry and psychotherapy. New York, Basic Books, 1971, v.1, p.72-111.
- 2 - \_\_\_\_\_. Contribuição à controvérsia sobre o ponto de vista econômico. Conscientia. Petrópolis, Editora Vozes, (2): 41-75, 1975.
- 3 - COUTINHO, A.M. Transferência e relação real no processo terapêutico: os fenômenos clínico-psicológicos e uma tentativa de explicação metapsicológica. Tese apresentada na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977. Mimeografada.
- 4 - FREUD, S. Histeria (1888). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977, v.1, p.79-102.
- 5 - \_\_\_\_\_. Prefácio à tradução de 'Suggestion' de Bernheim. (1888- [1888-91]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977, v.1, p.117-31.
- 6 - \_\_\_\_\_. Palavras e coisas (1891) In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1974, v.14, p.239-45.
- 7 - \_\_\_\_\_. Um caso de cura pelo hipnotismo (1892-1893). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977, v.1, p.171-85.
- 8 - \_\_\_\_\_. Esboços para a "Comunicação preliminar" de 1893. (1940-41- [1892]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977, v.1, p.207-16.

- 9 - FREUD, S. Alguns pontos para o estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas (1893-[1888-1893]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977, v.1, p.223-39.
- 10 - \_\_\_\_\_. (com Breuer, J.) Estudos sobre a histeria (1893-1895). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977, v.2.
- 11 - \_\_\_\_\_. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos históricos: uma conferência (1893). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.3, p.39-52.
- 12 - \_\_\_\_\_. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Rascunho A. (1950-[1982]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977, v.1, p.245-47.
- 13 - \_\_\_\_\_. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Rascunho B. (1950-[1893]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977, v.1, p.247-55.
- 14 - \_\_\_\_\_. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Rascunho D. (1950-[1894]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977, v.1, p.257-9.
- 15 - \_\_\_\_\_. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Carta 18 (1950-[1894]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977, v.1, p.259-61.
- 16 - \_\_\_\_\_. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Rascunho E. (1950-[1894]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977, v.1, p.261-9.

- 17 - FREUD, S. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Ras-  
cunho F. (1950-[1894]). In: Edição standard brasileira  
das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Ja-  
neiro, Imago Editora, 1977, v.1, p.269-74.
- 18 - \_\_\_\_\_. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Ras-  
cunho G. (1950-[1895]). In: Edição standard brasileira  
das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Ja-  
neiro, Imago Editora, 1977, v.1, p.275-83.
- 19 - \_\_\_\_\_. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Ras-  
cunho J. (1950-[1895]). In: Edição standard brasileira  
das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Ja-  
neiro, Imago Editora, 1977, v.1, p.295-9.
- 20 - \_\_\_\_\_. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Ras-  
cunho K. (1950-[1896]). In: Edição standard brasilei-  
ra das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de  
Janeiro, Imago Editora, 1977, v.1, p.299-311.
- 21 - \_\_\_\_\_. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Car-  
ta 52. (1950-[1896]). In: Edição standard brasileira  
das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Ja-  
neiro, Imago Editora, 1977, v.1, p.317-24.
- 22 - \_\_\_\_\_. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Ras-  
cunho L. (1950-[1897]). In: Edição standard brasileira  
das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Ja-  
neiro, Imago Editora, 1977, v.1, p.335-9.
- 23 - \_\_\_\_\_. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Car-  
ta 61. (1950-[1897]). In: Edição standard brasileira  
das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Ja-  
neiro, Imago Editora, 1977, v.1, p.334-5.
- 24 - \_\_\_\_\_. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Ras-  
cunho M. (1950-[1897]). In: Edição standard brasileira  
das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Ja-  
neiro, Imago Editora, 1977, v.1, p.339-43.

- 25 - FREUD, S. As neuropsicoses de defesa (1894). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.3, p. 57-73.
- 26 - \_\_\_\_\_. Carta (24) a Wilhelm Fliess del 25.5.1895. In: Obras Completas. Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1968, v.3, p.694-5.
- 27 - \_\_\_\_\_. Projeto para uma psicologia científica (1950-[1895]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977, v.1, p.395-506.
- 28 - \_\_\_\_\_. Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia (1895-[1894]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.3, p.89-97.
- 29 - \_\_\_\_\_. Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada "Neurose de Angústia" (1895-[1894]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.3, p.107-35.
- 30 - \_\_\_\_\_. Uma réplica às críticas do meu artigo sobre neurose de angústia (1895). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.3, p. 141-60.
- 31 - \_\_\_\_\_. Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa (1896). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.3, p.187-211.
- 32 - \_\_\_\_\_. Hereditariedade e a etiologia das neuroses. (1896). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.3, p.165-79.

- 33 - FREUD, S. A etiologia da histeria (1896). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.3, p. 217-49.
- 34 - \_\_\_\_\_. A sexualidade na etiologia das neuroses (1898). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.3, p.289-312.
- 35 - \_\_\_\_\_. Lembranças encobridoras (1899). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.3, p. 333-54.
- 36 - \_\_\_\_\_. A interpretação dos sonhos (1900). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1972, v.4 e v.5.
- 37 - \_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.7, p.123-250.
- 38 - \_\_\_\_\_. Os chistes e sua relação com o inconsciente. (1905). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977, v.8.
- 39 - \_\_\_\_\_. Delírios e sonhos na "Gradiva" de Jansen (1907-[1906]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.9, p.17-98.
- 40 - \_\_\_\_\_. Atos obsessivos e práticas religiosas (1907). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.9, p.121-31.

- 41 - FREUD, S. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (1909). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977, v.10, p.15-154.
- 42 - \_\_\_\_\_. Notas sobre um caso de neurose obsessiva (1909). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977, v.10, p.155-317.
- 43 - \_\_\_\_\_. Cinco lições de psicanálise (1910-[1909]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1970, v.11, p.13-51.
- 44 - \_\_\_\_\_. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranoides) (1911). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1969, v.12, p.23-108.
- 45 - \_\_\_\_\_. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental (1911). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1969, v.12, p.277-86.
- 46 - \_\_\_\_\_. Tipos de desencadeamento da neurose (1912). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1969, v.12, p.291-9.
- 47 - \_\_\_\_\_. Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise. (1912). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1969, v.12, p.327-34.
- 48 - \_\_\_\_\_. A disposição à neurose obsessiva - uma contribuição ao problema da escolha da neurose (1913). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1969, v.12, p.399-409.



- 49 - FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1974, v.14, p.89-119.
- 50 - \_\_\_\_\_. História de uma neurose infantil (1918-[1914]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.17, p.19-151.
- 51 - \_\_\_\_\_. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1974, v.14, p.137-62.
- 52 - \_\_\_\_\_. A repressão (1915). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1974, v.14, p.169-182.
- 53 - \_\_\_\_\_. O inconsciente (1915). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1974, v.14, p.191-233.
- 54 - \_\_\_\_\_. Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos (1917-[1915]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1974, v.14, p.253-67.
- 55 - \_\_\_\_\_. Luto e melancolia (1917-[1915]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1974, v.14, p.275-91.
- 56 - \_\_\_\_\_. Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença (1915). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1974, v.14, p.297-307.
- 57 - \_\_\_\_\_. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1917-[1916-1917]) - conferência XIV. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.15, p.419-39.

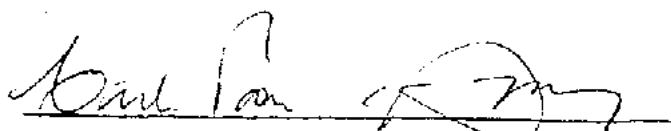
- 58 - FREUD, S. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1917 - [1916-1917]) - conferência XXIII. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.16, p.419-39.
- 59 - \_\_\_\_\_. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1917 - [1916-1917]) - conferência XXV. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.16, p.457-79.
- 60 - \_\_\_\_\_. Além do princípio do prazer (1920). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.18, p.17-85.
- 61 - \_\_\_\_\_. Psicologia de grupo e a análise do ego (1921). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.18, p.91-179.
- 62 - \_\_\_\_\_. Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na parafilia e no homossexualismo (1922). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.18, p.271-81.
- 63 - \_\_\_\_\_. O ego e o id (1923). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.19, p.23-76.
- 64 - \_\_\_\_\_. Uma breve descrição da psicanálise (1924-[1923]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.19, p.265-75.
- 65 - \_\_\_\_\_. Um estudo autobiográfico (1925-[1924]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.20, p.17-92.
- 66 - \_\_\_\_\_. O problema econômico do masoquismo (1924). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.19, p.199-212.

- 67 - FREUD, S. Uma nota sobre o "bloco mágico" (1925-[1924]).  
In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.19, p.285-90.
- 68 - \_\_\_\_\_. Algumas notas adicionais sobre a interpretação dos sonhos como um todo (1925). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.19, p.159-73.
- 69 - \_\_\_\_\_. A negativa (1925). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.19, p.295-300.
- 70 - \_\_\_\_\_. Inibições, sintomas e ansiedade (1926-[1925]).  
In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.20, p.107-98.
- 71 - \_\_\_\_\_. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1933-[1932]) - conferência XXIX. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.22, p.17-43.
- 72 - \_\_\_\_\_. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1933-[1932]) - conferência XXXI. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.22, p.75-102.
- 73 - \_\_\_\_\_. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1933-[1932]) - conferência XXXII. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.22, p. 103-38.
- 74 - \_\_\_\_\_. Análise terminável e interminável (1937). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago, Editora, 1975, v.23, p.247-87.
- 75 - \_\_\_\_\_. Esboço de psicanálise (1940-[1938]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1975, v.23, p. 169-237.

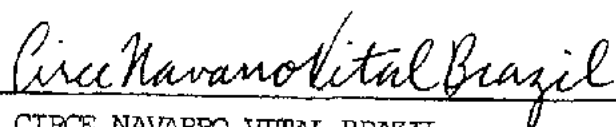
- 76 - FREUD, S. Algumas lições elementares de psicanálise (1940-[1938]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1975, v.23, p.315-21.
- 77 - \_\_\_\_\_. Sinopses da "standard edition" da obra psicológica completa de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Salamandra, 1979.
- 78 - GENESCÁ, A.M.C. Patogenia das fobias de defesa: tentativa de reconstituição do modelo freudiano. Tese apresentada na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1980. Mimeografada.
- 79 - GREEN, A. O discurso vivo: uma teoria psicanalítica do afeto. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982.
- 80 - KAPLAN, S.M. & WHITMAN, R.M. The negative ego ideal. Int. J. Psycho-Anal. London, 46(2): 183-87, 1965.
- 81 - KUSNETZOFF, J.C. Introdução à psicopatologia psicanalítica. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1982.
- 82 - LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.B. Vocabulário de psicanálise. Lisboa, Moraes Editores, 1970.
- 83 - LECLAIRE, S. A procura dos princípios para uma psicoterapia das psicoses. In: Katz, C.H. Psicose: uma leitura psicanalítica. Belo Horizonte, Interlivros, 1979.
- 84 - MACHADO COSTA, H. Da importância da fundamentação científica das práticas psicoterápicas: discussão das relações entre a psicopatologia e a psicoterapia na psicanálise de Freud. Tese de Mestrado para a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, a ser apresentada em 1983. Em preparo.
- 85 - NEVES, M.A.C.M. O conceito de sublimação na teoria psicanalítica. Rio de Janeiro, Editora Rio, 1977.
- 86 - RAPAPORT, D. Sobre la teoria psicoanalítica de los afectos. In: Gill, M.M. & Rapaport, D. Aportaciones a la teoría y técnica psicoanalítica. Mexico, Editorial Pax Mexico, 1962.

- 87 - SCHUR, M. Affects and cognition. Int. J. Psycho-Anal. London, 50: 647-53, 1969.
- 88 - SEVÁ, A.M.L. Angústia e repressão: um estudo crítico do ensaio "Inibição, sintoma e angústia". Tese apresentada na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1975. Mimeografada.
- 89 - STRACHEY, J. A relação dos "Estudos" com a psicanálise. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1974, v.2, p.23-8.
- 90 - \_\_\_\_\_ . A emergência das hipóteses fundamentais de Freud. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.3, p.75-82.
- 91 - TRESPALÁCIOS, F.P.B.M. O processo de cura na psicoterapia psicanalítica: uma tentativa de sistematizar o modelo freudiano. Tese apresentada na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1979. Mimeografada.
- 92 - TRESPALÁCIOS, R.M.P.M. Narcisismo, identificação e constituição do "ego". Tese apresentada na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1979. Mimeografada.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ,  
fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:



CARLOS PAES DE BARROS (Orientador)  
PUC/RJ - Deptº Psicologia



CIRCE NAVARRO VITAL BRAZIL  
PUC/RJ - Deptº Psicologia



MARIA APPARECIDA C. MAMELE NEVES  
PUC/RJ - Deptº Educação

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 13 de maio de 1983



VERA MARIA FERRÃO CANDAU  
Coordenadora dos Programas de  
Pós-Graduação do Centro de  
Teologia e Ciências Humanas